

À

minha querida mãe, Gentilia Manica Carletto,
exemplo de bondade e pureza que, como Lara de
Lemos, nasceu na década de 1920.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Ettore Felice e Gentilia, com muita saudade. Eles me ensinaram a honestidade, a coragem e a fé em Deus.

Ao meu esposo, Alcione que, com amor, compartilha a minha vida.

Aos meus filhos, Nathália e Gabriel, pelos livros, amor, compreensão, palavras de estímulo e por serem minha maior fonte de energia e inspiração.

À Prof^a Dr^a Cinara Ferreira Pavani, o meu respeito e admiração, pela orientação impecável, sensibilidade, pelo belo exemplo de ética, retidão, amizade, e por me apresentar os estudos de gênero e proporcionar um encontro para conhecer a escritora Lara de Lemos.

À escritora Lara de Lemos, pela valiosa literatura, pela humildade, pelo legado e pela acolhida em sua residência.

Ao coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul, Prof. Dr. José Clemente Pozenato, pela sabedoria e pela confiança.

Ao Prof. Dr. Flávio Loureiro Chaves, pelo conhecimento incessante e pelo sorriso confiante e decisivo na escolha da escritora Lara de Lemos.

À Prof^a Dr^a Cecil Jeanine Albert Zinani e ao Prof. Dr. João Claudio Arendt, pela atenção inestimável nos momentos difíceis e pelas preciosas contribuições na banca de qualificação.

Ao colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade que, por motivos de saúde, compreendeu e concedeu prorrogação na data de entrega da dissertação.

A todos os meus professores, pela competência e convivência frutífera.

À secretária Ariela, aos funcionários da UCS Farroupilha e da Biblioteca Central, pela acolhida e eficiência.

À Geni Maria Tochetto Magero (*in memoriam*) e ao Bolivar Antonio Pasqual, secretários municipais de Educação, Cultura e Desporto de Farroupilha, pelo apoio e incentivo.

Aos meus irmãos, cunhados, sogros, sobrinhos, afilhados, tios, primos e Roberto, pela amizade, pelo carinho e colaboração.

Aos amigos e colegas, pelo ombro sempre presente durante os contratempos desse período.

À Isalina, pela preocupação e pelo carinho.

À Lica, por me transmitir serenidade e por me fazer companhia.

A Deus, pela perfectibilidade ao permitir que todas essas pessoas fizessem parte da minha vida.

Passado

No caminho percorrido

Rastros antigos

Pegadas

Passos de criança

(ou de pássaros)

Antes da vida

Malograda

Lara de Lemos

RESUMO

Esta dissertação analisa crônicas do livro *Histórias sem amanhã*, de Lara de Lemos, escritas nos anos de 1950, para o Jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre, e publicadas em livro em 1963. O propósito da análise é evidenciar o modo como a autora problematiza a condição feminina, expandindo a sua discussão para a condição humana, os problemas sociais e os paradoxos da vida na cidade, buscando verificar a relação entre o particular e o universal, uma vez que os textos, ao abordar questões do cotidiano, atingem uma dimensão estética que os torna universais.

Palavras-chave: Lara de Lemos; região; marginalização; condição feminina; condição humana; problemas sociais; cidade; universal.

ABSTRACT

This dissertation analyzes some chronicles from the book *Histórias sem Amanhã*, from Lara de Lemos, written in the 1950's, to be published in *Correio do Povo* newspaper in Porto Alegre further the chronicles had been published as a novel in 1963. The purpose of this analysis is to evidence the way the author discusses the status of the female condition, expanding her argument to the human condition, social problems and paradoxes from de life in the city, searching to reflect the relationship between particular and universal, once the texts, approaching this daily issues reaching an aesthetic dimension that turns then universal.

Keywords: Lara de Lemos; region; marginalization; female condition; human condition; social problems; city; universal.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 SOBRE LARA DE LEMOS	13
3 GÊNERO E LITERATURA	16
3.1 Estudos de gênero	16
3.2 A literatura de mulheres e a crítica feminista	19
4 O PARTICULAR E O UNIVERSAL EM <i>HISTÓRIAS SEM AMANHÃ</i>	24
4.1 A condição feminina	26
4.2 A reflexão sobre a condição humana	40
4.3 Os problemas sociais	51
4.4 Os paradoxos da vida na cidade	65
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
6 REFERÊNCIAS	80
6.1 De Lara de Lemos	80
6.2 Sobre Lara de Lemos	80
6.3 Aspectos teóricos	81
ANEXOS	87

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, as mulheres escritoras, pouco visíveis antes da década de 1970, sofreram influências de uma organização social, cujos paradigmas tinham o homem como sujeito universal. Aos poucos, no entanto, elas foram lutando pelo espaço da escrita, assumindo sua autoria e autoridade discursiva e poética, deixando de ser apenas objeto da criação literária masculina. Mesmo assim, ao se examinar manuais de literatura brasileira e sul-rio-grandense e antologias mais conhecidas, poucas vezes encontramos um nome feminino antes dos anos 40 do século XX. Esse dado aponta a relevância de estudar as crônicas de Lara de Lemos, na medida em que o trabalho permitirá resgatar e divulgar a produção literária de uma escritora gaúcha que teve um papel social importante no cenário cultural brasileiro, a partir da segunda metade do século XX.

Além de escassos, os estudos mencionados enfocam exclusivamente as obras de poesia da escritora, o que denota uma lacuna no que se refere à sua produção em prosa. Desse modo, esta dissertação propõe a análise das crônicas de *Histórias sem amanhã* (1963), buscando verificar a relação entre o particular e o universal, uma vez que os textos, ao abordar questões do cotidiano, atingem uma dimensão estética que os torna universais.

A obra *Histórias sem amanhã* reúne crônicas que foram inicialmente publicadas em jornais e que se configuram como literatura pela sua perenidade. Apesar de o título remeter ao caráter transitório da crônica, os textos de Lara de Lemos ainda são atuais no modo de abordar as questões humanas. Como outras mulheres, a escritora gaúcha publica seus primeiros textos em jornais, o que evidencia a importância da imprensa enquanto veículo para a divulgação dos textos de mulheres, sejam literários ou não, antes da consolidação da emancipação feminina verificada, principalmente, a partir dos anos 80 do século XX, em diferentes âmbitos da sociedade.

A escolha da obra de Lara de Lemos para estudo deve-se ao fato dela ser uma escritora, embora pouco estudada, de grande representatividade no cenário literário sul-rio-grandense e brasileiro, na medida em que desenvolve uma escrita participante e pessoal. A referência a aspectos sociais na obra de Lara parece estar relacionada à sua atuação nos acontecimentos políticos e às suas experiências enquanto mulher emancipada para a época em que começou a escrever. Para a análise das crônicas, pretende-se estabelecer relações com os

contextos social, histórico e cultural, no que diz respeito, inicialmente, à representação da condição feminina em seus textos. Depois, objetiva-se ampliar a análise, verificando como a autora representa o ser humano (independente de gênero), os problemas sociais e a vida na cidade, evidenciando dessa forma a relação entre o particular e o universal em sua escrita.

A autora faz parte de um grupo de escritores de uma região cultural que se opõe ao centro do país, fato que poderia explicar uma certa marginalização de sua literatura, reforçada pelo fato de ser uma mulher que escreve numa sociedade ainda regida por valores patriarcais. Conforme José Clemente Pozenato (2002, p. 151), uma região pode ser geográfica, se levarmos em conta os aspectos físicos e da paisagem, porém, será literária se nos debruçarmos sobre as relações sociais e sobre as características da produção literária. Neste estudo, a região é entendida como uma construção política ou da ordem das representações, o que rejeita a ideia de região apenas como espaço natural, como é vista geograficamente.

O autor afirma que “a presença de representações objectuais de caráter regional deve ser encarado como uma forma de representação objectual do particular”. Nas obras que realizam os objetivos artísticos, é atribuído um caráter de universalidade àquilo que é particular. Em termos estilísticos, o estatuto do particular figura por um processo metonímico em que a parte se apresenta como imagem do todo. “Parece, com efeito, ser este o processo fundamental de toda obra de arte, e também sua função: significar metonimicamente o universo das significações humanas” (1974, p. 17). Nessa perspectiva, François Jullien afirma que, para atingir o universal, deve-se se alçar para fora de determinado caso, ultrapassando os limites de determinada coisa ou de determinada ação, ou seja, “desabitar o imediato em que estou engajado: este aqui e agora que constitui minha adesão” (2009, p. 25).

Levando em conta a região cultural de Lara de Lemos, através das relações estabelecidas com o contexto social e histórico, analisar-se-á como a autora conceptualiza a condição feminina e como representa questões que vão além do gênero, como a condição humana, os problemas sociais e os paradoxos da cidade moderna. Desse modo, a partir do exame das representações particulares de um tempo e de um espaço determinados, buscar-se-á verificar a dimensão universal de seus textos.

O trabalho será desenvolvido em três capítulos: um biobibliográfico, um teórico e um analítico. O primeiro, intitulado “Sobre Lara de Lemos”, apresentará uma síntese biobibliográfica, apontando alguns momentos significativos da trajetória da escritora, destacando os prêmios recebidos e a fortuna crítica. A vida pública e a percurso literário da

autora são evidências de que Lara de Lemos, por ser uma mulher que nasceu na década de 1920, com muita ousadia, determinação e conhecimento, esteve à frente do seu tempo.

O segundo capítulo, que tem como título “Gênero e literatura”, é constituído de considerações sobre estudos de gênero, feminismo, literatura de mulheres e crítica feminista, sendo fundamentado teoricamente por autoras, como Ruth Sabat, Eva Alterman Blay, Joan Scott, June Hahner, Rita Schmidt, Raquel Soihet, Elaine Showalter, Cecil Jeanine Albert Zinani, Constância Lima Duarte, Liane Schneider e Zahidé Lupinacci Muzart.

Os estudos sobre gênero tem o propósito de evidenciar as identidades de gênero, sejam elas masculinas ou femininas, enquanto que a literatura feminina e a crítica feminista retratam a trajetória, os obstáculos e as inseguranças causadas pelo confinamento em que as mulheres, em geral, viveram. Foi a partir da imprensa que muitas escritoras alcançaram o reconhecimento, como Lara de Lemos que, atuando como jornalista, inicia sua produção literária publicando crônicas em jornais de Porto Alegre. O capítulo intitulado “O particular e o universal em *Histórias sem amanhã*” constitui-se da análise das crônicas subdividida em quatro seções. Nesse capítulo, objetiva-se examinar os textos de Lara de Lemos no que se refere à condição da mulher na sociedade, à condição humana, aos problemas sociais e aos paradoxos da vida na cidade. Esses temas foram eleitos para facilitar a análise, pois, muitas vezes, as crônicas abordam mais de um deles.

Para a fundamentação teórica da análise das crônicas, utilizou-se estudos sobre a identidade feminina, a sociedade patriarcal, a identidade pós-moderna, a organização social, os espaços público e privado, as relações entre o campo e a cidade, dentre os quais se destacam os seguintes autores: Carla Bassanezi, Hannah Arendt, Anthony Giddens, Liane Schneider, Stuart Hall, Richard Sennet, Gaston Bachelard, Günter Weiner, Dulce Whitaker, José Clemente Pozenato, Sandra Jatahy Pesavento, Jean-Jacques Rousseau, Edgar Morin, Simone Beauvoir, Jean-Paul Sartre, Rita Süßmuth, Yves Michaud, Cláudia Mauch, Raymond Williams, André Bueno e Rogério Lima.

Com a presente dissertação, pretende-se valorizar a literatura sul-rio-grandense, principalmente aquela produzida por mulheres, com o objetivo de resgatá-las do anonimato ao qual foram historicamente relegadas. A fim de ampliar os estudos de gênero existentes, esse trabalho volta-se para a uma autora cuja fortuna crítica é escassa e cuja obra merece divulgação, suprimindo assim uma lacuna existente no processo crítico-literário do estado e do país.

2 SOBRE LARA DE LEMOS

Lara Fallabrino Sanz Cibelli de Lemos, conhecida no meio literário como Lara de Lemos, nasceu em Porto Alegre, no dia 22 de julho de 1925, vivendo a infância e parte da juventude em Caxias do Sul com a avó materna. Iniciou sua formação universitária no curso de Geografia e História da PUCRS, graduando-se em 1945. Em 1944, casou-se com Ajadil de Lemos e teve três filhos: Adail Ivan, Wanda e Paulo Cesar. Adotou Eloí Flores da Silva, a quem considera seu quarto filho. Concluiu o curso de Pedagogia em 1951 e, em 1953, foi para os Estados Unidos, onde cursou Língua Inglesa e Literatura Contemporânea, na Southern Methodist University, em Dallas. Desquitou-se em 1959, casando-se pela segunda vez com o jornalista e publicitário Mario de Almeida em 1966, com ele permanecendo até 1976.

Em 1955, os primeiros trabalhos literários em prosa de Lara de Lemos foram publicados pela *Revista do Globo*¹: “Homem no bar” e “Mulher só”. Teve sua fase literária mais ativa no período de 1957 a 1995, em que publicou diversos livros e textos em vários periódicos. No Rio Grande do Sul, colaborou com o *Correio do Povo*, nos Cadernos de Sábado e Letras e Livros, e com a *Zero Hora*, na coluna Gente & Notícias. No Rio de Janeiro, escreveu para o *Jornal do Brasil* e *Tribuna da Imprensa*. Em Minas Gerais, publicou na *Revista Diadorim* e, em Lisboa, na revista *Colóquio-Letras*. Sua participação intensa no meio jornalístico a motivou a ingressar, em 1958, no curso de Jornalismo e Comunicação, da PUCRS. Foi professora de História Geral, do Quadro Único do Magistério Público Estadual do RS. Além de ser escritora, professora e jornalista, Lara de Lemos exerceu algumas funções administrativas junto ao Ministério da Educação e Cultura, como, por exemplo, coordenadora da Seção de Estudos de Relatórios Anuais de Estabelecimentos de Ensino Secundário, técnica em Assuntos Educacionais e funcionária do Departamento de Assuntos Universitários, no Rio de Janeiro/RJ.

Em 1964, devido aos problemas políticos e à repressão exercida pela ditadura militar, a poeta muda-se para o Rio de Janeiro/RJ, com os filhos. Foi membro do Conselho Editorial da Editora Expressão e Cultura e professora assistente de Economia Política da Faculdade

¹ A Revista do Globo foi um periódico editado quinzenalmente pela Livraria do Globo, em Porto Alegre/RS, entre 1929 e 1967.

Cândido Mendes, nos anos de 1970. Aposentada, em 1978 muda-se para um sítio em Nova Friburgo/RJ.

Em 1957, Lara de Lemos publica sua primeira obra de poesia, *Poço das águas vivas*, pela qual recebeu, no ano seguinte, o Prêmio Estadual Sagol. Em 1962, com mais oito escritores gaúchos, participa da edição *Nove do Sul*, com quatro contos, que mostram preocupação com a questão social. Esse sentimento se revela ainda no seu engajamento político e participação, em 1961, do movimento popular pela posse de João Goulart, sendo co-autora do Hino da Legalidade, letra musicada por Paulo César Pereio.

A escritora reaparece em poesia com *Canto breve*, em 1962. No ano seguinte, reúne, em *Histórias sem amanhã*, uma seleção de crônicas inicialmente publicadas em jornais. Com *Aura amara*, em 1969, ganha o Prêmio Nacional Jorge de Lima, conferido pelo Instituto Nacional do Livro. Na sequência, a autora publica as seguintes obras: *Para um rei surdo* (1973); *Amálgama* (1974), que reúne poemas dos livros de poesias anteriores; *Adaga Lavrada* (1981); *Palavravara* (1986), *Haikais* (1989), *Águas da memória* (1990), Prêmio Nacional de Poesia “Menotti del Picchia”; *Dividendos do tempo* (1995), Prêmio Açorianos de Literatura: melhor livro de poesia, em Porto Alegre; *Inventário do medo* (1997); *Lara de Lemos: antologia poética* (2002), Prêmio Açorianos de Literatura, categoria melhor livro de poesia; *Passo em falso* (2006). Em 1985, a escritora recebeu o Diploma de Mérito Cultural pelo conjunto de sua obra, concedido pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre e, em 1997, recebeu da União Brasileira de Escritores, o Diploma de Personalidade Cultural.

Lara de Lemos participou das seguintes antologias: *Poetas do Modernismo* (1972), *Palavra de mulher* (1979), *Carne viva* (1984), primeira antologia brasileira de poemas eróticos, *Poetas da Terra* (1986) e *Antologia da poesia brasileira contemporânea* (1986), publicação conjunta da Imprensa Nacional e Casa da Moeda, de Lisboa, Portugal.

Atualmente, Lara de Lemos reside na cidade do Rio de Janeiro/RJ. A fortuna crítica sobre a sua obra ainda é pequena, sendo encontrada em prefácios, apresentações das obras da autora e no estudo que integra o volume 14 da série *Autores Gaúchos*. Há duas dissertações de mestrado defendidas na PUCRS, intituladas *Lara de Lemos: um lirismo de ausência*, de Alanir Manique Pimentel e *Inventário do medo: a realidade social na poesia de Lara de Lemos*, de Evandro Wegert Caldeira. Também há a pesquisa de pós-doutorado *O íntimo e o público na obra de Lara de Lemos*, de Cinara Ferreira Pavani - UFRJ. Foram encontrados ainda dois artigos que enfocam a obra da autora: “Lara de Lemos: o tenso rememorar da ditadura militar

no Brasil”, de Kátia da Costa Bezerra e “Os pássaros na poesia de Lara: o melancólico exercício do sublime”, de Nea Maria Setúbal de Castro.

3 GÊNERO E LITERATURA

3.1 Estudos de gênero

O gênero é objeto de investigação nas diferentes áreas das Ciências Sociais, havendo nas últimas décadas, uma intensificação na produção de estudos acadêmicos que fazem referência ao gênero e suas relações. Segundo afirma Ruth Sabat, o gênero faz parte dos estudos feministas desde o final da década de 60 e tem sido abordado a partir de perspectivas que vão desde a teoria marxista até a perspectiva pós-estruturalista. Assim, não há um marco teórico único de onde partem as discussões de gênero. “Os movimentos feministas não têm a mesma posição teórica ou política e isso faz com que os direcionamentos ou estratégias de luta dos diversos grupos também sejam diferentes” (2001, p. 15).

A antropóloga Jeanine Anderson afirma que

o gênero é visto como um conjunto de elementos que incluem formas e padrões de relações sociais, práticas associadas à vida cotidiana, símbolos, costumes, identidades, vestuário, adornos e tratamento do corpo, crenças e argumentos, senso comum e outros elementos que fazem referência direta ou indiretamente a uma forma cultural específica de entender e registrar as semelhanças e diferenças entre os gêneros (1998, p. 48).

Nessa perspectiva, o conceito de gênero está relacionado ao conceito de cultura que, segundo Jayme Paviani (2004, p. 74), é “o conjunto de padrões de comportamento, crenças, costumes, obras técnicas e artísticas, conhecimentos, etc. próprios de um grupo social.” A visão de mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais resultam de uma herança cultural, ou seja, são o produto da operação de uma determinada cultura (LARAIA, 2003, p. 68). Isso denota que as relações de gênero observadas em uma determinada sociedade são condicionadas pela cultura que nela se manifesta e a constitui. Portanto, estudar gênero significa estudar um aspecto da cultura.

O gênero liga-se também à noção de identidade que, segundo Kathryn Woodward, é moldada pela cultura. Conforme a autora, a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo

específico de subjetividade. A forma como os indivíduos vivem sua sexualidade é mediada pelos significados culturais sobre a sexualidade que são produzidos por meio de sistemas dominantes de representação (2000, p. 18-19). Desse modo, como representação simbólica de um contexto social específico, a literatura pode se configurar tanto como uma forma de reprodução das representações de gênero estereotipadas, como uma forma de contestação dessas representações. Neste caso, tem-se o que se chama de literatura engajada, ou seja, aquela que propõe a problematização da identidade de gênero.

Segundo Cecil Zinani (2006, p. 94)

a identidade de gênero, proposta como uma construção cultural que verifica a especificidade de atitudes e comportamentos masculinos e femininos, procura questionar os estereótipos sociais, para que possam ser estabelecidas as bases de uma sociedade mais aperfeiçoada.

Para a autora, a identidade se estrutura através da interação do sujeito com a sociedade, na qual se manifesta pelas práticas culturais – e se organiza por meio de um sistema de representações, daí seu caráter simbólico. Uma identidade de gênero relaciona-se à possibilidade de contestar os significados dominantes, vendo além da ideologia patriarcal e dando forma às relações de gênero e às normas sociais. Assim, a participação nas relações sociais forma a subjetividade do indivíduo e as estruturas sociais são mantidas pelo papel desempenhado pelos indivíduos na sociedade.

Conforme Anderson (1998, p. 46-47), todas as pessoas e as organizações participam de um conjunto de relações de gênero e, desde muito cedo, são socializadas nesse aspecto. Assim, muitas vezes sem perceber, reproduzem ideologias e práticas sobre as relações de gênero ao longo da vida. Essas ideologias e práticas são facilmente percebidas em algumas manifestações culturais, as quais passam a reforçar tais aspectos do comportamento humano. No entanto, como as sociedades abarcam diferentes identidades, constituídas pelas diferentes experiências culturais dos indivíduos, as representações podem divergir, gerando o atrito necessário para a mudança das mentalidades. Isso explica porque se percebe uma alteração na forma de representar as relações de gênero ao longo da história.

Joan Scott aponta que o gênero é entendido como uma conexão integral entre duas proposições: gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseado em diferenças percebidas entre os sexos. Nesse sentido, o gênero é a maneira primordial de significar relações de poder. Dependendo do lugar e do tempo, essas relações se apresentam de um

modo diferenciado. Por isso, o exame da categoria de gênero é uma das possibilidades para a compreensão da estrutura social vigente no contexto de produção de uma obra (2001, p. 14).

Na perspectiva dos estudos de gênero, os comportamentos específicos dos homens e das mulheres resultam de uma construção histórica e social, desconstruindo-se, assim, a concepção de que esses aspectos têm relação com a natureza da mulher e do homem.

Conforme afirma Dauster,

a produção científica sobre gênero teve e tem grande impacto na desconstrução de estereótipos ligados a uma suposta essência ou natureza feminina. Situar a questão na especificidade do social como a produção científica vem realizando, significa “desnaturalizar” os fenômenos, ou seja, mostrar que fatores como atitudes, comportamentos, gostos, relações entre homens e mulheres são fenômenos histórica e socialmente construídos e nada têm de naturais, pois pertencem ao campo da cultura e dos sistemas de relações (2001, p. 331).

Eva Alterman Blay (2004, p. 29-30) afirma que apesar do aumento da participação da mulher em vários setores – o crescimento da escolarização feminina, a maior participação econômica, a expansão do conhecimento sobre questões sexuais, o melhor enfoque nas condições de saúde, dentre outros – não é possível afirmar que houve real mudança na condição de gênero. Considerando-se o contexto das diferentes classes sociais, observar-se-á que as mudanças foram insuficientes para modificar a hierarquia e a discriminação nas relações entre homens e mulheres, principalmente nas classes mais baixas.

Um aspecto importante a considerar nas discussões sobre gênero é o entendimento que se tem a respeito do que seja o feminismo. Para nortear a análise proposta nesta dissertação, adotaremos a perspectiva de June Hahner, segundo a qual o termo *feminismo* é utilizado tanto para fazer referência às lutas coletivas conscientemente planejadas pelas mulheres para lhes elevar o *status* na sociedade, quanto para se referir à consciência da mulher como ser humano e como ser social (2003, p. 26). Desse modo, a investigação proposta tentará observar, tanto a postura da escritora enquanto mulher, quanto a sua consciência como ser humano e ser social. Nesse sentido, cabe destacar alguns aspectos sobre a produção literária feminina e a crítica voltada a ela.

3.2 A literatura de mulheres e a crítica feminista

Muitas estudiosas, atentas a um quadro predominantemente masculino na literatura, preocuparam-se e preocupam-se em resgatar as escritoras de diferentes épocas do nosso país. Segundo Constância Lima Duarte, um enorme esforço analítico e interpretativo é necessário para reconstruir esta história, pois se as mulheres eram consideradas seres de segunda classe, na maioria das vezes, isso estava tão introjetado que elas mesmas se viam como tais. Isso explica a importância de um olhar atento e sensível para detectar as nuances da tradição literária das mulheres: o percurso, as dificuldades, os temores e as estratégias utilizadas para romper o confinamento em que viviam e, ao mesmo tempo, promover a revalorização da literatura que no passado não recebeu atenção adequada, como também dos momentos históricos que testemunharam o incremento dessa produção (s.d., p. 93).

Conforme Rita Schmidt, no Brasil, na década de 70, há um número de estudos sobre as relações entre mulher e literatura muito reduzido, porém, na década seguinte, estes foram alavancados por um número expressivo de pesquisas de vanguarda, as quais atingiram grande legitimidade acadêmica nas instituições. Essas pesquisas desencadearam discussões relacionadas à construção cultural do sujeito de gênero (masculino/feminino) nos sistemas de representação simbólica e o questionamento dos aspectos *logo* e etnocêntrico da *episteme* ocidental moderna.

Além das autoras contemporâneas, também estão sendo pesquisados nomes ausentes na historiografia oficial, os quais estão sendo resgatados, instaurando assim uma releitura da cultura e da tradição. No contexto da literatura brasileira, a negação da mulher como sujeito do discurso, exercendo funções de significação e representação foi uma realidade que perdurou até, mais ou menos, a década de 70 (1995, p. 182-183). Nesse sentido, a autora afirma que

até então, apenas três escritoras tinham recebido o merecido reconhecimento por parte da crítica: Raquel de Queiroz, Cecília Meireles e Clarice Lispector. As razões determinantes “desse esquecimento” são complexas e remetem à própria concepção de criatividade postulada pela ideologia patriarcal e generalizada sob a forma de uma premissa básica, a de que os homens criam e as mulheres simplesmente procriam. A nossa tradição estética, de base européia, tradicionalmente definiu a criação artística como um dom essencialmente masculino (1995, p. 184).

Desse modo, na literatura, como na vida, os papéis sociais e a condição geral das mulheres têm sido construídos a partir de um conjunto de valores e uma ética previamente determinada pela dominação patriarcal. Nessa perspectiva, a historiadora Rachel Soihet enfatiza que “o descrédito das correntes historiográficas polarizadas por um sujeito humano universal constitui-se num dos mais importantes ganhos na atuação das historiadoras feministas” (s.d., p. 95).

Em decorrência de uma história que considerava o homem como sujeito universal, as escritoras enfrentaram várias barreiras em relação à sua atuação no mundo da literatura. Schmidt aponta que,

na impossibilidade de reconhecer-se numa tradição literária, em que as limitações impostas pelas imagens literárias lhe apontavam o papel de musa ou criatura, o que as excluía automaticamente do processo de criação, as escritoras, especialmente as do século 19, tiveram que lutar contra as incertezas, ansiedades e inseguranças quanto ao seu papel de *autora*, quanto à sua *autoridade* discursiva para afirmar e representar determinadas realidades, ausentes ou falseadas no espelho que a cultura lhe apresentava (1995, p. 187).

Assim, ao longo dos séculos XIX e XX, desafiando e transgredindo limites tradicionais sócio-culturais, as mulheres conquistaram uma abertura que resultou no desequilíbrio de determinados estereótipos e preconceitos em relação ao seu papel social. Tanto a literatura feminina quanto a crítica feminista, nesse sentido, direta ou indiretamente, sempre estiveram ligadas a uma causa, implicando um posicionamento e um ato político perante o mundo.

De acordo com o que propõe a estudiosa norte-americana Elaine Showalter, há duas formas de crítica da literatura feminina. A primeira é ideológica e diz respeito à feminista como leitora, oferecendo leituras feministas de textos que levam em consideração as imagens e estereótipos das mulheres na literatura, as omissões e falsos juízos sobre as mulheres na crítica, e a mulher-signo nos sistemas semióticos. Nessa perspectiva, a leitura feminista pode ser uma ação intelectual libertadora, como Adrienne Rich propõe:

Uma crítica radical da literatura, feminista em seu impulso, trataria, antes de mais nada, do trabalho como um indício de como vivemos, como temos vivido, como fomos levados a nos imaginar, como nossa linguagem nos tem aprisionado, bem como liberado, como o ato mesmo de nomear tem sido até agora uma prerrogativa masculina, e de como podemos começar a ver e a

nomear – e, portanto, viver – de novo (RICH, A. Apud SHOWALTER, E. 1994, p. 26).

Para Elaine Showalter, este conflito revigorante com a literatura, que chamou de leitura feminista ou crítica feminina, em essência, é uma forma de interpretação, uma das muitas que qualquer texto irá possibilitar. Como prática crítica, a leitura feminista certamente tem exercido influência no modo como a sociedade tem pensado as relações de gênero. No campo livre de interpretação, a crítica feminina só pode concorrer com leituras alternativas, a fim de que sejam importantes para o reconhecimento das realizações das mulheres como escritoras (1994, p. 26).

A segunda forma da crítica feminista, de acordo com a autora, é o estudo da mulher como escritora, sendo que seus tópicos são a história, os estilos, os temas, os gêneros e as estruturas dos escritos de mulheres; a psicodinâmica da criatividade da mulher, a trajetória da carreira feminina individual ou coletiva; e a evolução e as leis de uma tradição literária de mulheres. A autora criou o termo *gynocritics* (ginocrítica) porque não existe um termo em inglês para este discurso crítico especializado. A ginocrítica oferece possibilidades para apreender algo concreto, duradouro e real sobre a relação da mulher com a cultura literária.

De acordo com a estudiosa, as teorias da escrita feminina usam quatro modelos de diferença: biológico, linguístico, psicanalítico e cultural. Há uma ordem sequencial na apresentação desses modelos, tendo em vista que cada um incorpora o anterior. Com seus textos, estilos e métodos de sua preferência, cada modelo representa uma escola de crítica feminista ginocêntrica e objetiva definir e diferenciar as qualidades da mulher escritora, como também dos textos femininos (1994, p. 29).

A crítica orgânica ou biológica é a manifestação mais extrema da diferença de gênero: anatomia é textualidade. A diferença entre homens e mulheres mais visível e a única que permanece é a diferença do corpo. Esse fato tem sido usado como justificativa do poder de um sexo sobre o outro. Estudar a imagem biológica na escrita feminina é importante, porém é necessário compreender que, além da anatomia, outros fatores estão envolvidos. Para entender como as mulheres conceptualizam sua situação na sociedade, as ideias que fazem referência ao corpo são fundamentais, desde que se considere que toda expressão corporal deverá ser mediada pelas estruturas linguísticas, sociais e literárias.

Segundo Showalter, as teorias linguísticas e textuais da escrita da mulher questionam se homens e mulheres usam a língua de maneira diferente e se a fala, a leitura e a escrita são

marcadas pelo gênero. Os linguistas ingleses e americanos concordam que não há evidências que sugiram que os sexos possuam uma linguagem diversa: diferenças na entonação e no uso da língua dos homens e mulheres não podem ser explicadas como duas linguagens específicas separadas. À crítica feminina cabe concentrar-se no acesso das mulheres à língua. Embora a língua seja suficiente para expressar a consciência das mulheres, sua totalidade de recursos foi-lhes negada, induzindo-as ao silêncio, à substituição de uma palavra ou expressão por outra mais agradável e a um circuito de palavras. Showalter afirma que “a literatura das mulheres ainda é assombrada pelos fantasmas da linguagem reprimida e, até que tenhamos exorcizado estes fantasmas, não é na linguagem que devemos basear nossa teoria da diferença” (1994, p. 35-39).

No que se refere aos modelos de crítica feminista baseados na psicanálise, mesmo que eles possam oferecer persuasivas leituras de textos e realçar a similaridade entre as escritas das mulheres numa diversidade de circunstâncias culturais, eles não explicam a mudança histórica, a diferença étnica ou a força que forma fatores genéricos e econômicos. Showalter conclui que “para considerar estas questões, devemos ir além da psicanálise, para um modelo de escrita feminina mais flexível e abrangente que a coloque no contexto máximo da cultura” (1994, p. 44).

A autora acredita que uma teoria baseada em um modelo da cultura da mulher pode propiciar uma forma de falar da especificidade e da diferença dos escritos femininos mais completa do que as teorias baseadas na biologia, na linguística ou na psicanálise. Ideias a respeito do corpo, da linguagem e da psique da mulher fazem parte da teoria da cultura, cuja interpretação depende dos contextos sociais nos quais essas ideias acontecem. Showalter afirma que

uma teoria cultural reconhece a existência de importantes diferenças entre as mulheres como escritoras: classe, raça, nacionalidade e história são determinantes literários tão significativos quanto gênero. Não obstante, a cultura das mulheres forma uma experiência coletiva dentro do todo cultural, uma experiência que liga as escritoras umas às outras no tempo e no espaço. É na ênfase na força que liga a cultura das mulheres que esta abordagem difere das teorias marxistas da hegemonia cultural (1994, p. 44).

Historiadores e antropólogos enfatizam que modelos androcêntricos da história e da cultura são inadequados à análise da experiência feminina. No passado, esta experiência era ignorada, no momento em que não pudesse ser enquadrada nos modelos androcêntricos. Para

Ardener, os grupos silenciados, tanto quanto os que detêm o poder, geram ideias que ordenam a realidade social inconscientemente, porém os grupos dominantes controlam as estruturas nas quais a consciência pode ser articulada. Assim, toda linguagem é a linguagem da ordem dominante, e se as mulheres falarem, precisam fazer uso dessa linguagem vigiada. Como, então, expressar-se? Além das mulheres, existem outros grupos silenciados e uma estrutura dominante determina muitas estruturas silenciadas. Uma crítica ginocêntrica situa as autoras quanto às variáveis da cultura literária, tais como os modos de produção e distribuição; as relações entre arte de elite e arte popular e as hierarquias de gênero (ARDENER, E. Apud SHOWALTER, 1994, p. 47).

Segundo Showalter, a antropologia cultural e a história social podem oferecer um diagrama da situação cultural das mulheres. Porém, a autora adverte que a crítica feminina deve usar este conceito, fazendo referência ao que as mulheres realmente escrevem e não a um ideal político, metafórico, teórico ou visionário do que as mulheres deveriam escrever (1994, p. 54).

Uma das maneiras de observar como as mulheres começaram a escrever é o exame dos textos publicados por elas em jornais de diferentes épocas. Nesse sentido, a imprensa feminina, desenvolvida no Brasil desde o século XIX, foi importante para a consolidação de um espaço de expressão. Muitos jornais foram fundados, dirigidos e escritos por mulheres. A maioria eram escritoras, professoras, mulheres letradas que tinham conhecimento em literatura e línguas estrangeiras. Esses periódicos foram avançando e as mulheres usavam a literatura para defender os escravos, pregar o direito à educação, ao voto, à igualdade diante da lei, o direito às profissões liberais, o pacifismo.

No decorrer do século XX, muitos livros foram escritos e publicados por mulheres, surgindo muitos grupos e núcleos de estudos sobre a condição feminina. O jornal foi uma das portas para o reconhecimento de muitas escritoras, como foi o caso de Lara de Lemos. A escritora gaúcha começou sua atividade literária publicando crônicas em jornais de circulação geral, como o *Correio do Povo* e a *Zero Hora*. O acesso a esses jornais certamente foi mais fácil para a autora, nos anos de 1950, porque já havia uma história de mulheres que publicaram na imprensa desde o século XIX.

4 O PARTICULAR E O UNIVERSAL EM *HISTÓRIAS SEM AMANHÃ*

O assunto da crônica está centrado em uma experiência particular do cronista enquanto observador da vida cotidiana. Normalmente, é o registro das situações que o escritor observa e daquilo que colhe em suas conversas. Segundo Elvo Clemente (2004, p. 17), a etimologia liga a crônica a *kronos*, deus do tempo, porque o que era relatado implicava uma temporalidade. Segundo Davi Arrigucci, “a crônica sempre tece a continuidade do gesto humano na tela do tempo. Lembrar e escrever: trata-se de um relato em permanente relação com o tempo, de onde tira, como memória escrita, sua matéria principal, o que fica do vivido – uma definição que se poderia aplicar igualmente ao discurso da História, a que um dia ela deu lugar” (1987, p. 51).

Para o teórico, a crônica foi uma precursora da historiografia moderna, a qual narrava fatos importantes que aconteceram, explicitando também quando ocorreram. Porém, falar em crônica, na atualidade, implica pensar em um gênero que não é mais a crônica histórica, mas um relato ou comentário de fatos do cotidiano, dos fatos atuais do noticiário dos jornais, a partir do momento que passaram a ser matéria de informação de grande tiragem, no século passado. Tornando-se seção do jornal ou da revista, não seria correto considerá-la um apêndice de jornal, pois no Brasil floresceu com dimensão estética e relativa autonomia a ponto de constituir um gênero propriamente literário (1987, p. 51 a 53).

Nessa perspectiva, Afrânio Coutinho afirma que, “na literatura brasileira, a crônica, a partir do Romantismo, alcançou um desenvolvimento e uma categoria que fazem dela uma forma literária de requintado valor estético, um gênero específico e autônomo” (2001, p. 82). A crônica atinge um alto conceito pela qualidade da escrita e pela profundidade do conteúdo, como também possibilita aos leitores uma identificação, como forma do conhecimento da realidade e da história. Como ressalta Arrigucci,

[...] ela adquire, assim, entre nós, a espessura de um texto literário, tornando-se, pela elaboração da linguagem, pela complexidade interna, pela penetração psicológica, pela força poética e pelo humor, uma forma de conhecimento de meandros sutis de nossa realidade e de nossa história. Então, a uma só vez, ela parece penetrar agudamente na substância íntima de seu tempo e esquivar-se da corrosão dos anos, como se nela se pudesse sempre renovar, aos olhos de um leitor atual, um teor de verdade íntima, humana e histórica, impresso na massa passageira dos fatos esfarelando-se na direção do passado (1987, p. 53).

Histórias sem amanhã reúne crônicas nas quais Lara de Lemos reflete sobre fatos de seu cotidiano, revelando ao leitor situações do seu tempo. Um dos primeiros aspectos tematizados na obra em análise é a questão da mulher. O universo feminino é um dos seus temas recorrentes, o que confere à sua escrita um lugar importante na literatura de autoria feminina no Rio Grande do Sul, na medida em que seus textos representam um momento de conflito em relação ao papel da mulher na sociedade. Por um lado, observa-se a busca de libertação das amarras sociais e, por outro, a insegurança gerada pelos preconceitos ainda vigentes na primeira metade do século XX em relação ao papel social da mulher. Cabe ressaltar que a autora escreve os textos de *Histórias sem amanhã* nos anos 50 do século XX, para o jornal *Correio do Povo*, publicando-os em livro em 1963.

Segundo Jorge de Sá (2001, p. 10), o jornal “nasce, envelhece e morre a cada vinte e quatro horas. Nesse contexto, a crônica também assume essa transitoriedade, dirigindo-se inicialmente a leitores apressados”. No entanto, as crônicas aqui analisadas, com temas aparentemente escritos para serem lidos e esquecidos no mesmo dia, acabam adquirindo a dimensão universal pela sua qualidade estética. Nesse sentido, como afirma Jorge de Sá, “no momento em que a crônica passa do jornal para o livro, temos a sensação de que ela superou a transitoriedade e se tornou eterna” (2001, p. 85).

As crônicas de *Histórias sem amanhã*, de Lara de Lemos, transcendem o tempo e o espaço em que foram escritas e publicadas, pelo seu caráter estético, o qual possibilita que o particular atinja a dimensão do universal. Escrevendo sob o ponto de vista feminino, evidenciado na temática e na perspectiva de alguns textos, Lara de Lemos ultrapassa a literatura empenhadamente de gênero ao abordar, além das questões relativas à condição da mulher, problemas relacionados à existência humana, à sociedade e à cidade moderna. Nesse sentido, seus textos permanecem no tempo e ultrapassam seu espaço por dar forma artística a assuntos que, ao mesmo tempo em que constituíram o cotidiano da autora, são permanentes enquanto preocupação humana.

Inicialmente, este capítulo tem o propósito de analisar as crônicas de *Histórias sem amanhã*, no que se refere à representação da mulher, a partir dos estudos de gênero e da relação com o contexto histórico e cultural em que Lara de Lemos escreveu. Depois, visa examinar as crônicas em que se evidenciam os problemas sociais, humanos e urbanos, buscando verificar como se dá a relação entre o particular e o universal na obra da escritora gaúcha.

4.1 A condição feminina

Em suas primeiras produções literárias, muitas mulheres escreveram sobre sua própria condição na sociedade. Como se observa em algumas crônicas de *Histórias sem amanhã*, Lara de Lemos explora o tema da opressão e da busca da emancipação feminina, refletindo uma das problemáticas das mulheres de seu tempo e, certamente, influenciando a visão de mundo dessas mulheres ao despertar uma consciência crítica, através da escrita jornalística.

Na crônica “Depois da chuva”, há uma tendência intimista, introspectiva, como numa viagem interior. O eixo temático é a experiência de uma mulher que questiona a sua maneira de ser, o seu estar-no-mundo. A personagem olha-se no espelho, depois sai para a rua redescobrendo coisas que havia esquecido. O olhar-se no espelho aponta o desejo de auto-conhecimento, o qual desencadeia lembranças de quando era jovem. Em sua caminhada pelas ruas da cidade, a personagem retorna ao tempo de criança, ao mesmo tempo em que observa os pássaros, as folhas e as gotas da chuva. Pensa em sua vida, estranhando ter-se tornado o que era. Ao rememorar a adolescente que fora, surpreende-se olhando as ruas arborizadas, as calçadas limpas, as crianças brincando, as janelas semi-abertas. Sentindo-se feliz e completa, começa a cantar, morde uma maçã e “prosegue para um novo encontro com o mundo”.

O título da crônica faz uma alusão ao significado da chuva enquanto símbolo de renovação e sugere a passagem a uma nova fase da vida da personagem. A primeira fase é aquela em que fora uma mulher enclausurada em si mesma, cheia de conflitos, medos e inseguranças. A segunda fase, depois da chuva, remete a uma mudança, em que a protagonista supera os monstros que tiravam o seu bem-estar. O momento em que cessa a chuva é um momento de renovação das esperanças da personagem em uma nova etapa de sua vida, mais livre e feliz.

No início do texto, o narrador em terceira pessoa enfatiza que a personagem, uma mulher madura, olha-se no espelho sem mágoas, indiciando que em outras vezes que ela se olhava no espelho, sentia-se insatisfeita: “A mulher olhou-se no espelho, sem mágoa. O corpo era largo, maternal, animado de grande vitalidade. Os seios caíam um pouco, como se estivessem cansados de carregar o próprio peso durante tanto tempo” (1963, p. 12)². A saída da protagonista para a manhã representa a saída do espaço privado para o público,

² Todas as citações de trechos das crônicas de Lara de Lemos foram retiradas de LEMOS, L. de. *Histórias sem amanhã*. Porto Alegre: Difusão de Cultura, 1963. A ortografia original das crônicas foi atualizada nas citações.

evidenciando a busca da libertação de muitas mulheres no contexto dos anos de 1950. Segundo Carla Bassanezi (2001, p. 608), durante muito tempo, a mulher desempenhou um papel de submissão, tendo sua atuação restrita ao ambiente doméstico. Suas funções na sociedade eram o bem estar dos filhos e do marido e o bom funcionamento da casa.

O estranhamento da personagem em relação ao que se tornou com a passagem dos anos revela uma tomada de consciência de sua postura de anulação: “Distanciada, tranquila como o céu daquele instante, alto e sem nuvens. Aprendera a conviver, como se não convivesse. Amava, sem nenhuma troca, todos os seres vivos, olhando suas fraquezas, suas pequenas astúcias e até as grandes maldades, com muita indulgência” (1963, p. 13). No entanto, o reconhecimento da sua anulação não é um motivo de contestação. O doar-se aos outros é visto como uma forma de não se encerrar em si mesma. “Não chegara à idade fatal da filantropia”, mas dava-se com largueza e sem lamúrias, pois tinha compreendido, também, que uma pessoa pode gastar-se inutilmente encerrada em si mesma” (1963, p. 13). A referência à idade fatal da filantropia aponta para a falta de alternativas que a idade significava para muitas mulheres. Apesar de não se sentir nessa idade, a personagem vive o impasse entre o dar-se e a busca de uma fonte de realização pessoal.

A mulher reconhece que a passagem do tempo lhe possibilitou ver a vida com novos olhos:

Rememorou a adolescente que fora, tão de olhos fechados para o bom da vida, tão querendo morrer todos os dias. Olhava, agora, as ruas arborizadas, as calçadas limpas, as crianças brincando ao longo delas e as casas com suas janelas semi-abertas, deixando vislumbrar o íntimo das camas e as pessoas que passavam aos pares, abraçadas, sentindo uma nova harmonia em todas as coisas (1963, p. 13-14).

O vislumbrar “o bom da vida”, possível à personagem graças ao seu amadurecimento, representa o início de uma nova etapa na vida social das mulheres, que deixam o seu espaço habitual e passam a buscar experiências novas fora da intimidade doméstica. Considerando-se uma mulher reencontrada, a protagonista compara-se a uma árvore, com suas raízes, seu tronco, suas folhas e seus frutos: “E era bom ser aquela mulher-árvore, firmemente plantada na terra. Deu de cantar: A felicidade é como uma gota de orvalho numa pétala de flor / brilha tranquila / depois de leve oscila / e cai como uma lágrima de amor” (1963, p. 14). A comparação com uma árvore com raízes firmes revela a autonomia conquistada pela mulher. A música cantada, cuja temática é a felicidade, evidencia a sua satisfação e o reconhecimento da beleza e da fugacidade dos bons momentos.

No final da crônica, a protagonista aproxima-se da carroça de um verdureiro para olhar o colorido dos legumes e compra uma maçã: “Mordeu a maçã e o seu perfume, sentindo o gosto da polpa nos dentes. E prosseguiu sem rumo para um novo encontro com o mundo” (1963, p. 14). A mordida à maçã alude à transgressão da Eva bíblica. Como a personagem do mito cristão, a protagonista come a maçã que representa o fruto proibido. A sexualidade da mulher, por muito tempo reprimida, começa a manifestar-se, mesmo simbolicamente e no pensamento, como fonte de prazer. Portanto, pode-se dizer que a saída da personagem para a rua simboliza o rompimento com a vida cotidiana, desprovida de prazer e de realização. Levando-se em consideração que Lara de Lemos começa a escrever no final da década de 1950 no Brasil, pode-se dizer que “Depois da chuva” representa a busca da mulher da época por novos espaços e novos papéis sociais.

Os preconceitos em relação ao comportamento feminino são bastante evidentes na crônica “O sorriso”, em que uma mulher sai à rua para fazer algumas compras e depara com um homem com corpo de atleta e com uma covinha no queixo, lembrando o ator norte-americano Kirk Douglas, paradigma de beleza masculina da época. Sentindo-se leve e estranha, a personagem esquece a lista de compras e, no seu pensamento, fixa a imagem de dois namorados de mãos dadas, um sorrindo para o outro. De repente, sente-se perturbada porque percebe que o homem a segue:

Estava confusa. Atravessou a rua com uma vontade de reestruturar-se como mulher; ser curiosa, coquete, fácil. Viver um momento bom, como quem chupa uma bala, sem ligar que a doçura acabe logo. E, ao mesmo tempo, presa numa rede de preconceitos fabricados desde a infância, que aderiam a seu corpo como um vestido impossível de ser tirado (1963, p.16).

O medo da personagem está intimamente relacionado com as dificuldades que as mulheres sentiram para conquistarem autonomia e conseguirem satisfazer seus desejos. Conforme Duarte, a maioria das mulheres brasileiras vivia enclausurada no mais recôndito dos preconceitos, sem qualquer direito que não fosse o de ceder e aquiescer sempre à vontade masculina (2006, p. 160). Essa mentalidade perdurou por muito tempo e até nossos dias a mulher sofre os resquícios de uma sociedade androcêntrica. Na época em que Lara de Lemos escreveu essa crônica, o reflexo do modelo patriarcal de sociedade estava muito presente. Este modelo é baseado na figura do pai como centro do poder. Conforme Edgar e Sedgwick (2003, p. 243), o termo “patriarcado” literalmente significa o “papel do pai”. Ele foi adotado pela maioria das teóricas feministas para se referir à forma como as sociedades são estruturadas,

valendo-se da dominação masculina sobre a mulher. Patriarcado, portanto, refere-se a formas pelas quais os recursos materiais e simbólicos (incluindo as rendas, a riqueza e o poder) são desigualmente distribuídas entre homens e mulheres, por intermédio de instituições sociais como a família, a sexualidade, o Estado, a economia, a cultura e a linguagem.

Embora desejasse encontrar naquele homem a realização amorosa, a mulher se reconhecia presa aos preconceitos quanto a um comportamento mais liberal. Ela estava vivendo um dilema: por um lado, sofria a pressão social exercida sobre as mulheres do seu tempo em relação à necessidade do casamento; por outro, não poderia demonstrar seu interesse pelo rapaz, pois essa era uma atitude condenada pela sociedade da época. A conquista só era aceita quando partisse do homem, conforme enfatiza Bassanezi ao se referir a um texto retirado do *Jornal das moças*, de 1953:

Um flerte inconsequente não prejudica o rapaz, mas encobre uma sensualidade disfarçada e pode manchar a reputação de uma moça, dizia-se às jovens nos Anos Dourados.

Além de supostamente comprometer as chances das candidatas à esposa, a prática do flerte por parte das mulheres revelava uma iniciativa feminina na conquista do homem, o que também era condenável. A iniciativa da conquista e das declarações de amor, conforme o costume, cabia ao homem (2001, p. 614).

Apesar do conflito vivenciado pela protagonista, havia uma “fome” de experiências que até então não faziam parte do seu cotidiano. Aquele homem configurou-se como uma possibilidade de mudança em sua vida: “Embora aparentemente distraída, a moça não parava de se perguntar: ele ainda te segue; o que vais fazer? Está quase na hora de voltar para casa e ainda não compraste nada. A palavra “hora” lembrou-lhe o jantar e começou a sentir um vazio no estômago, uma fome de coisas que nunca comera” (1963, p. 17).

Mesmo tentando disfarçar, seu pensamento não se desprendia do homem. A aproximação da hora do jantar e o vazio no estômago remetem à sua fome de novas experiências. Sentia-se atçada a satisfazer seu desejo e queria agir de forma diferente, mas seu medo a faz entrar em um edifício cinza:

Como o homem estivesse muito próximo, resolveu entrar num edifício cinza, que se abria na sua frente. Tomou o elevador e foi até o último andar. Lá ficou pelos corredores, num caminhar fingir, à procura de nada.

- Bem, agora ele já deve ter ido embora. E postou-se diante da porta do elevador, em aflita espera. No íntimo, desejava que ele ainda estivesse. Procurava manter a força anterior, mas se diluía em arrependimento (1963, p. 17).

A entrada em um edifício cinza reforça simbolicamente a indefinição da protagonista em relação ao modo de proceder. A cor cinzenta sugere a mistura de sentimentos que se contrapõem, como o preto e o branco, cores que formam o cinza. A subida ao último andar e o caminhar para o nada são índices da ansiedade na qual a personagem estava mergulhada. Estava com muitas dúvidas, mas no íntimo não queria perdê-lo de vista. A coragem de agir ressurgia e desaparecia, até que:

Quando o elevador abriu-se, lá estava ele aguardando na porta do edifício. Sorriu. O moço também sorriu. Um sorriso tímido de gente de fora, com enormes dentes de ouro, que brilhavam com um certo exagero, entre dois caninos amarelados.

Um pequeno horror percorreu o corpo da moça. Passou por ele rápida, fria, inalcançável (1963, p. 17).

Enfim, quando consegue agir e tomar a iniciativa sorrindo para o homem, decepciona-se, pois o seu sorriso não corresponde à sua expectativa. O sorriso que poderia ser uma forma de aproximação acabou sendo o motivo do afastamento, da repulsa. Os dentes de ouro entre dois caninos amarelados desapontam a mulher porque desconstruem a imagem de homem perfeito que vira nele quando o encontrara inicialmente. Não só a imagem idealizada do homem é desconstruída, mas principalmente o sonho de realização amorosa de uma mulher que continuava solteira: “E prosseguiu apagada para um amanhã sem nenhuma esperança, sentindo o agudo desconforto de uma mulher solteira todos os dias” (1963, p. 17).

De um modo geral, o objetivo principal das mulheres da época representada na crônica de Lara de Lemos era o casamento. Ficar solteira era uma situação socialmente inaceitável para os padrões da década de 50 e início dos anos 60. “O sorriso” revela o conflito e o sofrimento das mulheres que, constrangidas a casar para atender aos padrões de comportamento feminino esperados pela sociedade, ainda não vislumbravam a possibilidade de construir uma vida mais autônoma e voltada para si mesmas.

Nessa perspectiva, Bassanezi ressalta que o grande medo da maioria das moças era ficar solteira. O problema não era apenas a solidão; às mulheres “de família” não era permitido amenizá-la com aventuras amorosas ocasionais, teriam de se preocupar também

com o seu sustento já que, sem marido, iriam se tornar um peso à família e sofreriam com o estigma de não terem cumprido o destino feminino. Segundo a autora, uma mulher com mais de 20 anos de idade sem a perspectiva de um casamento corria o risco de ser vista como “encalhada” e, aos 25 anos, era considerada uma “solteirona” (2001, p. 619).

O final da crônica “O sorriso” está relacionado com o título da obra *Histórias sem amanhã*. A personagem cria muitas expectativas, vislumbra dias melhores, mas isso não acontece, na medida em que ela continua vivendo o drama de ser uma mulher solteira em uma sociedade que define o casamento como única possibilidade de futuro digno para as mulheres.

Tematizando o casamento, o texto “Uma esposa” narra a história de uma mulher em conflito na relação a dois. O marido, provedor das despesas da casa, era “um homem bom, honesto e generoso” (1963, p. 57). A esposa era responsável pelos afazeres domésticos, porém sentia um vazio muito grande. Esse tipo de vida não a satisfazia, pois pensava muito na mulher “que poderia ter sido” (1963, p. 57). Sabia que o casamento era a única “possível decência” (1963, p. 58) e que seu marido era honesto, por isso acreditava que só a esperança em mudar de vida já era um pecado. Assim tornou-se uma mulher limitada e infeliz, até que uma copeira foi trabalhar na casa e acabou seduzindo o seu marido. Alguns meses depois, os dois sumiram, deixando “tudo para a esposa” (1963, p. 59).

Nessa crônica, observa-se com muita clareza a influência do imaginário social das décadas de 1950 e 1960, no que se refere aos papéis masculinos e femininos. O pensamento dominante a respeito do comportamento masculino e das expectativas relativas à compreensão feminina evidenciam-se já nos primeiros parágrafos:

Ele era bom, honesto, generoso. Não esquecia nenhum detalhe, nenhuma novidade em aparelhos elétricos, nada que pudesse torná-la feliz. E ela, que sempre fora um leve pousar sobre as coisas, um distraído partir para algures, que não podia dar-se senão por momentos, sentia-se escassa, pobre, insuficiente de amor (1963, p. 57).

Segundo Bassanezi, na família modelo dos anos 50, os homens tinham poder sobre as mulheres e sustentar a esposa e os filhos era incumbência do marido. As ocupações do lar, o cuidado dos filhos e do marido, a pureza, a doçura e o instinto materno eram as características que definiam a mulher ideal. Romantismo e sensibilidade eram qualidades especificamente femininas, porém o amor não era suficiente para garantir a união conjugal, sendo que o critério principal para avaliar um “futuro bom marido” era ser honesto, ser trabalhador e

conseguir manter a família com conforto (2001, p. 608-609-618). Observa-se na crônica a sobreposição do homem sobre a mulher, a quem cabia apenas o espaço doméstico, com suas atribuições:

Daí o contínuo dar-se para merecê-lo. E a necessária separação das roupas em armários diversos com inúmeras gavetas, cada qual provida de suaves aromas e das imprescindíveis bolinhas de naftalina. Daí os menus semanais organizados de acordo com as quantidades recomendáveis de vitaminas, proteínas e sais minerais. As intermináveis listas de compras e o suplício do caderno-conta-corrente (1963, p. 57).

A expressão “dar-se para merecê-lo” sugere que, para receber a generosidade do marido, era necessário dar de si primeiro, através do cumprimento de suas obrigações de esposa. Essa troca revela como era o relacionamento entre homem e mulher na sociedade patriarcal. À mulher cabia a administração da economia e da organização doméstica. Ao homem, cabia prover o sustento da família. Porém, a vida monótona que a esposa levava não a preenchia, conforme a passagem do texto evidencia: “Às vezes, em dias de céu muito azul ou muito cinza, uma vaga nostalgia, da mulher que poderia ter sido, a habitava” (1963, p. 57). A referência aos dias de céu de muito azul ou muito cinza aponta a indefinição, o tédio, a nostalgia por não ter sido uma mulher diferente. Temia que a amplitude do céu a fizesse “pressentir a existência de muitas coisas além do que lhe era permitido ser” (1963, p. 58). O medo causado pela opressão da sociedade da época não permitia que a mulher transgredisse as regras e as normas culturalmente aceitas como normais em relação ao seu comportamento. Isso pode ser observado no seguinte fragmento:

Também o amar tentava. Mas o bom do marido, o honesto dele transformava o vago desejo em antecipados remorsos. Sabia que o casamento era a única possível decência e se envergonhava da própria fraqueza, sentindo-se frágil, frágil, vulnerável, incapaz de vencer qualquer urgência do corpo ou da alma. Até a esperança lhe parecia um pecado. Quando a comoção se alastrava depressa demais e umedecia os olhos de algum amor, ela se refugiava no canto mais escondido da casa e só aparecia depois de refeita no tranquilo sorriso hábito (1963, p. 58).

A crônica evidencia a condição da mulher em relação ao casamento na década de 50, época em que Lara de Lemos escreve. O casamento era considerado como única alternativa na vida de uma mulher, como sugere a expressão “única possível decência”. Na mentalidade

patriarcal, a mulher deve servir ao marido, aos filhos e cuidar da casa, não podendo trabalhar fora. Segundo Bassanezi (2001, p. 610), no artigo “Mulheres dos Anos Dourados”, as jovens teriam de conhecer os rapazes para casar, pois o casamento sem afeto, realizado apenas pela vontade dos pais, já estava fora de moda. Assim, a ênfase na educação para o autocontrole tornou-se mais uma preocupação social. As jovens deveriam aprender a controlar-se, distinguindo o correto do incorreto, a fim de conservar suas virtudes e de conter sua sexualidade em estreitos limites. Para Sohiet, a identidade sexual e social da mulher, através de informações de caráter restritivo sobre o corpo como “não-pode” e punitivo como “se fizer isto acontece aquilo”, molda-se para atender a um sistema de dominação familiar e social (2001, p. 389-390).

A personagem sente que seu casamento vai se desgastando com o tempo, porém continua com o marido, sustentando um casamento de aparências. Mesmo que estivesse ansiosa por um amor verdadeiro, por um relacionamento sem farsas, acaba renunciando aos seus desejos e tentando preencher o vazio interior com o apego aos animais e às coisas materiais:

E assim foi desbotando em renúncias e conseguiu ser uma esposa. Uma esposa para uso diário, sem nenhuma eficiência ou habilidade que merecesse especial referência. Limitou-se a gostar dos animais, que eram macios e tinham olhos de compreender as coisas e dos objetos de cristal, lisos, distantes e inofensivos (1963, p. 58).

O “desbotar em renúncias” remete à perda da própria identidade da mulher enquanto ser humano. As renúncias a transformam simplesmente em uma “esposa”, ou seja, um ser sem vontade própria, passivo e sem criatividade. Conforme Bassanezi, “as revistas femininas dos anos 50 divulgaram um modelo que preconizava para as mulheres o casamento, a maternidade e os afazeres domésticos como destino natural e inexorável” (2001, p. 611). Segundo a autora, na ideologia dos Anos Dourados, casar, ser mãe e dedicar-se ao lar fazia parte da essência feminina, excluindo-se assim as possibilidades de contestação. Tomar iniciativas, participar do mercado de trabalho, demonstrar força e espírito de aventura seriam vistas como características masculinas. Se a mulher não seguisse esse caminho, estaria indo contra a natureza e não poderia ser feliz ou fazer outras pessoas felizes (2001, p. 609).

Para Liane Schneider, todo processo de formação da identidade feminina foi afetado pela definição patriarcal de gênero, pois desde a Idade Média, teóricas feministas constataram que há uma estreita relação entre a mulher e a loucura. Caso as mulheres procurassem

construir sua identidade em função de si mesmas, elas seriam assim caracterizadas: insanas, loucas e desequilibradas. Demonstrar revolta e/ou resistência aos papéis estereotipados abrange também “um processo político, já que expressa todas as castrações biológicas, sexuais e intelectuais sofridas pelas mulheres ao longo dos séculos” (2000, p. 123).

Como a crônica “Uma esposa” permite observar, ao longo dos anos, a mulher enfrentou infinitas limitações, que a fizeram se sentir insatisfeita e incompleta, não lhe permitindo buscar algo que pudesse mudar a sua vida, dando-lhe novos significados. Segundo Bassanezi, as mulheres da classe média dos anos 50 são herdeiras de ideias antigas, porém sempre renovadas, de que as mulheres nascem para ser donas de casa, esposas e mães (2001, p. 608-609). Nessa crônica, a esposa acabou sofrendo por influência de um modelo de vida imposto por uma sociedade patriarcal. Para Sohiet, essa imposição social trata-se de uma modalidade de violência que, embora não compreenda atos de agressão física, decorre de uma normatização cultural, da discriminação e submissão feminina:

Assim, permaneceriam as mulheres por longo tempo sem poder dispor livremente de seu corpo, de sua sexualidade, violência que se constitui em fonte de múltiplas outras violências. Quanto aos homens, estimulou-se o livre exercício de sua sexualidade, símbolo de virilidade; na mulher tal atitude era condenada, cabendo-lhe reprimir todos os desejos e impulsos dessa natureza. Afinal, “pureza” era fundamental para a mulher, num contexto em que a imagem da Virgem Maria era o exemplo a seguir. ‘Ser virgem e ser mãe’ constituía-se no supremo ideal dessa cultura, em contraposição à ‘mãe puta’, a maior degradação e ofensa possível da qual todas desejavam escapar (2001, p. 390).

A mulher representada por Lara de Lemos na crônica “Uma esposa”, como o título sugere, consegue perceber a anulação da própria identidade, o que indicia um processo de conscientização a respeito da sua condição:

As nuvens decorriam, decorriam. Um dia o tempo apareceu no espelho. De repente, sem que se tivesse dado conta, ela estava outra. Riu-se. Era engraçado aquilo. Observava-se como quando era menina e queria descobrir nos traços das pessoas velhas como é que elas tinham sido antes. Pensou em flor murcha, parede desbotada, rio sem água. E teve raiva do tempo, que podia fazer aquilo com as pessoas, sem nenhum arrependimento (1963, p. 59).

Ao se olhar no espelho, a personagem relaciona a passagem do tempo com a decadência, com a falta de vitalidade, como sugerem as imagens da “flor murcha”, da “parede desbotada” e do “rio sem água”. Para ela, a passagem do tempo causa ressentimentos, fazendo-a sentir-se mal ao perceber que o tempo a afasta do que ela desejava ser. A passagem reforça a angústia por ter incorporado inúmeros estereótipos. Enquanto a esposa era uma pessoa frágil e não tinha compromissos mais sérios, o marido era ocupado com suas obrigações e continuava sendo assim, sem importar-se com as aparências:

Ele? Ele não. Nunca se detivera em espelhos e talvez por isso o respeitassem um pouco mais. Continuava forte, sério, ocupado. Às vezes, quando os pensamentos não se ordenavam na resposta exata, seu rosto assumia o ar aflito de um cego. Mas passava logo, e ele continuava cheio de afirmações categóricas, grave e postiço (1963, p. 59).

A comparação do marido a um cego revela a visão que a esposa tem dele. Para ela, o marido era cego a tudo o que não dizia respeito a ele mesmo, a seus interesses pessoais, o que o tornava insensível às angústias da esposa. No entanto, em meio a monotonia do casamento, não ficou insensível à presença de uma “mulata-broto”, que foi trabalhar na casa como copeira. Com seu corpo sedutor e sua voz que “enriquecia de tons de novela de rádio quando falava ao patrão” (1963, p. 59), a moça acabou conquistando-o: “Finalmente tudo virou certeza e passou a suceder claro, visível, como um fruto que houvesse amadurecido prematuramente para se tornar compreensível. Meses depois, o marido e a copeira sumiram” (1963, p. 59). Nesse trecho, observa-se que o homem acaba trocando a esposa pela empregada, confirmando a ausência de laços do casal e sua desconsideração pelos sentimentos da esposa.

A esposa, por sua vez, nunca teve coragem de assumir suas vontades, por temer a censura da sociedade preconceituosa em relação às mulheres que ousavam romper com os padrões comportamentais da época. Segundo Bassanezi, algumas revistas dos anos 50 aconselhavam as mulheres a controlarem suas frustrações, fugirem das tentações e, dominando seus impulsos, manterem fidelidade aos maridos. “O remorso, a *vergonha moral* e os riscos de perder o marido, os filhos e o respeito social não compensariam o prazer *enganoso e fortuito* da aventura-extraconjugal” (2001, p. 635).

Ao finalizar a crônica, a autora, de forma extremamente irônica, demonstra o seu inconformismo com a mediocridade de uma sociedade que tratava o homem e a mulher de

maneira distinta: “Mas o homem continuou muito bom, honesto e generoso. Deixou tudo para a esposa. Até o telefone, coisa tão difícil e necessária hoje em dia” (1963, p. 59). Este fragmento reflete o quanto a infidelidade do homem era considerada normal ou compreensível. O fato de o marido continuar mantendo a família com bens materiais é encarado como um cumprimento da sua obrigação, o que o isenta de ser recriminado, diferentemente do que aconteceria se a esposa o traísse. Para Bassanezi, “a infidelidade masculina justifica-se pelo *temperamento poligâmico* dos homens – um fator natural que, mesmo quando considerado uma *fraqueza*, merecia uma condescendência social e a compreensão das mulheres” (2001, p. 635). A expressão “Deixou tudo” enfatiza que os bens materiais só pertenciam ao homem, ele era o provedor, por isso era considerado o chefe e dono de tudo, sendo que a esposa dependia dele economicamente.

Na crônica “Na praia”, a autora narra um passeio na praia de uma avó e sua neta, destacando as reflexões despertadas por esse evento. Felizes, cada uma via o mundo do seu jeito. O que chamava a atenção da menina eram as bolas, as cores e as outras crianças, enquanto que a avó observava como as pessoas se vestiam e se comportavam. No meio dessas imagens, a mulher madura não se reconhecia com seus óculos, cabelos brancos e dentadura nova incomodando. Se não fosse o cuidado que precisava ter com sua neta, se sentiria plenamente livre. Aos cinquenta e seis anos, não precisava mais dos outros e tudo o que vivera dava-lhe uma estranha inteireza.

A mulher representada na crônica, embora livre, ainda sente-se presa às tarefas domésticas, que representam o papel secundário desempenhado ao longo de sua vida: “Sempre tinha sido assim. Primeiro obedecera aos pais, depois o marido, depois os filhos. E, mesmo quando todos tacitamente lhe haviam decretado liberdade, havia ainda os vidros que embaciavam, os móveis que se cobriam de pó e as plantas, que murchavam nos vasos à sua espera” (1963, p. 159). A liberdade tacitamente decretada pelos familiares não é suficiente para que a mulher sinta-se livre, pois, no fundo ela não havia construído um papel social diferente, através do qual pudesse se constituir enquanto sujeito. Segundo Bassanezi,

tarefas domésticas como cozinhar, lavar, passar, cuidar dos filhos e limpar a casa eram consideradas deveres exclusivamente femininos. Dentro de casa, os homens deveriam ser solicitados apenas a fazer pequenos reparos. Para as revistas da época, as mulheres não têm o direito de questionar a divisão tradicional de papéis e exigir a participação do marido nos serviços do lar – comprometeriam, com essa atitude, o equilíbrio conjugal (2001, p. 626).

Para Schneider, o sistema de gênero tem sido responsável pela desigualdade de distribuição de poder entre sujeitos femininos e masculinos e pela conseqüente opressão e discriminação vivenciada pelas mulheres como membros de grupos sociais organizados em função do sujeito masculino:

O sistema de gênero é um sistema de representação que caracteriza e dá significado ao sujeito dentro da teia social. Um dos aspectos problemáticos das organizações de gênero do sistema reside em sua organização assimétrica. O sujeito masculino é sempre definido a partir de uma posição central. Essa relação desequilibrada é resultado direto de uma visão filosófica de opostos absolutos, em que o masculino é tomado como paradigma da existência humana. O que não é masculino (ou seja, o feminino) existe apenas em relação a ele, devendo assumir posições marginais, STATUS de Outro (2000, p. 186).

No período em que esta crônica foi escrita, as escritoras expressavam a opressão e a discriminação que sofriam dentro da sociedade patriarcal, uma vez que as mulheres eram fortemente induzidas a abrir mão de sua criatividade e de sua identidade em nome da família: “Sempre se submetera, mas sentia agora que se bastava, e era preciso pouca coisa para viver: Um quarto tranquilo, retratos, alguns livros, uma cadeira de encosto, sol, uns poucos quadros, teria sido o suficiente” (1963, p. 160).

A personagem revela que, com a maturidade, passou a ser mais dona de sua vida, embora a condição de avó ainda a fizesse se sentir presa. A neta puxava-a pela mão e mais uma vez ela obedecia e pensava que não adiantara muito ter ficado velha, pois fazia sempre o que os outros queriam e não aquilo que ela realmente desejava: “Mas, a mão pequenina puxava adiante e ela obedecia mais uma vez” (1963, p. 160). Conforme afirma Bassanezi: “A esposa dos Anos Dourados era valorizada por sua suposta capacidade de indicar com a luz do seu olhar, o caminho do amor e da felicidade àqueles que a rodeavam” (2001, p. 627).

A situação representada na crônica “Na praia” remete à ideia contida no título da obra *Histórias sem amanhã*, pois embora a personagem tivesse esperanças que, ao atingir mais idade, poderia ter autonomia, acabou conformando-se com sua condição e vendo apenas na morte um momento de possível libertação, como se evidencia no último parágrafo:

Um cheiro de sal e ostras entrou-lhe pelas narinas. Olhou para longe, muito longe, onde o mar e o céu se confundem numa linha, e depois, para as próprias mãos de veias grossas, onde o sangue parecia denso e escuro. Um cansaço começou a subir de algum lugar de seu corpo. Talvez dos rins,

talvez dos pés desabituaados de caminhar, talvez do coração. E olhou o chão de areia morna como se não fosse apenas chão, mas um convite distante, possível, definitivo, à solidão e ao descanso (1963, p. 160).

Em “A mulher e a rosa”, a autora relaciona as estações do ano com a vida de uma mulher, passando de uma fase fria, sombria, para um período de calor brando, agradável e de tons claros. Com a chegada da primavera, a mulher caminha mais leve, com sensualidade, soberba e cheia de vida. Cercada de lembranças, está recomposta para o mundo, reencontrando-se em uma rosa. Renuncia as mágoas e abre-se para uma nova vida, porém, não consegue deixar de pensar na finitude de sua beleza, como a de uma rosa que murcha e encerra o seu ciclo. Sendo jovem, percebe que chama atenção dos homens, mas em alguns momentos a tristeza retorna por saber que tudo é passageiro, que o amor dos homens é momentâneo e que o final das rosas é a solidão.

Nesse texto, Lara de Lemos compara a mulher com uma rosa vermelha, flor admirada pela sua beleza, sua forma e seu perfume; símbolo do coração e do amor. Para se referir às diferentes fases da existência, a autora reporta-se às estações do ano por representarem o ritmo da vida, as etapas do desenvolvimento, desde o nascimento até a morte, ciclo que ocorre com todos os seres vivos. Ao ressaltar o fim de uma estação e o início de outra: “o inverno cansara de ser inverno e se vestira de um calor ameno e tons claros de primavera” (1963, p. 55), a escritora expressa fases distintas da vida da personagem. Em sua juventude, a mulher sente-se bela e atraente como uma rosa, porém não consegue esquecer da efemeridade desse período: “a mulher caminhava leve com a rosa. Uma grande rosa vermelha, altiva e tão bela quanto soberba. Dessas que a gente vê nos jardins murados dos palácios ou na impossibilidade das vitrinas. Pétalas úmidas, macias, mal desabrochadas e, sobretudo, transitórias” (1963, p. 55). Assim como a vida de uma rosa é efêmera, a vida de um ser humano também é. Sobre a trajetória da vida, Hanna Arendt assevera que

limitada por um começo e um fim, isto é, pelos dois supremos eventos do aparecimento e do desaparecimento do indivíduo no mundo, a vida segue sempre uma trajetória estritamente linear, cujo movimento, não obstante, é transmitido pela força motriz da vida biológica que o homem compartilha com outros seres vivos e que conserva, sempre, o movimento cíclico da natureza. A principal característica desta vida especificamente humana, cujo aparecimento e desaparecimento constituem eventos mundanos, é que ela, em si, é plena de eventos que posteriormente podem ser narrados como história e estabelecer uma biografia (2001, p. 108-109).

Reeconstruindo-se na flor, a mulher deseja esquecer as mágoas e angústias passadas e ser um anúncio de fertilidade, gerando, assim, apenas momentos prósperos: “todas as falas de tédio ou de ira deviam estar caladas dentro de si, todos os sofrimentos anteriores deslembrados, todas as cicatrizes desaparecidas, e ela, surgida na Terra para anunciar auroras, ou para lembrar florações e frutos” (1963, p. 56). A alusão à primavera remete a uma abertura da mulher à celebração da vida, representada pela aurora, pelas florações e frutos.

No entanto, a juventude é sentida pela mulher como algo transitório e a passagem do tempo como algo inexorável: “havia também em seu corpo a tristeza das coisas esgotáveis, o terrível das rosas murchas, o melancólico das tardes, o escuro presságio de uma manhã sem nenhuma flor” (1963, p. 56). Nas palavras de Anthony Giddens, Heidegger afirma que

a finitude é o que nos permite discernir o significado moral em eventos de outra maneira transitórios, o que seria negado a um indivíduo sem horizontes finitos. O “chamado da consciência” que a consciência da finitude traz estimula os homens a perceberem sua “essência temporal como seres-para-a-morte”. [...] “resolução” é a urgência que se faz sentida como a necessidade de lançar-nos no que a vida tem para oferecer antes que o tempo – para o indivíduo – “se esgote” (2003, p. 52).

Para a mulher representada na crônica, ser notada é uma forma de confirmar a sua existência, ou seja, ela só existe no momento em que o outro a percebe. Mesmo que ela tente manter-se e sentir-se sempre a mesma mulher, admirada pelo homem, ela tem consciência de que aos poucos se aproxima da velhice. Para ela, o amor do homem é transitório e passageiro “como um sopro ou uma nuvem, e o caminho das rosas – o da solidão” (1963, p. 56).

Segundo Giddens, embora as formas de representar a morte sejam distintas em cada cultura, as ansiedades sobre a finitude advindas do sistema psicológico do indivíduo são universais (2003, p. 52). Assim, ao concluir a análise, pode-se observar que um diálogo entre o particular e o universal está presente nessa crônica. A angústia pela passagem do tempo e pelas suas marcas no corpo afligem o ser humano, homem ou mulher, de todos os tempos. Trata-se de uma preocupação universal, que conduz à reflexão sobre o significado da própria vida.

As crônicas analisadas até o momento permitiram verificar que Lara de Lemos reflete sobre a condição feminina da época em que escreveu ao representar mulheres que, embora condicionadas pelo modelo patriarcal da sociedade, manifestam um desejo de mudança. A personagem de “Depois da chuva” representa a mulher madura que, tendo cumprido seu papel

de mãe e esposa, busca libertar-se sexualmente, o que é sugerido pela mordida à maçã. A protagonista de “O sorriso” tem sua tentativa de libertação frustrada, porque, na verdade, ainda estava presa aos paradigmas de sua época em relação ao comportamento feminino. As personagens de “A esposa” e “Na praia” representam mulheres que se submeteram às restrições do casamento, não conseguindo transcender sua condição, mesmo mais tarde, como no caso da segunda crônica. Já a personagem de “A mulher e a rosa” representa a mulher sozinha que, comparada a uma rosa, é objeto da admiração masculina, transitória, no entanto, porque a beleza feminina está submetida à passagem do tempo. Todas as mulheres representadas vivenciam o conflito entre o que são e o que a sociedade espera que elas sejam. Somente a primeira personagem parece encontrar uma saída para o seu impasse. Nesse sentido, o conflito feminino representado nos textos de Lara de Lemos pode ser interpretado como o embate entre a essência e a aparência, inerente à experiência humana, podendo, por isso, ser considerado universal.

4.2 A reflexão sobre a condição humana

O consumismo exacerbado, a competitividade e a pressa que caracterizam a sociedade contemporânea têm influenciado o comportamento e os sentimentos humanos. O progresso tecnológico, o individualismo, a ostentação, a preocupação em acumular riquezas causa insatisfação e um grande vazio interior. Para Lara de Lemos, “a tecnologia, hoje, está acima do homem, acima da alma, acima das coisas que antigamente a gente valorizava. Nós estamos vivendo um período de grande vazio.”³ As crônicas que serão analisadas nesta seção enfocam justamente as contingências que atingem o ser humano, independentemente de gênero ou idade, revelando a preocupação da autora com problemas da ordem do universal.

Na crônica “Da vida do homem”, Lara de Lemos caracteriza um homem, descrevendo-o como uma pessoa seca, inflexível e dura. Aparentando ser uma pessoa muito ocupada, o homem não dava atenção às flores e aos pássaros, pois detestava a benevolência com que certas pessoas tratavam essas coisas que, para ele, não tinham utilidade alguma. Também ocultava um certo rancor pelos intelectuais que nunca se preocupavam com os credores próximos, porém os flagelos noticiados eram alvo de sua preocupação.

³ Conforme entrevista concedida no Rio de Janeiro, em 14 de janeiro de 2009.

Pela descrição do homem, pode-se observar que é uma pessoa individualista e sem sensibilidade. A flor, símbolo do amor e da harmonia, e o pássaro, representação da alma que se liberta, do estado espiritual, dos anjos e do estado superior do ser, não tinham significado. Para ele, o lado material era primordial, enquanto que o espiritual não tinha importância. Nessa perspectiva, Stuart Hall afirma que

na primeira metade do século XX, um quadro mais perturbado e perturbador do sujeito e da identidade estava começando a emergir dos movimentos estéticos e intelectuais associado com o surgimento do Modernismo. Encontramos, aqui, a figura do indivíduo isolado, exilado ou alienado, colocado contra o pano de fundo da multidão ou da metrópole anônima e impessoal (2003, p. 32).

O homem respeitava todas as religiões, desde que não o afetassem com problemas metafísicos, coisas distantes como o céu, o inferno, pecados etc.: “era um homem do seu tempo, um cidadão de bem. Trabalhava mais que as oito horas regulamentares e prosperava sem nunca ter roubado mais do que o estritamente permitido” (1963, p. 115-116). Entre tantas características, ressalta-se a ostentação, apresentada como uma atitude negativa: “Sua única fraqueza era talvez aquele secreto orgulho pelo seu carro, sempre muito atual. À noite gostava de rodar com ele pela cidade em vitoriosos passeios exibitivos. Recolhia-se, em geral, antes da meia-noite e recomeçava, tudo igualzinho, no outro dia” (1963, p. 116).

Nesse fragmento, observa-se que a personagem é uma pessoa consumista, pois sempre comprava carros atuais, e mesmo que um automóvel suprisse a sua necessidade, sempre queria ostentar um carro novo e moderno. Sentia prazer em mostrá-lo para a sociedade, pois vivia num mundo de aparências. Sennet diz que os novos inventos, a geografia da velocidade e a procura de conforto levaram as pessoas ao ‘individualismo’ (1994, p. 348). A supervalorização de bens materiais, o consumo descomedido, a falta de cuidado com a natureza, o ‘ter’ prevalecendo sobre o ‘ser’ são atitudes muito comuns na sociedade contemporânea, conforme assevera Arendt:

Em nossa necessidade de substituir cada vez mais depressa as coisas mundanas que nos rodeiam, já não podemos nos dar o luxo de usá-las, de respeitar e preservar sua inerente durabilidade; temos que consumir, devorar, por assim dizer, nossas casas, nossos móveis, nossos carros, como se estes fossem as ‘boas coisas’ da natureza que se deteriorariam se não fossem logo trazidas para o ciclo infundável do metabolismo do homem com a natureza. É

como se houvésemos derrubado as fronteiras que distinguiam e protegiam o mundo, o artifício humano, da natureza, do processo biológico que continua a processar-se dentro dele, bem como os processos cíclicos e naturais que o rodeiam, entregando-lhes e abandonando a eles a já ameaçada estabilidade do mundo humano (2001, p. 138).

A comodidade do homem é perturbada quando atropela um pedestre. Numa noite chuvosa, a personagem saiu de carro e sentiu um ruído no para-lama dianteiro. Ao descer do carro, ouviu uma voz alarmada: “- O senhor o matou, não respira mais. Leve, leve depressa para o Pronto Socorro, pode ser que...” (1963, p. 116) Com suas mãos e pernas trêmulas, ajeitou o corpo no carro e foi ao hospital. Assustado, ele pensava que havia matado um homem e ao mesmo tempo tentava encontrar uma justificativa para o seu erro: “Também, estava tudo escuro e o carro que vinha na direção oposta, com os faróis altos, cegou-me” (1963, p.116). Após, ele pensou na dificuldade de enfrentar a família do homem, caso ele tivesse uma. Preocupou-se também com a possibilidade de que seu nome aparecesse na página policial. Completamente desorientado, o homem começou a questionar-se se tudo aquilo não seria um castigo divino: “Será mesmo que existe Deus? E Cristo” (1963, p. 116)? Lembrou da história da crucificação, pensou em Judas que enforcou-se, pois sentiu-se culpado pela morte de Cristo. Então pensou nele, que nunca pensara em matar ninguém, o que iria acontecer agora? Enquanto aguardava no portão do hospital, sentindo-se culpado pelo ocorrido, ouviu uma voz no carro:

- “Mas o que é que estou fazendo aqui”?

Olhou. Era o ‘cadáver’ calmamente sentado que lhe interrogava de novo: - O Senhor pode me dizer por que me trouxe para cá?

Não respondeu. Sentiu que o suor porejava-lhe as faces. Viu o ‘outro’ de uma maneira nova e feliz, com uma vontade de abraçar, de rir, de beijar, como se estivesse se descobrindo de repente (1963, p. 117).

Richard Sennet, referindo-se à obra *Howards End* de E.M. Foster, destaca que “o corpo individual pode recuperar a sensibilidade ao sentir-se deslocado ou em dificuldade” (1995, p. 327). Essa observação pode ser relacionada ao que acontece com a personagem da crônica. Somente quando o homem passa por uma situação limite, ocorre a epifania que desencadeia a consciência de sua humanidade. Conscientiza-se de que a vida de uma pessoa é muito preciosa, pois o ser humano tem muito mais valor do que ele sempre julgara. Nesse momento, ele acaba descobrindo que o primordial da vida não são os bens materiais, a ostentação, as aparências, mas que a vida, o amor, os sentimentos e as emoções são a essência

do ser. Observa-se, nesse homem, que o lado interior e espiritual do ser humano não evolui na mesma medida em que o mundo evolui tecnologicamente. Nesse sentido, segundo Arendt,

antes que aprendêssemos a dar a volta ao mundo, a circunscrever em dias e horas a esfera da morada humana, já havíamos trazido o globo à nossa sala de estar, para tocá-lo com as mãos e fazê-lo girar diante dos olhos. [...] É próprio da natureza da capacidade humana de observação só poder funcionar quando o homem se desvincilha de qualquer envolvimento e preocupação com o que está perto de si, e se retira a uma distância de tudo o que o rodeia. Quanto maior a distância entre o homem e o seu ambiente, o mundo ou a terra, mais ele pode observar e medir, e menos espaço mundano e terreno lhe restará (2001, p. 263).

O vocábulo “distância”, empregado pela teórica, pode ser relacionado com algo atípico, “distante”, algo diferente do que normalmente acontece no cotidiano da personagem da crônica. É necessário ocorrer um fato que não faz parte de suas experiências, para que o homem descubra-se como ser humano. A experiência de quase ter matado uma pessoa sensibilizou-o a ponto de ele mudar de postura diante da própria vida. Essa crônica exemplifica o uso recorrente da epifania na escrita de Lara de Lemos, o que permite compará-la à Clarice Lispector, que também escreve narrativas curtas sobre fatos cotidianos com alto grau de subjetividade.

A crônica “Um vidro 0,20 x 0,20” relata um acontecimento corriqueiro, que gera angústia e provoca reflexão na personagem. Trata-se de um pequeno vidro da porta de entrada de uma casa que quebra e cuja dificuldade de substituição causa o desconforto da sensação de estar sendo vigiado pelas pessoas que passam na rua.

A narradora inicia dizendo que ninguém fica sabendo quem quebrou o vidro da porta da casa, e as pessoas que aí passam, olham para dentro, o que gera um problema: os moradores perdem a privacidade: “A dona da casa odiava indiscrições. Começou a sentir-se uma visita na própria casa. Vestido desbotado, cabelos em desordem, a ligeira vesguice da vista direita, tudo revelado aos que passassem. Nada dos apurmos com que driblava a idade. Nem sequer os óculos escuros que disfarçavam o tempo e o defeito” (1963, p. 66). A personagem sente-se desacomodada quando sua intimidade é invadida pelo olhar alheio. Nesse sentido, observa-se uma oposição ente o ser e o parecer. O buraco do vidro revela características que não quer revelar, ou seja, na intimidade não há a preocupação com a aparência ou com a idade. Já no espaço público, existe essa preocupação com a opinião do outro. Conforme afirma Gaston Bachelard, “a casa vivida não é uma caixa inerte. O espaço

habitado transcende o espaço geométrico” (1996, p. 62). À primeira vista, a casa é um objeto com geometria rígida, feita de sólidos talhados, de vigas encaixadas e com a marca do equilíbrio deixada pelo fio de prumo. “Mas a transposição para o humano ocorre de imediato, assim que encaramos a casa como um espaço de conforto e intimidade, como um espaço que deve condensar e defender a intimidade” (1996, p. 63-64). A personagem sente-se confortável em seu espaço, onde não é preciso usar subterfúgios para mascarar a idade e os defeitos.

Além da invasão à intimidade, a falta do vidro também intensifica a insegurança das pessoas que residem na casa: “A noite era pior. Não podia dormir com aquele vidro quebrado convidando roubos. Era só enfiar o braço, espichá-lo até a fechadura, tirar o molde e no dia seguinte... O pensamento trabalhava e o sono, quando vinha, era interrompido por pesadelos, sobressaltos, coração aflito” (1963, p. 67).

A autora explora o tema da violência emergente nas cidades em processo de urbanização, como era o caso de Porto Alegre da década de 1950. Segundo Pozenato: [...] o fenômeno industrialização/urbanização que leva ao surgimento das grandes metrópoles modernas é decorrente de um projeto capitalista: “É um projeto de produção, nascido na cidade, que exigia uma concentração urbana” (2003, p. 94). Com o capitalismo, o aumento da violência e do desemprego fica incontrolável. Na avaliação de Günter Weiner, na medida em que os centros urbanos se verticalizavam, na periferia foi-se acumulando uma população cada vez mais numerosa em barracos e que fatalmente acabaria em revolta. Assim foi declarada uma guerra surda e anônima que resultou numa inesperada, mas perfeitamente explicável violência social que, por vezes, assume índices que superam os das guerras declaradas. “Nessas condições, a imagem da cidade assume aspectos anárquicos, quando não de desolação e temor” (1997, p. 234). Desse modo, como se observa na crônica em análise, a violência passa a ser uma das preocupações constantes da população em geral.

A dona da casa suporta a situação por dois dias, sendo que, no terceiro, liga para uma vidraçaria e o dono diz que só designaria alguém no final da semana, pois não poderia destacar um empregado para colocar um vidro de vinte por vinte. Observa-se que, para o dono da vidraçaria, o que prevalece são os lucros, os ganhos financeiros, não importando os riscos e o mal estar que os moradores estão sentindo. Com o sistema capitalista, as pessoas tornam-se individualistas, desumanas e insensíveis, conforme Sennet relata sobre o que E. M. Forster escreveu no livro *Howards End*. O autor faz uma reflexão sobre a transformação de Londres durante a revolução urbana. Essa revolução e seus resquícios são evidentes, principalmente nas grandes metrópoles: o que Forster procura evocar é essa apatia dos sentidos que, mesmo

sendo invisível ao turista, está presente na conduta cotidiana tipicamente urbana, “a mesma insensibilidade existente entre os ricos e os que estão na moda e nas massas empobrecidas em meio ao vazio fluxo da vida. Juntos, individualismo e velocidade amortecem o corpo moderno; não permitem que ele se vincule” (2008, p. 327).

Enquanto a reposição do vidro não acontece, a mulher sente-se muito mal, com a sensação de ser vigiada. Então, para ter privacidade, decide refugiar-se no quarto:

Refugiava-se no quarto. Lá, olhos fechados, procurava em pensamentos calmos, retomar sua solidão sem cuidados. Era inútil. A consciência de que tinha um mistério a preservar e aqueles olhos espionando do outro lado da porta a tornavam intranquila. Uma casa é lar enquanto abriga, serve de refúgio, nos esconde do indagar alheio. Assim sem vidro na vigia, sem o segredo da porta, sem o gosto da intimidade, era como o estar numa praça. Horrível (1963, p. 67).

O quarto é um ambiente íntimo no qual, em geral, encontra-se refúgio. Segundo Bachelard,

a intimidade do quarto torna-se a nossa intimidade (1996, p. 228).

[...] todo canto de uma casa, todo ângulo de um quarto, todo espaço reduzido onde gostamos de encolher-nos, de recolher-nos em nós mesmos, é, para a imaginação, uma solidão, ou seja, o germe de um quarto, o germe de uma casa.

[...] Se nos lembrarmos das horas do canto, lembramo-nos de um silêncio, de um silêncio de pensamentos.

[...] em primeiro lugar o canto é um refúgio que nos assegura um primeiro valor do ser: a imobilidade. [...] O canto é uma espécie de meia-caixa, metade paredes, metade porta (1996, p. 145-146).

Embora busque a intimidade do quarto, a personagem não encontra tranquilidade, pois sabe que sua casa está exposta ao olhar alheio. No dia seguinte, a mulher recomeça os contatos telefônicos, solicitando que reponham o vidro, porém somente no sábado atendem ao pedido. No final da crônica, acontece algo inesperado:

Agora é que vem o pior. Voltaram no outro dia, cansados de sol e pescarias. Foram buscar as chaves. A velhinha do 241 informou: o vizinho tinha viajado, a vizinha também e a empregada só voltaria segunda-feira de manhã.

Não houve outro jeito. Quebraram o vidro da vigia e arrombaram a porta.

No dia seguinte a mulher estava dependurada no telefone:
 - Aqui é a senhora do vidro vinte por vinte... (1963, p. 68).

Surpreendendo o leitor com um toque humorístico, a autora encerra a crônica apontando a continuidade do problema inicial. Nesse texto, a partir de um fato do cotidiano, a escritora observa o quanto é necessário ao ser humano ter um espaço para o seu refúgio, para a sua intimidade e para a sua segurança. Nesse sentido, percebe-se a atualidade de seus textos que, abordando temas particulares de seu tempo, transcendem seu contexto tornando-se universais.

Na crônica “Condição de pai”, Lara de Lemos relata um momento de reflexão de um homem bem sucedido, mas insatisfeito com a sua rotina, que o afasta das boas experiências da infância e do convívio autêntico com a família. Todos os dias da semana, o ritual é o mesmo: “barba, chuveiro, café, atropelo, escritório. De noite, amarfanhamento. Problemas com as crianças. Mulher reclamando um cinema. Cansaço” (1963, p. 100). Os domingos diferem dos outros dias da semana, mas também seguem um ritual: “sono comprido, chinelo, jornal, rádio, futebol” (1963, p. 100). Essa monotonia expressa no texto representa o cotidiano que geralmente é vivido pelos pais das cidades grandes.

Na crônica, o homem rememora os tempos de criança, vivenciados no campo, junto à natureza. Também lembra do circo, imbuído de emoções, sonhos, mágicas, fantasias e risos, que outrora eram intensos, o oposto às atuais vivências:

O homem aprisionava os perdidos caminhos da infância: o canto de um sabiá que a funda extinguiu, o bom dos pés num regato, ou aquele inédito espetáculo no circo. O surgimento da bailarina-primeira-paixão, quase nua sobre o dorso de um cavalo. Depois o mágico: nada aqui, nada acolá, e deste nada ele tirava flores, naipes, pássaros, coelhos – num puro mistério. Por fim, o momento culminante do trapézio: moradores do ar em perfeito equilíbrio, eles se moviam no tempo exato ao som de uma valsa antiga, enquanto o instante perigoso do desencontro habitava seu coração apertado de medo. Em todos os números os palhaços atrapalhavam. Tudo sobrando, o colarinho, as luvas, os sapatos. Olhos borrados, quase sempre murchos, bocas com enormes sorrisos pintados e as piadas, os tabefes, as quedas, os estouros (1963, p. 100-101).

As lembranças vêm acompanhadas de uma certa nostalgia pelo tempo que passou. Conforme Giddens “ser humano é saber, quase sempre, em termos de uma descrição ou outra, tanto o que se está fazendo como por que se está fazendo (2002, p. 39). Ao mesmo tempo em

que o homem recorda o tempo de sua infância, faz uma reflexão sobre o porquê de estar pensando nisso e, apesar de sua maturidade, sente-se solitário e desamparado: “Amadurecido na compreensão de si mesmo, já potencialidade, semeador de outros futuros, por que lhe vinha aquele sentimento de desamparo, de angústia, de solidão, como se estivesse colocado à margem de todas as coisas?” (1963, p. 101).

Como o homem já estava habituado a reprimir os seus sentimentos, ele disfarça essa tristeza com um falso sorriso, porque demonstrar sensibilidade seria o mesmo que revelar a sua fraqueza:

A lucidez fez com que ele sorrisse da própria tristeza. Apanhou sua angústia, limpou-a com um sopro e a recolocou em condições de uso, silenciosa e decente. Como poderia ele, um cidadão honrado e prático, ostentar um coração sensível? Sempre o fingira outro, pois bem sabia que tê-lo assim redundaria em perda, em fracasso certo (1963, p. 101).

Giddens diz que as convenções sociais produzidas e reproduzidas em nossas atividades diárias são reflexivamente monitoradas pelo agente como parte do “seguir em frente” nas diversas situações de nossas vidas” (2002, p. 39). Reprimir os sentimentos em público é uma convenção social difícil de romper. Em relação a essa repressão, Sennet afirma que

os sinais de que a entrada da personalidade individual na vida pública causa dificuldades são: o temor da demonstração involuntária dos próprios sentimentos, a superposição de um imaginário privado inadequado sobre as situações públicas; o desejo de reprimir os próprios sentimentos para se proteger em público; a tentativa de usar a passividade inerente ao silêncio como um princípio de ordem pública. O temor de demonstração de sentimentos obviamente significaria algo diferente para uma mulher que é silenciosamente observada por homens na rua e para um político ao mentir para uma platéia (1995, p. 163).

Ao agir dessa maneira, o homem cria uma barreira que o impede de expressar suas emoções, o que o torna vítima de estereótipos sociais. Sua vida restringe-se ao trabalho e seus filhos crescem sozinhos: “Negara-se a todas as comoções. Trabalhara duro. Subira depressa. Nunca se permitira renovar a meninice pela mão dos filhos, misturar-se com eles em coisas simples, como fita de mocinho, corrida, balanço, bola” (1963, p. 101). Segundo Arendt, o trabalho produz um mundo de artificialismos e difere nitidamente de qualquer ambiente

natural. Para a autora, “a condição humana do trabalho é a mundaneidade” (2001, p. 15). Observa-se que os bens e prazeres materiais não satisfazem o homem completamente, emergindo um vazio espiritual. Para Hall, “estamos permanentemente procurando a ‘identidade’ e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade”, porque buscamos o “prazer fantasiado da plenitude” (2003, p. 39). No final da crônica, o homem faz uma reflexão sobre a infância ao rememorar a felicidade que sentia na simplicidade das suas vivências e desperta para uma nova consciência. Determinado, ele diz à mulher que à noite vão ao cinema, “chamando ansioso como uma criança que, subitamente, distende os braços para uma esperada proteção” (1963, p. 102). Dessa forma, observa-se que houve uma transformação da personagem a partir da reflexão sobre a sua própria condição humana.

Na crônica “Vida difícil”, a autora reflete sobre as dificuldades enfrentadas por um menino, que vive o dilema de ser criança e ter que assumir uma postura adulta. A cronista diz que, apesar dos conflitos desse período da vida, temos vontade de dizer aos “meninos-quase-homens” que não cresçam, pois ser homem é pior, é ser uma pessoa insatisfeita, num mundo em que a competição, os interesses individuais e o desamor prevalecem.

A autora se coloca na perspectiva de um “menino-quase-homem” e descontrói a ideia de que a infância é um momento completamente feliz. Pelo contrário, também tem seus problemas e conflitos, como expressa o título “Vida difícil” e a frase inicial do texto “Ser menino-quase-homem não é sopa”.

O narrador define a vida do menino como difícil por muitos motivos e situações que precisa enfrentar. Para os mais velhos, ele é considerado um homem e dele são exigidas responsabilidades e postura de gente grande. Consequentemente, as atividades que condizem com a sua faixa etária e que deseja realizar não são permitidas. No entanto, enfrenta algumas contradições, sendo que em determinados momentos ele pretende fazer algo impróprio à sua idade e não tem permissão. Enfim, para algumas atividades ele é um homem, enquanto que para outras, ele é uma criança na visão dos adultos:

É gostar de futebol e ter que fazer ginástica sueca. É admirar histórias em quadrinhos e ter que ler (porque a professora mandou) José de Alencar e Machado de Assis. É pensar em tardes, descalço, jogando bola num campinho e passá-las, calçado, fazendo “bolo” de temas. É ouvir diariamente “já estás um homem” e ser proibido de ver filmes impróprios até quatorze anos (1963, p. 124).

Em muitas circunstâncias, o “menino-quase-homem” precisa ser sensível, inocente e puro como uma criança; em outras, como um homem adulto, reage com frieza e indiferença: “É morrer de pena de uma barata descascada (coitada, como ela ficou branca!) guardá-la com todo o carinho e muito algodão, numa caixa de sapatos e depois assistir, entusiasmado, vários assassinatos, nas *matinéés* de domingo” (1963, p. 125).

A coragem e a valentia são tidas como atributos indispensáveis aos homens, constituindo paradigmas do comportamento masculino. A autora questiona a possibilidade de não se sentir medo sendo um menino. Como todo o ser humano, as crianças também entram em conflito: “Ser menino-quase-homem é viver num dualismo de coragem (“eu juro que vou quebrar a cara dele amanhã”) e medo do escuro. A dúvida entre ser um menino “bem comportado” para os pais e “paca” para os colegas, ou “mal comportado” para os pais e o “cobrão” da turma” (1963, p. 125).

De acordo com Dulce Whitaker,

não é fácil romper com modelos prevalecentes, principalmente porque no seio da família foram usados métodos altamente eficientes para produzi-los. Temos nela um formidável processo de “programação” dos pequenos atores sociais: meninos agressivos, ativos, rebeldes x meninas meigas, passivas, suaves (1990, p. 38).

Observa-se que o menino da crônica entra em conflito, pois não sabe como deve agir. Esse fato representa o quanto é difícil, não só aos meninos como aos homens em geral, libertarem-se dos preconceitos e das convenções instituídos pela sociedade.

O conflito infantil também é abordado na crônica “Menino em férias”, em que a autora dá voz a um menino que julga ser muito difícil estar em férias, pois embora possua muita curiosidade, apetite, agilidade e instinto, não é compreendido pelos mais velhos. Um dia, ele e o amigo saem para caçar passarinho e, como não têm estilingue, decidem caçar com pedras. Há muitos pássaros nas árvores, porém eles não conseguem matá-los. Resolvem ir para casa e repentinamente ouvem um piu-piu de um filhote desajeitado e adoentado. O menino pega-o com muita atenção e leva-o para casa. Então, sua avó explica-lhe que o filhote não sobrevive longe da mãe, pois é muito novo, não sabe voar e não consegue alimentar-se sozinho. O menino sente-se inquieto, porque ele prontamente identifica-se com o passarinho, pois sabe o quanto é ruim viver sem a presença da mãe. Sai correndo com a ave, localiza o ninho e, com muita brandura, devolve-a ao seu lar.

Novamente, a escritora assume a perspectiva da criança que sente a incompreensão do adulto, principalmente durante as férias escolares, época em que os estudantes estão cheios de energia por estarem mais desocupados: “Ah, que coisa bem difícil é ser um menino em férias! Essa mistura de curiosidade, apetite, agilidade, instinto, tudo sobrando incompreendidamente” (1963, p. 63).

Para justificar a inquietação da criança, a autora ressalta como é a vida da mãe do menino. É uma mulher que trabalha fora, que participa de atividades culturais e sociais e que, quando está presente fisicamente, está com sua mente e seus pensamentos distantes. O menino sente-se triste pela ausência e pela carência da atenção materna e, identificando-se com o pássaro, sabe o quanto é sofrido não poder estar próximo e protegido pela sua mãe: “O menino começou a sentir uma coisa esquisita. Aquele “longe da mãe” apertava por dentro. Ele bem sabia como era ruim. A mãe trabalhava, a mãe ia ao cinema, a mãe tinha visitas e, às vezes, mesmo quando ele segurava sua mãe com toda força, sentia que ela não estava ali” (1963, p. 64).

Conhecendo a situação que o filhote está vivenciando, o menino sai rapidamente, no intuito de aliviar o sofrimento da ave: “Apanhou a avezinha e saiu correndo para o parque à procura de uma mãe-pássara. Nunca o jardim lhe pareceu tão grande. As árvores acumulavam. Os galhos eram altos, inalcançáveis, e as sombras se espalhavam no chão, em estranhos desenhos” (1963, p. 64). Após muito esforço e persistência, sentindo a responsabilidade de um pai, encontrou o ninho, onde carinhosamente colocou o pássaro. Foi para casa realizado, satisfeito e muito feliz: “Muito terno, como um pai recente, repôs o bichinho no berço e, de mãos vazias e coração leve, voltou aos pulos para casa” (1963, p. 65). Observa-se, dessa forma, que o menino satisfaz simbolicamente a sua própria necessidade de refúgio.

Assim como a casa simboliza o refúgio, a proteção, o bem-estar e o seio maternal para as pessoas, o ninho para as aves também possui essa significação. Segundo Bachelard, a casa é corpo e é alma, é o primeiro mundo do homem, é um grande berço. A vida inicia bem: fechada, protegida e agasalhada no seio da casa (1996, p. 26).

Observa-se, na crônica, uma equiparação entre o ninho do pássaro e a casa, pois ambos possuem características e finalidades semelhantes. A mãe-pássara é a metáfora da mãe que alça voo. Sua vida não se restringe ao cuidado da casa e dos filhos. É a mulher que estuda, trabalha fora e frequenta lugares públicos. Para o menino, ser um filhote de pássaro e estar longe do ninho é tão triste quanto ser um filho que sente falta da presença e da atenção de sua

mãe. A tematização desse conflito remete ao sentimento de culpa vivenciado pelas mulheres em seus primeiros voos rumo à emancipação. A saída do espaço doméstico para o público teve como consequência a reorganização dos papéis no âmbito familiar, processo que não foi isento de conflitos e frustrações por parte dos membros das famílias.

Nas crônicas analisadas nesta seção, observa-se a abordagem de problemas que atingem o ser humano, sem distinção de gênero, o que revela a preocupação da autora com questões que ultrapassam o feminino e o particular. Em “Da vida do homem”, o homem é ambicioso e precisa passar por uma situação limite para resgatar sua humanidade, enquanto que em “Condição de pai”, a vida do homem é tão monótona que chega um momento em que, ao relembrar a infância, ele desperta para uma nova consciência sobre o sentido da vida. Ao narrar um fato corriqueiro em “Vidro 0,20 x 0,20”, Lara de Lemos problematiza a necessidade humana de refúgio em um espaço próprio e protegido do mundo exterior. Nas crônicas “Vida difícil” e “Menino em férias”, a escritora aborda os conflitos da infância que sofre diante da incompreensão do universo adulto. Nesses textos, as personagens representam o quanto o ser humano contemporâneo é complexo, insatisfeito, insondável, tem suas necessidades, suas angústias e conflitos. Conforme Edgar Morin,

o ser humano é ao mesmo tempo singular e múltiplo. Dissemos que todo ser humano, tal como o ponto de um holograma, traz em si o cosmo. Devemos ver também que todo ser, mesmo aquele fechado na mais banal das vidas, constitui ele próprio um cosmo. Traz em si multiplicidades interiores, personalidades virtuais, uma infinidade de personagens quiméricos, uma poliexistência no real e no imaginário, no sono e na vigília, na obediência e na transgressão, no ostensivo e no secreto, balbucios embrionários em suas cavidades e profundezas insondáveis. Cada qual contém em si galáxias de sonhos e de fantasmas, impulsos de desejos e amores insatisfeitos, abismos de desgraças, imensidões de indiferença gélida, queimações de astro em fogo, acessos de ódio, desregramentos, lampejos de lucidez, tormentas dementes... (2001, p. 57).

4.3 Os problemas sociais

Lara de Lemos também aborda mais diretamente os problemas de ordem social em suas crônicas. A escritora afirma que, ao enfatizar essa temática em seus textos, sua intenção era conscientizar as pessoas para que algo fosse feito para vivermos num mundo melhor: sem

desigualdade social, sem injustiças e sem violência.⁴ Muitas de suas crônicas representam os problemas advindos das disparidades sociais verificadas no contexto em que a autora escreveu.

Na crônica “Amor próprio”, duas meninas de aparências distintas, uma bem vestida e a outra vestida de forma humilde, se encontram e começam a dialogar. A menina que está mal arrumada faz várias perguntas, sendo que a outra responde e também questiona, porém, quando a menina desarrumada responde, sempre tenta convencer a outra de que não é pobre. A menina ajeitada percebe que a outra está mentindo e, ao despedir-se, fica triste, sente-se mal porque está usando sapatos novos.

Essa crônica retrata a condição social de duas meninas em uma metrópole, sendo que uma representa a pobreza e a outra a riqueza. A desigualdade social é representada nas diferentes características que elas apresentam. Quanto à condição da menina pobre, podemos atentar ao seguinte trecho do texto: “Demorou sobretudo os olhos nos sapatos grandes, meio tortos. Num deles a fivela hesitava em cair, e no outro já não existia mais. Foram eles que desmentiram a história do carro, do colégio, de tudo” (1963, p. 98).

Observa-se que a menina dispensou mais tempo olhando para os sapatos do que às roupas que a outra menina vestia, pois foram eles que revelaram algumas verdades. Os sapatos têm uma forte simbologia, como exemplificam os estudiosos Chevalier e Gheerbrant sobre a identificação que está implícita nos sapatos:

O sapato de Cinderela, na sua primeira versão, que remonta a Elieno, orador e narrador romano do século III, confirma essa identificação do sapato com a pessoa. Quando uma cortesã, Rodopis, tomava banho, uma águia roubou-lhe a sandália e levou-a ao faraó. Este, impressionado com a delicadeza do pé, fez com que procurassem a jovem por todo lugar; ela foi encontrada e ele a desposou. Da mesma forma, o sapato que Cinderela abandonou no palácio do príncipe quando fugiu, à meia-noite, se identificava com a moça. Grande foi a surpresa quando Cinderela tirou do bolso o sinal de reconhecimento, a prova irrefutável, o outro sapatinho, que colocou no pé: a prova da identidade da pessoa (2007, p. 802-803).

Por mais que a menina tentasse disfarçar a sua pobreza, seus sapatos revelavam sua condição. As roupas e o sapato que usava declaravam a sua biografia, conforme afirma Giddens: “A roupa é um meio de auto-exibição, mas também se relaciona diretamente à

⁴ Conforme entrevista concedida no Rio de Janeiro, em 14 de janeiro de 2009.

ocultação/revelação a respeito das biografias pessoais – liga as convenções a aspectos básicos da identidade” (2002, p. 63).

Pela descrição física e pelo diálogo da crônica, observa-se o quanto a menina tem consciência de sua condição social, sentindo-se inferiorizada, humilhada e envergonhada. Segundo Giddens, “a vergonha é estimulada por experiências nas quais os sentimentos de inadequação ou humilhação são provocados” (2002, p. 66). Mesmo que a outra menina não faça nada para humilhá-la, vê-la bem vestida é o suficiente para a menina pobre sentir-se mal. Pela fala e pelas atitudes da menina, fica nítido o desejo que ela tem de ser diferente, como a outra menina. Conforme Jean Paul Sartre,

O outro é o mediador indispensável entre mim e mim mesmo, sinto vergonha de mim tal como apareço ao outro. E, pela aparição mesmo do outro, estou em condições de formular sobre mim um juízo igual ao juízo sobre um objeto, pois é como objeto que apareço ao outro.[...] A vergonha é, por natureza, reconhecimento. Reconheço que sou como o outro me vê. [...] Assim, a vergonha é vergonha *de si diante do outro*, essas duas estruturas são inseparáveis (2003, p. 290).

Assim, com todas as mentiras que conta, ela tenta mascarar e disfarçar, na tentativa de convencer a amiga de que não é uma pessoa carente. Porém, a amiga percebe e fica angustiada, entendendo que a outra vive uma realidade completamente diferente da sua. A menina de posses se sente inadequada por estar usando sapatos novos e, por isso, acaba também envolvida por um sentimento de vergonha. Por sentir compaixão da amiga, ao despedir-se, tenta consolá-la:

Adeus, disse a de blusa azul. E ficou triste, sofrendo de compreender, com vergonha de seus sapatos novos.

- Até o ano que vem no Americano, gritou querendo consolar.

- Até o ano que vem, disse a dos sapatos grandes numa voz sonora e feliz, como se fosse verdade (1963, p. 99).

Na crônica “Um menino”, Lara de Lemos retrata um menino carente, faminto e sujo que, entrando no bar com a intenção de ganhar algo para comer, fixa o olhar em um balcão contendo doces e salgados, sendo, porém, ignorado pelas pessoas: “A mulher inclina-se para o lado e procura sorver uma laranjada, tranquila, como se não tivesse visto o menino. O homem gordo vira-se de costas para ele, temendo ser molestado. O dono do Bar torna-se inquieto.

Está ali para vender. Vender e não dar” (1963, p. 30). Mesmo assim, o menino permanece hipnotizado, olhando para o balcão iluminado: “Os cotovelos imóveis eram pequenas rodas encardidas e a cabeça, fixa entre as mãos, uma gula insuportável. A cara triste, escura, ressequida, revelava uma fome que ficava sempre para depois” (1963, p. 31).

Cansada por ter feito muitas compras, a mulher bebe o suco de laranja, porém a presença do menino não a deixa sossegada e ela tenta buscar algum argumento para si mesma, alguma explicação pela sua atitude: “Mesmo que lhe desse dinheiro para saciar a fome de hoje, ficaria sempre a de amanhã. Depois, ninguém podia coisa nenhuma contra as determinações de Deus. A vida era assim mesmo” (1963, p. 31).

O individualismo da mulher e do homem gordo contrasta com a realidade do menino faminto. Se, por um lado, a mulher está cansada pelo excesso de compras que fez, evidenciando sua situação financeira confortável, e o homem gordo remete à alimentação abundante, ao exagero, por outro lado, o menino pobre não consegue sequer saciar a sua fome. Chega um momento em que o menino decide bater levemente no braço do homem gordo, mas ele se vira de maneira rude e com rispidez fala: “- Por acaso eu sou teu pai? Ora, vai amolar outro. Isso devia ser proibido pelas autoridades. Esta cidade está virando um inferno. Não se pode mais comer em paz!” (1963, p. 31). Enquanto o homem grita, o menino fica cabisbaixo, não protesta e fica imóvel, porém, quando o homem conclui, ele foge em silêncio, “como um gato assustado” (1963, p. 31).

A crônica representa a desigualdade social e suas consequências, como o sofrimento físico e emocional, a angústia, o desconforto e a sensação de culpa que fazem parte da sociedade capitalista. Nesse sentido, Antonio Candido afirma que existe uma nova atitude em relação ao pobre, que vai do sentimento de culpa até o medo. Para o autor, hoje não se afirma com a mesma tranquilidade do seu tempo de menino que os pobres não têm as mesmas necessidades dos abastados e que só morre de fome quem for vadio (2000, p. 237-238). O confronto com a miséria do menino causa mal estar entre aqueles que desfrutaram de uma melhor condição financeira. Conforme Sandra Jatahy Pesavento, na cidade há um lado negro que desencadeia medo nos moradores. Essa situação tem o seu início ao longo do século 19, quando, sob o impulso do desenvolvimento capitalista, houve uma concentração populacional nas cidades, em função da amplitude do mercado de trabalho (1997, p. 26).

A autora da crônica usa palavras que ressaltam a luminosidade do ambiente: “O vidro de suco de laranja parecia uma enorme lua amarela. No balcão iluminado - empadas, pastéis, doces – eram coisas resplandecentes” (1963, p. 30). As cores claras remetem à fartura e à

bonança, as quais compõem o cenário de um bar. A luminosidade do bar se contrapõe à situação do menino: “Os cotovelos imóveis eram pequenas rodas encardidas e a cabeça, fixa entre as mãos, uma gula insuportável. A cara triste, escura e ressequida, revelava uma fome que ficava sempre para depois” (1963, p. 31). Pode-se observar, de forma nítida, que a oposição reforça a distância entre classes sociais distintas: os que têm uma vida digna e os que não têm. Os carentes são discriminados e marginalizados, vivem em situações desumanas e precárias, passando por muitas necessidades. Por outro lado, as pessoas das classes sociais mais privilegiadas sentem-se incomodadas e perturbadas quando se deparam com a miséria e a degradação humana:

O silêncio tornou-se então um mal-estar coletivo. No centro do homem gordo, da mulher sentada, do dono do Bar, havia uma incerteza, um temor, uma culpa nascendo. Que força continha aquele corpo franzino, aquelas mãos amareladas, aqueles olhos de bicho, para violentar assim a tranquilidade de todos? (1963, p. 32).

A personagem representa as pessoas que, na tentativa de se manterem indiferentes perante a miséria, buscam suas próprias explicações e fogem do problema. No momento em que analisam e refletem diante de determinadas situações, começam a ver o outro como um ser humano e acabam sentindo-se mal diante da postura que tiveram, como ocorreu na crônica. A mulher sente nojo de si mesma e retira-se: “Os olhos disfarçavam, perdidos em objetos inúteis, enquanto o coração se apertava, sob o peso daquela revolta covarde. A laranja ficou amarga [...]. Depois, tudo continuou como sempre” (1963, p. 32). Mesmo que essa cena tenha causado um forte mal estar, a autora enfatiza que cenas semelhantes, tristes e deprimentes continuam acontecendo. Nesse sentido, Sennet aponta que

os termos do desenvolvimento urbano moderno fazem com que o contato comunitário em si mesmo pareça ser uma resposta ao deperecimento social da cidade. Esses padrões de desenvolvimento urbano não despertaram qualquer desejo de se refazer a própria cidade com uma nova imagem: “alternativas”, quer dizer, a fuga, são a resposta (1995, p. 363).

Diante das dificuldades e disparidades sociais, muitos indivíduos ficam indiferentes, enquanto outros sentem-se perturbados e tentam esquecer, como se observa na crônica. Outros fazem algo para amenizar o sofrimento dos carentes, porém o problema atinge uma dimensão de difícil solução.

As contradições da vida social são tematizadas de forma direta na crônica “De repente, num abraço”, na qual a narradora faz uma breve retrospectiva de sua vida enquanto mãe e escritora, diante de um mundo de contrastes. Ela mesma tem muitas dúvidas que se transformam em empecilho para responder as interrogações dos filhos. Sente-se uma pessoa inútil, porque, na sua percepção, nem mesmo sua escrita contribuiu para melhorar o mundo e porque não pôde evitar os sofrimentos dos filhos durante a infância. No entanto, eles abraçam-na e são gratos por tudo o que ela “não pôde fazer”.

Escrevendo em primeira pessoa, a narradora relembra o dia do nascimento do primeiro filho, enfatizando que esperou por quase vinte anos por esse momento. Essa colocação ilustra o quanto “ser mãe” era (e ainda é) algo idealizado pelas mulheres. Segundo Rita Süßmuth “a maternidade surgiu como um ideal em fases de grandes mudanças sociais, já sendo registrada nos séculos XVIII e XIX” (1988, p. 16-17).

Giddens afirma que a “invenção da maternidade” faz parte de um conjunto de influências que atingiram as mulheres a partir do final do século XVIII: o surgimento da ideia de amor romântico, a criação do lar e as mudanças nas relações entre pais e filhos. O autor ressalta que o domínio do homem sobre a família estava diminuindo com a separação entre o lar e o local de trabalho, conseqüentemente, na última parte do século XIX, houve o aumento do “controle das mulheres sobre a criação dos filhos” (1993, p. 52-53).

Conforme Süßmuth, a maternidade representa um certo protótipo de sociedade e família, mas também uma compreensão específica do que seja ser mulher. De acordo com a autora, “a maternidade é sinônimo de amor, fidelidade, proteção, abnegação, cuidados para com a geração vindoura, de segurança, de proximidade emocional, compreensão e carinho” (1988, p. 15). O supremo amor de mãe e a pureza de uma criança recém-nascida são simbolizados pela brancura dos lençóis ressaltada na crônica: “Os lençóis do hospital eram brancos, muito brancos...” (1963, p. 36). A personagem sente-se comovida pelo milagre extraordinário que o nascimento do filho representa, opondo-se ao mundo de hipocrisias e convenções sociais: “Essa coisa sobrenatural que se comunica; algo de cálido, de terno, quebrando a superfície dos sorrisos polidos com que os homens se cumprimentam” (1963, p. 36).

O nascimento do filho pode significar a prosperidade e a renovação, um impulso para a confiança em algo melhor: “Alguma coisa assim como um jorro de esperança. Como um pequeno fósforo que, aceso no escuro, iluminasse, por um instante, toda a Terra” (1963, p. 36). A criança representa a simplicidade natural e a espontaneidade. Por isso, é apontada

como exemplo de pureza, condição essencial para uma vida feliz. Em geral, as crianças são associadas à ideia de pureza, como em uma parte da mística cristã e nos ensinamentos evangélicos: “Deixem as crianças vir a mim. Não lhes proibam, porque o Reino de Deus pertence a elas. Eu garanto a vocês: Quem não receber como criança o Reino de Deus, nunca entrará nele” (Lucas, 18, 16 e 17 -1990, p. 1278). Muitas vezes, os anjos são representados como crianças na tradição cristã, em sinal de inocência e pureza. Muitas características que identificam uma criança, assim como princípios éticos e valores morais, são precários na sociedade contemporânea representada na crônica, uma vez que os interesses mundanos se sobrepõem aos humanos. Conforme Sennet, a personalidade moderna diverge da ideia de caráter natural no momento em que a liberdade de sentir parece ser uma violação do sentimento dito ‘normal’. A espontaneidade da personalidade coloca-se em oposição à convenção social, e faz com que espíritos livres sintam-se como divergentes (1995, p. 193).

Esse sentimento de divergência, muitas vezes, é consequência da necessidade de desempenhar diferentes papéis sociais, o que pode resultar na sensação de uso de máscaras, que ocultam o que realmente se é. O nascimento de uma criança e todo o simbolismo de pureza desse momento contrasta com o jogo de aparências a que os indivíduos são submetidos na vida em sociedade. Vivendo nesse mundo artificial e impuro, a personagem expressa suas incertezas em relação à vida, sentindo-se insegura para ensinar muitas coisas que deseja aos filhos. A incerteza em relação ao futuro é uma das características da contemporaneidade. Conforme Morin,

o século XX descobriu a perda do futuro, ou seja, sua imprevisibilidade. Esta tomada de consciência deve ser acompanhada por outra, retroativa e correlativa: a de que a história humana continua a ser uma aventura desconhecida. [...] O progresso é certamente possível, mas é incerto. A isso acrescentam-se todas as incertezas devido à velocidade e à aceleração dos processos complexos e aleatórios de nossa era planetária, que nem a mente humana, nem um supercomputador, nem um demônio de Laplace poderiam abarcar” (2001, p. 80).

A sociedade contemporânea tem muitas contradições, pois o progresso material nem sempre significa a resolução dos problemas da humanidade. Na crônica, Lara de Lemos aponta tais paradoxos: “Comitês Mundiais de Paz e revoluções por todo o mundo. Sociedades Protetoras de Animais e crianças dormindo pelas ruas. Instituições Filantrópicas inúmeras e um crescente egoísmo entre os homens” (1963, p. 37). Diante disso, sente-se incapaz de responder com honestidade as interrogações dos filhos: “- Mãe, por que existem pobres? Por

que a mulher morreu? Por que fazem guerras? Por quê?..” (1963, p. 37). Sente dificuldades para explicar até as coisas mais simples:

Por que se deve chorar nas despedidas, festejar aniversários, dar pêsames aos parentes dos mortos, assistir aos desfiles militares, desejar felicidades aos outros somente nos fins de ano, cumprimentar sempre com a mão direita, escrever e comer idem, aprender inglês com urgência e cultivar uma imprescindível hipocrisia social (1963, p. 37).

Diante das indagações dos filhos, a escritora reafirma a sua impotência diante da vida, acreditando que há somente uma forma para o mundo evoluir: “Sempre pensei que o mundo deveria acabar e começar de novo, como no dilúvio e que tudo poderia ser salvo, mas fiquei apenas escrevendo cartas que não remeti, rabiscando poemas dos quais me envergonho muito, certa de que não passava de uma pessoa inútil” (1963, p. 38). A referência ao dilúvio como única possibilidade de solução remete à necessidade de renovação das relações sociais. Ela afirma que, enquanto escrevia cartas e poemas, os filhos cresceram sem a sua ajuda: “...em todo esse tempo, eu não pude evitar nenhum tombo, nenhuma decepção, nenhum sofrimento, nenhuma gripe” (1963, p. 38). Nesse sentido, pode-se fazer uma relação com a vida da autora, que se dividiu entre a vida profissional e a maternidade. A mulher que exerce outra atividade além da casa e do cuidado com os filhos, é uma das maiores vítimas da culpa, porque inconscientemente ela sente que tudo o que ocorre de mal com os filhos é visto como produto de sua ausência. Na década de 1950, época em que Lara de Lemos escreveu essa crônica, a sensação de culpa da mulher que exercia outras atividades era muito mais intensa do que nos dias atuais, pois era incomum a mulher exercer uma atividade profissional. Simone Beauvoir já dizia que era muito difícil para a mulher assumir concomitantemente sua condição de indivíduo autônomo e seu destino feminino. Ao concluir seu livro *O segundo sexo*, a autora concorda com Rimbaud quando este diz que a mulher seria plenamente um ser humano quando se quebrasse sua escravidão infinita e ela vivesse por ela e para ela (1980, p. 308-309).

A mulher representada no texto acredita que não fez tudo o que deveria ter feito pelos filhos, por isso, no final do texto, estranha o fato deles a abraçarem: “Um dia a mais em minha vida confusa e malbaratada, e eles me abraçam agradecidamente, por tudo o que não pude fazer” (1963, p. 38). A gratidão dos filhos, aparentemente contraditória, parece estar relacionada ao fato de perceberem que, em muitos momentos da vida, enfrentar as dificuldades não deixa de ser importante para o amadurecimento e a autonomia do ser

humano. As quedas e as frustrações ajudam a superar os problemas que surgirão no decorrer de toda a existência. Conforme Árbila Assis,

a criança, dentro do seu limite, precisa confrontar-se com uma certa dose de frustração, para que a sua ilusão de onipotência se defronte com o sentido de realidade e, assim, esteja emocional e efetivamente em condições de estabelecer relações e vínculos autênticos, saudáveis, produtivos e duradouros” (2007, p. 75).

Além dos filhos expressarem sentimento de gratidão à mãe por terem crescido de uma forma independente, infere-se que eles compreenderam a importância, para a mãe, de desenvolver outras atividades, além dos cuidados com a casa e os filhos. Segundo Süßmuth, não são apenas as razões econômicas que movem as mulheres com filhos a trabalharem fora. A autora afirma que pesquisas indicam claramente outros motivos e tendências:

A alegria e a afirmação no exercício da profissão, o clima do trabalho e os contatos sociais são os determinantes no desejo de dedicar-se a um trabalho fora de casa e prosseguir fazendo-o mesmo após o nascimento dos filhos [...]. Desde que praticado em condições favoráveis, o trabalho remunerado tem consequências positivas na satisfação da mulher consigo própria, na carga psíquica e física que representa, na independência das crianças e no reconhecimento da mãe por parte dos filhos adolescentes (1988, p. 25).

A crônica “De repente, num abraço” permite uma reflexão sobre as contradições sociais do mundo que vivemos, no qual somos obrigados a desempenhar diferentes papéis, e sobre a impossibilidade de resolvermos todos os problemas que atingem a nós, nossos familiares e à sociedade como um todo.

Da mesma forma, “Para alegrar uma menina” é um texto de cunho social dedicado a uma menina que tem poucos meses de vida por estar com leucemia. No texto, a autora deseja à menina e a todos um mundo seguro, sem violência, sem desigualdades. Pede perdão, dizendo que cometemos erros e pouco sabemos. Como forma de despedida, só pode oferecer toda a esperança que resta de um mundo melhor.

Ao iniciar o texto, a cronista descreve o mundo que promete à menina: “Não. Não é o mundo em que vives o que te prometo. Nem um outro, além desse, cheio de anjos e santos e louvores. O que desejei para ti é o que sonho para todos desde sempre. Um mundo limpo” (1963, p. 42). Ela enfatiza o quanto vivemos inseguros e, em consequência disso, não podemos usufruir do que desejamos:

Onde possamos viver sem reforçar diariamente as fechaduras, acautelar cada vez mais a carteira, a mala, o coração; onde não precisemos ser tão cuidadosos a ponto de renunciar à beleza noturna das árvores, à alegria tristíssima dos ébrios, ao conversar amigo, altas horas, sob as estrelas (1963, p. 43).

A autora também promete à menina um futuro no qual as crianças não herdarão esse cotidiano em que somos testemunhas de injustiças e no qual a piedade que sentimos não seja inútil. Ela almeja igualdade em todos os lugares do mundo, ressaltando os marginalizados, como os nordestinos, os índios e os negros, pois a discriminação, principalmente com esses grupos, já era proeminente no Brasil. Segundo Pesavento, “os egressos da ordem escravocrata lutavam com dificuldades no mercado de trabalho que se formava, e ao estigma da cor, combinava-se à baixa extração social” (1997, p. 35). Referindo-se ao racismo, Muniz Sodré afirma que “os meios de comunicação brasileiros, a custosa indústria do imaginário, têm haurido a sua força da abstração em face do território nacional, onde a pobreza e a violência escolhem como vítimas preferenciais precisamente aqueles que a consciência racista exclui” (2002, p. 127). Conforme o autor, jornais de São Paulo noticiam que jovens sem antecedentes criminais são assassinados por policiais. Esse é um fato repetitivo e que vitima sistematicamente negros, migrantes nordestinos, gente com aparência ou cor da pele característica dos grupos humanos excluídos do modelo de socialização ajustado com a concentração de renda ou com os discursos sociais oficialmente hegemônicos (2002, p. 113). Na crônica, a autora deseja que as pessoas se compreendam, se respeitem e que, mesmo diante das dificuldades, saibam superá-las e possam usufruir com felicidade todos os momentos vividos:

O que te prometo é um mundo tranquilo, onde o camponês lavre seu campo em sossego, contemple o boi com alegria, e à noite, ao dormir, possa sonhar sonhos de esperança. E o pescador aguente, rijo, as durezas do mar, o peixe seja farto e os seus filhos sadios; que ele aceite o perigo dos ventos e dos naufrágios, sem que o acovarde o susto da miséria. E que o operário ame a máquina que lhe dá o sustento sem aviltá-lo. E que os homens convivam sem ressentimentos, numa feliz submissão aos tributos da espécie e possam comer com a mesma alegria com que amam, cantam ou rezam (1963, p. 43).

O mundo limpo que promete e descreve como o ideal não existe e, por fazer parte dessa sociedade injusta, a escritora também sente-se culpada e pede perdão à menina: “Perdoa, se não foi este o mundo que te demos” (1963, p. 43). Ela sente-se impotente diante

do poder que impede uma vida digna: “No decorrer dos dias, há ciladas suficientes para transformar o nosso protesto em silêncio, nossa coragem em covardia, nosso calendário em graves esquecimentos” (1963, p. 44). Diante dessa realidade que gera muita angústia e insatisfação, a autora imagina uma realidade que seria a ideal, na qual todas as pessoas seriam iguais e viveriam em harmonia: “não obstante, eu te prometo um novo amanhã, onde as penas comuns estejam irmanadas na mesma vontade de vencê-las; onde as lágrimas, nascidas de um mistério, obedecem à mesma lei de comover-nos, a despeito de todas as fronteiras” (1963, p. 44). Mesmo percebendo o quanto é difícil a transformação do mundo que tanto almeja, ela tem uma visão utópica do futuro, o que indica uma postura crítica diante da realidade presente. Nessa perspectiva, Ciro Mioranza, tradutor da *Utopia*, de Thomas More, assinala que:

Criando um Estado perfeito, Thomas More pode parecer ingênuo e simplório, uma vez que as ambições, a ganância, os vícios, a própria maldade, que afloram com frequência no ser humano, tornariam impossível a constituição de um Estado com essa perfeição. Seja como for, More o propõe, não como algo factível, mas como uma crítica direta a uma sociedade que se deixou levar por todos esses males, mas que se arvora como justa, equitativa, bondosa, sincera e altruísta. Em tempos modernos, *Utopia* reflete os grandes problemas que afligem a humanidade, tais como o desemprego, a exclusão social, a intolerância religiosa, a injusta distribuição de renda, a marginalização de grandes segmentos da comunidade humana, a concentração da riqueza, a fome, a miséria, a violência (s.d., p. 8-9).

Assim, pode-se dizer que Lara de Lemos projeta uma sociedade feliz, como o fez Thomas More, justamente porque se dá conta dos sérios problemas que afligem a sociedade de seu tempo. Mesmo que haja uma diferença de 500 anos em suas vidas, ambos não aceitam o mundo em que se encontram e confiam na capacidade humana de transformação.

Ao finalizar a crônica, a autora lamenta por não poder oferecer o mundo limpo que tanto desejava à menina, porém não deixa de demonstrar a confiança em um novo amanhã, mesmo que seja mínima. Diante disso, ela pede perdão novamente: “Perdoa, sobretudo, se em troca de tua prematura solidão, de tua infância traída, de tua despedida necessária, posso te dar apenas esse longínquo adeus e tudo o que me resta de esperança” (1963, p. 44). Como se observa, está claramente expresso que o posicionamento da autora é direcionado para um contexto maior que o local, pois a injustiça é um problema social universal.

O processo de desumanização provocado pela violência, característica da sociedade contemporânea, pode ser observado na crônica “Cena de rua”, em que Lara de Lemos descreve uma cena em que o filho agride a mãe por não ter o dinheiro que ele pede. O menino

é muito bruto e fica furioso quando o guarda quer levá-lo à Polícia. Uma moça tenta aconselhá-lo a não resistir, porque a situação pode piorar, contudo, não consegue falar com ele. Percebendo que todos estão odiando o menino, com ternura, a moça começa a refletir sobre o motivo que o leva a agir com tanta revolta, concluindo que talvez a mãe tenha sido a única pessoa a lhe dar um pouco de amor. No final, mais dois guardas cercam o menino e a moça vai embora.

A crônica inicia descrevendo a cena tumultuada no meio da rua, na qual uma mulher, com voz de choro, diz ao seu filho que não tem dinheiro porque não vendeu nada em sua carrocinha de pipocas. Esse fato representa a miséria e a realidade vivida por pessoas que vêm à metrópole em busca de trabalho e acabam, muitas vezes, por opção ou por necessidade de sobrevivência, recorrendo ao mercado informal de trabalho. Ao ver a cena, uma moça fica assustada e esquece os próprios pensamentos. Um guarda aproxima-se, e o menino, com muita raiva, grita: “- Para aí, seu guarda! O que é que há? Você não tem nada que vê comigo, nem com a minha mãe” (1963, p. 155). Mesmo com aparência frágil diante do menino grande, o guarda emprega a autoridade que sua farda representa e fala em tom grosso: “- Você não pode espancar sua mãe assim, rapaz. Venha comigo para a Polícia” (1963, p. 156). O menino está muito agressivo e diz que não vai, momento em que o guarda sente-se ameaçado e demonstra, em seu olhar, um pedido de ajuda urgente. Conforme Pesavento, o questionamento sobre o urbano retorna após o desenvolvimento do capitalismo e a crise econômica que atinge o país. Hoje, novamente, o problema social tem o seu apogeu nas cidades:

É interessante perceber que, em dois momentos diferentes, em duas viradas de século, o urbano apresenta-se como o símbolo de uma situação conturbada: primeiramente, com a invasão de um enorme contingente de imigrantes que vinham em busca de uma vida melhor, que nem a cidade, nem o próprio sistema produtivo que estava se fundando poderiam assimilar; e agora, quando o país se apresenta mergulhado neste tremendo caos (1997, p. 154).

A problemática social que assola as cidades, gerando confusão e insegurança, está expressa na cena descrita na crônica. Mesmo que isso gere preocupação à população, a atenção está mais centrada no progresso, nas construções de grandes prédios, pois normalmente as pessoas estão apressadas, em busca dos próprios interesses, não querem desperdiçar o seu tempo e, esquivando-se, evitam o envolvimento com fatos desse tipo: “Mas

era de tarde e véspera de Páscoa. Os andaimes escalavam o céu, alheios aos problemas do homem, as pessoas passavam com pressa, inventando presentes. Outras, mais curiosas, paravam com um ar ausente, de quem não quer comprometer-se com brigas de rua” (1963, p. 156).

Com sentimento de culpa e como se estivesse agindo de forma incorreta, a moça, pertencente a uma classe mais privilegiada, sente um desconforto ao acompanhar o fato. Ela quer falar, mas não consegue:

A moça começou a sentir um mal-estar, pareceu-lhe que errava em si própria e a culpa se grudava em seu corpo e o erro era alto e inatingível. Uma tristeza aguda tentava dizer qualquer coisa. Avisar que seria pior se resistisse, que viriam outros guardas e ele seria maltratado. Mas não pôde. Aquela cara de nojo, aquele jeito de agredir a mãe, de resistir ao guarda e, sobretudo, aquela força que ninguém ousava enfrentar, bloqueavam as palavras (1963, p. 156).

A brutalidade do menino deixa a moça assustada e insegura. Segundo Yves Michaud, a violência transgride regras e normas, deixando entrever a imprevisibilidade, emergindo assim, o sentimento de insegurança, que corresponde à crença, fundada ou não, de que tudo pode acontecer ou de que não podemos mais ter certeza de nada em relação aos comportamentos cotidianos (1989, p. 13).

Ao perceber o ódio que todos expressavam, a moça subitamente entenece-se olhando para o menino. Sua sensibilidade permite que se dê conta da humanidade do garoto. Nesse sentido, a crônica permite reconhecer o quanto o ser humano é complexo. Conforme Morin, “o ser humano é um ser racional e irracional, capaz de medida e desmedida: sujeito de afetividade intensa e instável. [...] é um ser de violência e de ternura, de amor e de ódio; é um ser invadido pelo imaginário e pode reconhecer o real” (2001, p. 59). Embora as pessoas que assistem à cena estejam estão contra o menino, nesse instante, a moça sente piedade e faz uma reflexão: “talvez nenhum de nós possa avaliar a sua vida. A casa onde você cresceu, sem luz, nem ar, nem chão, nem nada. A escola que você não frequentou, as pancadas gratuitas que devem ter-lhe dado. O pai que nem sequer você conheceu, os indivíduos que lhe ensinaram o roubo, os vícios, o cinismo e a violência” (1963, p. 157). Como se observa, a moça conseguiu se colocar no lugar do menino, imaginando o ambiente hostil e as precárias condições nas quais muitas pessoas vivem. Nesse sentido, Michaud afirma que a criminalidade urbana pode estar ligada à dureza das condições de sobrevivência, como a brutalidade da vida, a pobreza e

as carências; e também se deve à marginalização dos grupos desenraizados pelas transformações agrárias, às catástrofes naturais e às epidemias (1989, p. 34).

Para o autor, a violência veicula uma carga de denúncia e de invocação porque agita a ameaça da desordem, do desmoronamento das regras, deixando entrever um mundo social ganho pelo caos (1989, p. 111). Na crônica, a irritabilidade manifesta-se em algumas pessoas, que olham para o transgressor com sentimento de ódio. A moça, por sua vez, deseja dizer ao menino que não maltrate a sua mãe, pois talvez tenha sido a única pessoa que lhe deu um pouco de amor.

A postura agressiva do menino exige uma atitude de contenção: “chegaram mais dois guardas e cercaram o menino” (1963, p. 157). Observa-se, nesse sentido, que determinadas ações são necessárias para manter a ordem e a organização da sociedade. No final da crônica, a moça não quer ver mais nada e vai embora. Isso representa o quanto o ser humano sente-se impotente para resolver os problemas decorrentes da desigualdade social, a qual está completamente evidente no cenário que compõe as cidades. Conforme Cláudia Mauch, no final do século XIX, Porto Alegre “exibia a beleza dos sobrados, lojas e prédios do governo, mas também a feiura de cortiços, tabernas, quitandeiras e carroceiros” (1997, p. 71). Esse contraste, representativo das disparidades sociais, era visível já no surgimento das grandes cidades, como Porto Alegre que recebeu muitas pessoas oriundas do meio rural, no decorrer do século XX.

A origem da extrema diferença entre as classes sociais, segundo Jacques Rousseau, está na evolução do homem, que o faz sair do estado de natureza e passar ao estado social, graças às circunstâncias externas. Conforme Rousseau, a revolução da divisão do trabalho e do aparecimento da desigualdade social acontece pela descoberta da metalurgia. Essa descoberta e o desenvolvimento da agricultura, com a divisão do trabalho, estão na origem da propriedade e da desigualdade, resultando um estado de guerra. “O homem já está desfigurado. O estado de guerra vai tornar necessária a instituição da sociedade e das leis por um pacto de associação. Mas esse pacto será feito em favor dos ricos” (1989, p. 11-12). Desse modo, a crônica “Cena de rua” mostra que diante da histórica desigualdade e dos inúmeros problemas sociais que emergem, as pessoas estão conscientes dos malefícios causados e até gostariam que todos pudessem usufruir de uma vida com dignidade, no entanto, sentem-se incapazes para efetivar a mudança. Muitos veem os fatos como algo corriqueiro e banal, afastam-se do problema, estão mais preocupados com os próprios interesses, enquanto outros assistem piedosamente e, às vezes, auxiliam, porém a situação, mais do que um esforço

peçoal, que pode até amenizar o problema, exige uma reformulação da própria organização social.

Os problemas representados nos textos analisados remetem para o contexto social vivenciado por Lara de Lemos nos anos de 1950, em Porto Alegre. Nas crônicas “Amor próprio”, “Um menino” e “Cena de rua”, a desigualdade social é apontada como um problema de difícil solução, perdurando ainda em nossa sociedade. Nas crônicas “Para alegrar uma menina” e “De repente, num abraço”, a autora reflete sobre as contradições de um mundo em que a corrupção, o egoísmo e as injustiças ainda são preponderantes. Carência, humilhação, fome, falta de higiene, sofrimento, insegurança, violência, angústia, sentimento de incapacidade e de culpa são conseqüências advindas dos problemas sociais abordados no texto. Vivendo nessa triste realidade em que são inúmeros os malefícios causados ao ser humano, a escritora não perde a esperança de que um dia ocorra uma transformação e as pessoas possam viver com mais dignidade.

4.4 Os paradoxos da vida na cidade

Raymond Williams afirma que campo e cidade são palavras poderosas, pois representam muito na vivência desses dois tipos de comunidade humana frequentemente contrastadas. São realidades históricas em transformação, no entanto, as ideias e imagens do campo e da cidade ainda conservam sua força acentuada. Sempre esteve evidente a ligação entre a terra da qual todos nós extraímos nossa subsistência e a cidade como uma das realizações da sociedade humana na história das comunidades. Para o autor, “o campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se à ideia de centro de realizações de saber, de comunicações, luz”. Porém, nem tudo era positivo, a cidade foi associada a um lugar de barulho, mundaneidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação (1989, p. 11).

Em algumas de suas crônicas, Lara de Lemos ressalta os aspectos negativos da cidade e aponta aspectos da vida no campo que, mesmo que se viva na zona urbana, deveriam ser mantidos, pois foram banidos, causando assim a incompletude do ser humano.

No texto “O menino e a águia”, uma águia que está no alto de uma árvore, em seu ninho, cai na calçada de uma cidade movimentada e um menino envolve-a em seus braços. As pessoas ficam no entorno e começam a fazer interrogações, a emitir opiniões e a relatar coisas

terríveis sobre outras aves de rapina. A águia resistia e aparentemente aceitava o fato de ter sido transformada em uma “águia de calçada”, porém o seu *habitat* e as vivências nela permaneciam arraigados. O menino estava feliz e, em sua ingenuidade, não entendia que uma águia presa na gaiola perderia todas as esperanças.

No início da crônica, a autora já anuncia que o fato é verídico: “Essa não é inventada. Essa eu vi, bico amarrado, garras inúteis, corpo encolhido na quentura dos braços de um menino” (1963, p. 75). A presença de uma águia na calçada parece não estar em sintonia com o cenário de uma cidade grande, em que há grande circulação de pessoas, de ônibus e de automóveis: “Águia em calçada, numa cidade de gente indo e vindo, naquela barulheira de buzina, de motores, de falas, era coisa descabida, quase triste” (1963, p. 75). O local que a ave cai é o oposto de seu *habitat* natural. Segundo Bachelard, o ninho, para o pássaro, é, sem dúvida, uma terna e quente morada. É uma casa de vida: continua a envolver o pássaro que sai do ovo, o ninho é uma pequena penugem externa que o recobre antes que sua pele nua encontre a verdadeira penugem corporal (1996, p. 105). O ninho, como toda imagem de descanso, de tranquilidade, associa-se imediatamente à imagem da casa simples. [...] A casinha nunca é nova. Poder-se-ia dizer, de uma maneira pedante, que ela é o lugar natural da função de habitar (1996, p. 110-111). Muito diferente da maciez e aconchego do ninho, a calçada de uma cidade é sólida e insegura.

A correria das pessoas e o movimento intenso dos meios de transporte nas metrópoles, provocam muita agitação, tensão e barulho. Para Sennet, “no século XIX, a rapidez assumiu uma característica diferente em virtude das inovações técnicas introduzidas nos transportes a fim de dar maior conforto ao viajante” (1995, p. 338). Porém, mesmo com a facilidade que a vida moderna proporciona, a cidade continua sendo o inverso da tranquilidade do ninho, como o da águia, mencionado na crônica: “E o seu ninho, abandonado no alto bom das pedras, céu claro por cima e aquele mar grande, e verde, espumarando e cantante, lá, bem longe e bem perto, para quem tinha asas” (1963, p. 75). Conforme Bachelard, “o ninho é um buquê de folhas que canta. Participa da paz vegetal. É um ponto no ambiente de felicidade das grandes árvores” [...] o ninho não conhece a hostilidade do mundo (1996, p. 115). Na crônica, as pessoas que cercam o menino retratam uma sociedade individualista, estando muito preocupadas em saciar a própria curiosidade: “De onde viera a águia? Como pudera prendê-la? Onde?” (1963, p. 76). Algumas querem ver o comprimento das asas, outras sugerem que vendam para o zoológico, outros ainda contam coisas horrorosas de aves de rapina. Diante de tudo isso, a autora ressalta que embora águia não pense, se pensasse teria percebido o pouco

que existe na superficialidade e curiosidade do ser humano. As pessoas não se preocupam verdadeiramente com a águia, como um ser que tem vida, que também sente dor, que tem seu próprio *habitat*, que prefere o aconchego de seu ninho e de sua mãe. Nessa perspectiva, Bachelard afirma que se aprofundarmos um pouco os devaneios em que nos vemos diante de um ninho, não tardaremos a deparar com uma espécie de paradoxo da sensibilidade. O ninho – *compreendemos* imediatamente – é precário e, no entanto, desencadeia em nós um *devaneio de segurança* [...] (1996, p. 115).

Se, por um lado, algumas pessoas mostram-se insensíveis diante da águia, outras a consideram assustadora e perigosa: - “Cuidado, esse bicho é medonho. Daqui a pouco se solta e crava as garras em alguém. Deus nos livre”! (1963, p. 76). Esse medo pode ser explicado pela sua simbologia, pois ao mesmo tempo em que a águia representa a realeza, a agilidade e a prontidão, também simboliza o poder devorador, devido ao seu caráter de ave de rapina que carrega as vítimas com suas garras para lugares dos quais não conseguem fugir. Na percepção do narrador, a águia age assim por amor, porque “até para uma águia, amar é o único jeito de existir verdadeiro. E, se ela rapinava, quando em vez, coisas tenras e indefesas, ainda era de amor por si e os filhotes, no alto agreste, esperando alimento” (1963, p. 76).

Mesmo conformada com a nova situação, a águia não consegue evitar a tristeza por perder a liberdade, o contato com o que mais gosta e o que dá sentido à sua existência:

Mas no corpo, nos olhos, no bater do coração, a altivez da rocha, o verde escuro, escuro, de um mar indomável, a rigidez da pedra, ainda eram coisas suas. E qualquer um notava o quase martírio de ter que ficar assim tão quieta e esmorecida. Parecia ter saudade de um silêncio que não era silêncio. Mais o grosso do mar batendo em repetido estrondo. E o grito de alguma ave solitária, habituada a andar pelos caminhos do escuro, e o ruído do vento em assobios agudos anunciando tempestade (1963, p. 76-77).

A autora aponta que qualquer pessoa pode perceber que esse não é o lugar ideal para uma águia viver, por ser muito diferente de seu *habitat* natural: “Qualquer um via que ela não tinha sido feita para o simples de uma gaiola e o sem-gosto da água de todos e a comida facilitada pelas mãos dos outros” (1963, p. 77). Ao finalizar a crônica, a autora ressalta o quanto é desesperançoso, para a ave, ficar em uma gaiola: “Mas uma águia presa, sem licença de voos, de alturas, de céu, só podia dormir assim, em desesperança e tédio” (1963, p. 77). Cada animal tem o seu lugar adequado, o seu espaço para viver, por isso, para a águia, que tem muita agilidade e engenhosidade para encontrar e captar os seus alimentos, que alça voos

altos, essa situação a qual foi submetida é trágica, é como cortar suas asas e transformar sua vida em algo insignificante.

Nessa perspectiva, é possível estabelecer um paralelo entre a águia e o homem. Assim como para a águia é difícil adaptar-se a um ambiente estranho em que perde a liberdade, o ser humano também enfrenta dificuldades ao sair do seu estado natural para o social. Segundo Jean Jacques Rousseau, “o homem natural é desprovido de todas as características do homem social. E nada nesse estado de natureza indica que dele se deva sair: um estado de felicidade e de equilíbrio que se basta a si mesmo, imutável e sem história”. Para o autor, o homem nasceu livre, mas está acorrentado em toda parte (1989, p. 9 e 11). Sennet afirma que para Rousseau as grandes cidades são importantes na medida em que corrompem o próprio cerne do ser humano; corrompem sua vontade. A seu turno, a cidade pequena tem valores melhores, permite maior isolamento, permite às pessoas ignorarem os padrões de comunidade, as ações procedem num ritmo mais lento; isto lhe propicia o lazer para refletir sobre a verdadeira natureza das próprias ações e do próprio eu (ROUSSEAU, J. Apud SENNET, 1995, p. 151 e 154).

Segundo André Bueno, o mal-estar acompanha, desde sempre, a formação e a expansão das sociedades urbanas e industriais criadas pelo capitalismo. Ele chama atenção, ainda, que é recorrente a reação ao espaço urbano como local de disseminação da violência, ruptura de raízes, alienação, perda de identidade, anulação do sujeito, empobrecimento dos vínculos culturais, afetivos e familiares, “daí derivando a metrópole como mundo desencantado e sem coração” (2000, p. 89-90).

Em “Cidade quase doida”, Lara de Lemos descreve as percepções e reflexões de um homem perplexo diante da velocidade da vida na cidade. A visão da cidade faz o homem pensar no passado como um tempo mais tranquilo e no presente como um tempo de loucura:

Não é a primeira vez que nos encontramos. Dela tenho imagens de muitos anos, coisas que ainda ressoam infância dentro de mim. Mas o fato é que, desta vez, nos defrontamos com uma certa perplexidade. Talvez sejam os meus olhos que se habituaram a paisagens mais tranquilas ou restritas, ou – quem sabe – ela está mesmo endoidecendo (1963, p. 112).

Em relação à distinção entre a calma do campo e a pressa da cidade, Bueno aponta que:

ao se confrontar com a estranheza que configura a vida cotidiana e histórica na metrópole capitalista, o sujeito pode tender à nostalgia fácil, ao lirismo ingênuo, que se consola idealizando uma dimensão humana e social mais próxima, menor, que teria sido capaz de acolher, nutrir e proteger seus membros, unindo-os em comunidade. Mesmo um breve olhar sobre o passado, recente ou distante, indica que se trata, mesmo, de uma idealização a partir do profundo mal-estar vivido no presente (2000 p. 90-91).

Recordando as imagens serenas dos tempos de criança, as quais contrastam com as imagens da cidade, a personagem faz uma crítica à aceleração urbana: “Tudo agora é tão corrido que não se sabe se as ruas estão indo ou vindo, e se as pessoas, que correm sobre elas em hordas apressadas, têm destino pré-determinado, ou apenas se empurram por necessidade de provar a própria existência” (1963, p. 12). Segundo Rogério Lima, “esse imaginário do espaço urbano como lugar de dissolução do sujeito e de toda a humanidade que nele possa existir, que se materializa no mal-estar, garantiu a sua presença ao longo de todo o século XX” (2000, p. 13). Bueno afirma que alheios a si mesmos e distanciados do mundo urbano que não reconhecem como seu, mas como algo separado, estranho e hostil, esses sujeitos sociais certamente viveram, e continuam vivendo, formas diversas do que podemos muito bem chamar mal-estar na metrópole moderna e contemporânea criada pelo capitalismo (2000, p. 89).

Além da hostilidade do capitalismo, os sujeitos urbanos são constantemente submetidos às pressões do comércio com vocábulos e frases apelativas: “compre aqui”, “veja nossos preços”, “liquidação”, “torra-se” etc. Esse cenário representa a competição pela sobrevivência econômica, mais um dos sintomas do capitalismo. Como consequência de um sistema que almeja o lucro constantemente, os valores que dignificam a existência humana ficam em segundo plano.

A autora é irônica ao mencionar a fila como um momento de descanso: “Só há descanso, mesmo, nas filas. Filas para cinema, para elevadores, para restaurantes, para condução, para carne, para tudo” (1963, p. 113). Nessa perspectiva, as grandes cidades com sua superpopulação e competição constante provocam uma visível desumanização, situação que é reforçada na crônica pela referência aos mortos, que também têm que esperar: “Até os mortos fazem fila. Um deles, plantado no asfalto por atropelamento, esperou várias horas, com infinita paciência, para ser removido e enterrado” (1963, p. 113). A falta de consideração com o ser humano e a nítida percepção de que a ética desapareceu do cotidiano também

manifestam-se no momento em que as pessoas necessitam de atendimento nas repartições públicas: “Nelas falta exatamente o funcionário com quem deveríamos falar. E a coisa chega a tal ponto, que nos assalta a vontade de pregar aquele imenso aviso já conhecido: “PEDE-SE AOS SENHORES FUNCIONÁRIOS O FAVOR DE NÃO SE RETIRAREM ANTES DE TEREM CHEGADO” (1963, p. 113).

Entre os problemas das metrópoles, também está a infraestrutura incompatível com a concentração populacional. Conforme Pesavento, o crescimento desordenado de casas e bairros e a aglomeração em espaços restritos de grupos heterogêneos puseram na ordem do dia uma série de novas necessidades (1997, p. 26-27). Na crônica, a autora ressalta a carência de espaços para as crianças brincarem: “As crianças é que dão pena. São pálidas e agitadas. Falam certo como gente grande, vivem como gente grande e quase não brincam. Na calçada é perigoso, nos edifícios, proibido, na praia não tem quem leve. Uma dizia para a mãe, debruçada numa janela escura: “Você acha que o sol hoje vai conseguir chegar até a nossa janela? (1963, p. 113). Observa-se, no texto, que a preocupação com a industrialização e o comércio dos produtos fabricados resulta na escassez de locais para o lazer, o que se torna um problema grave na vida das grandes cidades, pois o brincar faz parte do desenvolvimento integral do ser humano. Conforme Walter Benjamin, o brincar significa sempre libertação e, cercadas por um mundo de gigantes, é no brinquedo que as crianças criam para si um mundo próprio (1984, p. 64). De acordo com o filósofo, essência do brincar não é um “fazer como se”, mas um “fazer sempre de novo”, transformação da experiência mais comovente em hábito” (1984, p. 75).

As novas configurações da vida na cidade em relação ao passado também podem ser observadas em relação aos comportamentos femininos: “À noite, os anúncios luminosos repetem cansados sempre as mesmas mensagens, enquanto as mulheres se acendem e apagam em frequentes sorrisos. Nelas, as roupas são um eterno truque. As maduras vestem saias tão rodadas e curtas, que parecem estranhas colegiais envelhecidas, e as meninotas, em slacks ajustados e grandes decotes, se desejam mulheres muito fatais” (1963, p. 113). As mulheres são comparadas aos produtos dos anúncios luminosos, o que, ao mesmo tempo em que reflete uma mudança de paradigma do comportamento feminino, não mais restrito ao ambiente doméstico, aponta uma posição de objeto na sociedade. O culto da aparência é associado ao desejo de emancipação feminina, mas também está a serviço do capitalismo, que despersonaliza e desumaniza, em favor do consumismo.

Ao finalizar a crônica, a escritora ressalta a poesia como forma de compensar e amenizar as consequências geradas pelos problemas que emergem em uma vida marcada pela competição, pelo individualismo e pela desumanização:

No mais, o poeta Drummond continua ele mesmo. Amigo, simples – não humilde e muito menos vaidoso. Um caminho em profundidade.

O mar cada vez mais mar. O sol driblando o inverno e a paisagem nova e inigualável, mesmo para os olhos antigos (1963, p. 114).

Tanto as obras artísticas como as obras literárias causam bem estar ao indivíduo e também podem contribuir para a sua humanização. Antônio Costella afirma que a obra de arte é o objeto apropriado para transmitir o prazer estético ao ser humano e mais fácil de sentir do que explicar, o prazer estético é uma forma de bem-aventurança. A verdadeira obra de arte faz com que o observador tenha a sensação de crescer por dentro e de partilhar uma outra dimensão da realidade (1997, p. 75). O autor ressalta a importância da arte ao provocar os leitores a recordarem de situações nas quais sentiram um bem-estar profundo, marcante, intenso, depois de visitar uma exposição de artes plásticas ou ler um livro, ou ainda ouvindo uma música ou assistindo a um filme ou peça de teatro. Para ele, os leitores usufruem de algo muitas vezes parecido, com uma estimulante alegria de viver. Segundo Antonio Candido,

assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização, e sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente[...] A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas[...] Ela não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver (1995, p. 243-244).

Lara de Lemos aborda os contrastes entre o campo e a cidade na crônica “Dos apressados” e também faz alguns questionamentos sobre a qualidade de vida nas grandes cidades. Nessa perspectiva, o texto pode ser analisado como uma representação da relação entre o campo e a cidade no imaginário social porto-alegrense dos anos 50 do século XX. O título da crônica já remete à vida dos seres humanos inseridos em um sistema capitalista.

Segundo Williams, o capitalismo determinou o caráter global do que denominamos sociedade moderna. Para o autor,

A indiferença competitiva e a sensação de isolamento nas cidades grandes têm uma relação profunda com as formas de competição social e alienação que são promovidas exatamente por este tipo de sistema. Estas experiências nunca são exclusivas, já que no contexto destas pressões e limitações, as pessoas encontram outras soluções, formam outras ligações e tentam viver com base em outros valores. Porém, o impulso central permanece (1989, p. 395).

A autora questiona até que ponto a intensa correria pode trazer benefícios a uma sociedade na qual as pessoas possam viver dignamente, com suas necessidades básicas supridas e não sendo avaliadas pelo que possuem. Na sua opinião, as pessoas que vivem no campo não são apressadas como as que habitam nas cidades, porque se espelham as manifestações da natureza, como a representada pelos bois pastando:

Observar um boi vivendo seu destino de mansidão e calma é uma lição de eternidade. Parado na manhã fresca e instável, ele ruminava contido, como se qualquer transbordamento de sua força fosse uma quebra naquela luminosidade harmoniosa. Só a cauda batia leve, de quando em quando, para espantar alguma mosca pousada em seu dorso (1963, p. 69).

Segundo Chevalier e Gheerbrant, o boi, ao contrário do touro, é um símbolo de bondade, de calma, de força pacífica. Na atitude desse animal, existe um aspecto de doçura e de desapego, que evoca a contemplação. Na China antiga, porém, um boi feito de argila representava o frio, que se expulsava na primavera, com o objetivo de favorecer a renovação da natureza (2007, p. 137). A exaltação da imagem de um boi vivendo seu destino em harmonia com a natureza, antecede um questionamento da vida atribulada das cidades:

Depois que os homens descobriram essa máquina de medir tempo que carregam consigo como aviso, a vida tornou-se um desespero. Todos ficaram possuídos desse sentimento de urgência, de minuto escoando e andam aflitos pelas ruas como se estivessem chegando atrasados para um encontro impossível. As maneiras de ganhar tempo se multiplicaram, os transportes tornam-se cada vez mais rápidos e já existem aviões que cortam os céus com velocidades inacreditáveis (1963, p. 69-70).

Os dois fragmentos contrapõem a cidade ao campo, reforçando os aspectos negativos da primeira, que não permite a vida harmoniosa e calma do espaço rural. De acordo com Pesavento, muitos escritores expressaram, voltando-se ao passado, os seus sonhos e seus conflitos sobre as transformações da cidade. Ao se referir a Porto Alegre, a historiadora afirma

que a cidade de Porto Alegre crescera, diversificara-se, tornara-se complexa ao longo do tempo, não se discute. Os traços desse processo foram deixando marcas no espaço, redesenhando o traçado urbano e deixando vestígios materiais que retraçam uma história não-verbal da mudança. Paralelamente, os textos, que falam do urbano, sejam eles oficiais ou dos usuários da cidade, expressam, por sua vez, expectativas, projetos e inquietações sobre a transformação da cidade (2002, p. 281).

Para ela, a cidade é objeto de uma diversidade de olhares, escritas e leituras que traduzem múltiplos saberes e sensibilidades sobre o urbano. No caso de Porto Alegre, o peso do rural se impõe como uma barreira ou um pólo de atração de parnasianos e simbolistas, fazendo com que a principal temática dos escritores da época não seja a cidade. Alguns romances, alguns poemas e um número maior de crônicas constituem o *corpus* desse olhar literário que abordava a cidade que crescia e se transformava. Na metade ou final do século XIX, o presente vivido é sempre perpassado ao contatar a mudança. Como exemplos, a autora cita Antônio Álvares Pereira Coruja com seus relatos de recordações que buscava nas memórias e as narrativas de Saint-Hilaire e Arsène Isabelle, referindo-se a um tempo perdido que passou, numa Porto Alegre onde todos ainda se conheciam e os nomes dos espaços, das pessoas tinham muito significado, o que depois se alterou e acabou desaparecendo. O velho Coruja alertava para um outro tempo, de comportamentos estranhos na contemporaneidade, de um tempo sem sensibilidades. Achylles Porto Alegre, na década de 20, escrevia que Porto Alegre vivia tempos de progresso, com construções que a tornariam mais bonita. Assim mesmo o cronista expressa que a cidade perdera o seu comportamento mais humanitário (2002, p. 282-283). Isso também pode ser observado na crônica “Dos apressados”: “Talvez a pressa seja apenas um vício do homem da cidade. Um vício tão feio como o de morar em escuros edifícios ou o de andarem em grupos mais ou menos desunidos e sem entusiasmo, ligados pelas mesmas coisas desimportantes” (1963, p. 70). Comentando sobre a temática de autores, como Athos Damasceno e Archymedes Fortini, Pesavento constata:

Sem dúvida, cada geração reescreve a história e reconfigura temporalmente o passado a partir do momento em que vive. Contudo, o que se quer remarcar é justamente o fato de que, ao representar a cidade, são recorrentes as sensibilidades para com o atraso e o progresso, assim como a identificação de que todo momento vivido é mudança e, com isso, marco de referência para a valorização positiva ou negativa do passado (2002, p. 284).

Na crônica “Dos apressados”, a transformação é explícita. A mudança pode ser positiva, porém também está imbuída de negatividade. Mesmo que a agilidade do transporte represente melhor aproveitamento do tempo e mais lucros, também pode ser vista como uma ameaça, como Pesavento metaforiza dizendo que a presença perturbadora do automóvel é uma “corrida para a morte” (1999, p. 326). Diante dessa fácil e rápida locomoção, Lara de Lemos, de forma irônica, faz suposições:

Onde chegarão esses homens apressados? Será que conseguirão atingir algum maravilhoso país onde não haja ódios, violências, traições? Onde os patriotas de hoje não fuzilem os de ontem? Onde não exista inflação, miséria, fome? Onde não se classifiquem os homens pelas suas contas nos bancos? (1963, p. 71).

Nesses questionamentos, a autora manifesta sua crítica em relação ao modo de viver das grandes cidades, onde os indivíduos caminham apressados como se assim fossem chegar a um lugar melhor. Ela reporta-se à vida de um boi e de uma mulher do campo, ressaltando que o homem da cidade tem muito a aprender com eles para ser mais feliz:

Na verdade, todos os habitantes de uma cidade deviam, pelo menos uma vez por ano, observarem um boi vivendo. Não duvidamos, é pelo exemplo dos bois que essa gente de fora fala sem pressa, vive sem pressa, sofre sem pressa. Algures, uma mulher trabalha, no campo, por 800 cruzeiros mensais, como se a vida não tivesse triplicado centenas de vezes. Ela faz tudo em silêncio, sem queixa. Toma conta dos animais, das plantas, das aves e das abelhas. Sabe que não adianta querer encurtar o tempo porque tudo virá a seu prazo. As árvores florescerão na primavera e depois darão seus frutos. Os animais se multiplicarão sem nenhuma interferência e as abelhas entregarão seu mel no dia aprazado. Sem nunca ter lido os Evangelhos, ela compreende que há o tempo de semear e o tempo de colher e milagrosamente intui a importância disso. Parece que adivinha que de nós, há algo melhor do que veículos de alta velocidade, bombas atômicas e foguetes interplanetários que procuram desvendar o céu e seus mistérios (1963, p. 71).

Diante da modernização e do progresso das cidades, observa-se a sensibilidade da escritora em captar, no campo e na natureza, exemplos de sabedoria, revelando uma visão bastante idealizada da vida rural. Segundo Pozenato,

esse é um sentimento espontâneo e pré-crítico de todo o que se aproxima do contexto cultural rural: o sentimento de que é uma pena que as coisas estejam se modificando, se transformando, desaparecendo. Na realidade, pelo menos desde que existem cidades, o mundo rural sempre esteve numa relação dialética com o mundo urbano. Isto é, o mundo rural existe numa contraposição com o urbano. Ele só é rural porque há um mundo urbano, e o mundo urbano porque há um mundo rural (2002, p. 92-93).

A cronista estabelece um contraste entre a experiência do campo e a da cidade, imaginando que se a mulher do campo nos questionasse sobre o que fazemos “nos sentiríamos envergonhados e confusos por sermos apenas essa habitual sucessão de dias, horas e minutos, por pertencermos a esse tumultuoso e inexplicável mundo de vidas esbanjadas em correrias, onde não sabemos mais aproveitar as nuvens, os arco-íris e as estrelas” (1963, p. 71).

Os contrastes existentes entre o campo e a cidade estão evidentes na literatura de Lara de Lemos. Nas crônicas “O menino e a águia”, “Cidade quase doida” e “Dos apressados”, a autora enfatiza que a pressa toma conta das pessoas, como um pedido de urgência em nossas ações, fazendo com que esqueçamos que a vida é algo superior a isso. Com sua aguçada sensibilidade, Lara de Lemos nos conduz a uma reflexão profunda sobre o homem moderno ao contrapor a calma das pessoas que vivem no campo à correria de uma vida cheia de compromissos e vícios dos indivíduos que habitam as cidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constitutivo das relações sociais, o gênero significa relações de poder, sendo que essas relações se apresentam de diferentes maneiras, dependendo do tempo e do lugar. É na interação do sujeito com o social que a identidade se estrutura, possibilitando, assim, um posicionamento crítico em relação às convenções institucionalizadas em busca do aperfeiçoamento da sociedade. Ressaltando a formação da identidade de gênero em uma sociedade majoritariamente masculina, Lara de Lemos questiona a condição da mulher, posicionando-se criticamente em relação a temas que ultrapassam a esfera doméstica e atingem o social.

Além de revelar o domínio que Lara de Lemos tem da escrita, a obra *Histórias sem amanhã* evidencia sua visão crítica da sociedade de seu tempo, manifestando a sua forma de ver, relacionar-se com o mundo e, principalmente, preocupar-se, de maneira solidária, com a humanidade. A escritora representa o individual e o social, contribuindo para a compreensão de aspectos culturais importantes do seu contexto de produção. Nos textos, abrem-se perspectivas que possibilitam identificar “valores” norteadores da sociedade em que as personagens se inserem. Ao representar e problematizar questões que se referem ao feminino, ao humano em geral, ao social e ao urbano, Lara de Lemos analisa com profundidade a condição humana, atingindo, dessa maneira, o universal na obra *Histórias sem amanhã*.

Em decorrência de uma tradição em que os papéis sociais restringiam a atuação da mulher ao espaço privado, predominantemente, muitas mulheres escritoras foram excluídas da história da literatura. Lara de Lemos é, justamente, umas das poucas escritoras brasileiras que obteve reconhecimento de sua escrita no início da segunda metade do século XX, no Rio Grande do Sul. Embora sua obra ainda não tenha sido suficientemente divulgada e estudada, vários intelectuais importantes de seu tempo apontaram o valor de seus textos, como se pode verificar nas apresentações de suas obras e pelos vários prêmios recebidos. Com uma escrita de alto valor estético, a autora propôs-se a uma reflexão histórica, social e política, sem omitir-se, mesmo enfrentando preconceitos e represálias, uma vez que foi presa durante o regime militar.

Entre as diferentes temáticas desenvolvidas em *Histórias sem amanhã*, inicialmente, mereceu destaque neste trabalho a representação dos conflitos vividos pelas mulheres, ainda em fase de conquista da liberdade na esfera pública da sociedade. Como se pôde observar pela

análise, Lara de Lemos reflete sobre a condição feminina, evidenciando os impasses vivenciados e os desejos de emancipação das mulheres do século XX. Porém, a autora não se restringe à problematização dos conflitos femininos, abordando também questões de cunho existencial que afetam o ser humano, independente de seu gênero ou de sua idade, revelando a complexidade das relações entre os indivíduos. Transcendendo o individual, a escritora gaúcha preocupa-se também com os problemas da ordem social, através de textos que revelam as disparidades sociais e os conflitos consequentes dessa situação. No século XX, tais disparidades são intensificadas pela saída do homem do campo em direção aos grandes centros urbanos, processo que constitui outro foco das crônicas de Lara de Lemos. É importante ressaltar que a visão idealizada da vida no meio rural em oposição à desumanização presente na cidade moderna é uma forma de questionamento e denúncia dos problemas vivenciados nas grandes cidades.

Nas crônicas em que Lara de Lemos tematiza a condição feminina, as mulheres representadas são moldadas de maneira a satisfazer a uma sociedade e a uma cultura ainda patriarcais, por isso não têm poder de escolha e decisão em suas vidas. Os textos representam um momento de conflito em relação ao seu papel na sociedade. Através de interrogações, a mulher busca, constantemente, a sua individualidade, porém, mesmo demonstrando o desejo de uma transformação, elas continuam encurraladas em seus próprios refúgios. Por um lado, observa-se a busca da libertação das amarras sociais e, por outro, os temores gerados pelos preconceitos ainda vigentes, principalmente, na primeira metade do século XX.

As crônicas, cuja temática é a condição humana, revelam a sensibilidade da autora em relação aos sentimentos do ser humano e ao universo em que está integrado. A decomposição dos valores morais e o vazio dos sentidos no ser humano, como também em suas relações com os outros, são aspectos enfatizados nos textos. Na sociedade contemporânea, o ser humano é reduzido às possibilidades de posse de bens materiais. O sistema capitalista cria necessidades de consumo ilusórias e infinitas que, quando não atendidas, geram insatisfação e sentimento de inadequação. Mesmo que não seja o seu desejo, o homem sofre pressões e, para não se sentir diferente dos outros, acaba aderindo a um código materialista, que foi socialmente construído. O vazio decorrente dessa situação, muitas vezes, impulsiona o indivíduo a buscar algo além do material, possibilitando a descoberta de um novo sentido para a vida. Em geral, somente em momentos extremos, ocorre a tomada de consciência, através de epifanias que conduzem a reflexões nas quais o “ser” começa a prevalecer sobre o “ter”.

A problemática social emerge nas crônicas de Lara de Lemos, sendo que a consciência e a preocupação da autora com as consequências oriundas de uma sociedade capitalista estão claramente expressas. As crônicas refletem esperanças de renovação de sonhos e propósitos das personagens. Porém, em uma perspectiva mais profunda, pode-se entender que os textos apontam não só para momentos cruciais na vida particular das personagens, mas também para uma crítica ao contexto político e econômico do estado e do país. Os problemas éticos oriundos do capitalismo estão associados aos problemas de justiça social, ampliando assim a violência e a criminalidade.

Nos textos em que se destacam os paradoxos da vida na cidade, Lara de Lemos evoca, de forma crítica, a correria da experiência contemporânea nos grandes centros urbanos, na busca incessante do lucro, fator causador do processo anestesiante dos vínculos humanos, da desumanização que ameaça os sentimentos, o bem-estar e a integridade do ser humano. A autora retrata os contrastes existentes entre a cidade e o campo, provocando o leitor a pensar sobre aonde o ser humano quer chegar com tanta velocidade numa sociedade de consumo abundante de supérfluos e de acúmulo capitalista, como também sobre o que realmente é básico e válido para viver com dignidade. Diante da fragmentação do sujeito, Lara de Lemos representa, em seus textos, a necessidade da sociedade adquirir a consciência de que pode se transformar, não permitindo que a vida seja negativamente transformada pelo sistema.

Em cada seção do capítulo analítico, buscou-se destacar aspectos específicos, porém observa-se que as temáticas se inter-relacionam constantemente nos textos, pois refletem fatos do cotidiano integrados em um contexto histórico e social. A autora constrói personagens que representam a essência, os valores, os princípios, os conflitos e os sentimentos do ser humano, o que justifica a amálgama de várias temáticas, porque o homem é um ser social e os problemas de condição humana, condição feminina, como também os problemas sociais e das cidades não acontecem isoladamente.

Para finalizar, é importante refletir que apesar de estarmos vivendo em outros e novos tempos, cujos avanços teóricos e mudanças sociais permitiram o acesso da mulher a diferentes esferas da vida pública e aos inúmeros campos de conhecimento, é perfeitamente notável a presença desigual de mulheres em várias instâncias da vida social. Ainda observam-se resquícios de uma posição machista em nossa sociedade, o que nos induz a pensar o quanto é necessária a conscientização da mulher em relação ao seu real valor, a fim de que haja uma consistente reversão dessa consolidada hegemonia patriarcal. A emancipação feminina foi

uma conquista, no entanto, é necessário que a mulher consiga libertar-se das angústias e dos sentimentos de culpa que ainda perduram.

Investigar as crônicas de Lara de Lemos na perspectiva das relações entre o particular e o universal foi uma oportunidade para se refletir sobre a condição feminina e a humana, a problemática social e a urbana, como também a complexidade de suas interações, tanto no contexto de produção da escritora quanto além dele, na medida em que se constata que seus textos ainda permanecem enquanto representação artística. Assim, pode-se concluir que a escritora Lara de Lemos tem muita importância para a literatura do Rio Grande do Sul, como também para a literatura do Brasil, na medida em que consegue representar os problemas de seu tempo, ultrapassando-o e, assim, atingindo a dimensão da arte.

A investigação realizada não exaure as possibilidades de análise da obra. Espera-se que ela constitua uma abertura para outros enfoques analíticos e que contribua para o aprofundamento das pesquisas sobre a autora, como também para a revalorização de sua escrita.

6 REFERÊNCIAS

6.1 De Lara de Lemos

LEMOS, L. de. *Histórias sem amanhã*. Porto Alegre: Difusão de Cultura, 1963.

LEMOS, L. de. *PalavrAvara*. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.

6.2 Sobre Lara de Lemos

ANAGNOSTOPOULOS, M. L. Multifacetária Lara. In: *LARA DE LEMOS*. 3. ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1997 (Autores Gaúchos, 14).

BEZERRA, K. C. Lara de Lemos: O Tenso Rememorar da Ditadura Militar no Brasil. *Graphos*. Revista da Pós-Graduação em Letras – UFPB. João Pessoa, v. 6, nº 2/1, 2004. p. 85-94.

BORDINI, M.G. Ofício poético com inteligência e paixão. In: *LARA DE LEMOS*. 3. ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1997 (Autores Gaúchos, 14).

BORDINI, M. G. Apresentação. In: LEMOS, Lara de. *Dividendos do tempo*. Porto Alegre: L&PM, 1995.

BUTLER, J. P. *Problemas de gênero – Feminismo e subversão da identidade*; tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALDEIRA, E. W. *Inventário do medo: a realidade social na poesia de Lara de Lemos*. 2001. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

CASTRO, N. M. S. de. Os Pássaros na poesia de Lara: o melancólico exercício do sublime. *Revista Trama*, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, v. 2.; nº 4.; p. 179-189.

CESAR, G. Sentimento e lucidez. In: *LARA DE LEMOS*. 3. ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1997 (Autores Gaúchos, 14).

FÉLIX, M. Apresentação. In: LEMOS, Lara de. *Adaga lavrada*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

LEMOS, Lara de. *Entrevista*. Rio de Janeiro, 14 jan. 2009. Entrevista concedida a Salette Nair Carletto Cousseau.

PANORAMA de poesia: Lara de Lemos. Desenvolvido pelo Instituto Itaú Cultural. Disponível em: <http://www.itaucultural.com.br/index.cfm?cd_pagina=224>. Acesso em: 03 novembro 2007.

PAVANI, C. F. *O íntimo e o público na obra de Lara de Lemos*. 2009. Pesquisa de Pós-Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PIMENTEL, A. M. *Lara de Lemos: um lirismo de ausência*. 2004. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

RONAI, P. Prefácio. In: LEMOS, Lara de. *Águas da memória*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1990.

SANTOS, V. Estudo crítico. In: *Antologia poética*. Porto Alegre: IEL; CORAG, 2002.

TELLES, G. M. Prefácio. In: LEMOS, Lara de. *Amálgama*. Porto Alegre: Movimento, Instituto Estadual do Livro, 1974.

TORNQUIST, H. Penélope e o rei surdo. In: LEMOS, Lara de. 3. ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1987 (Autores Gaúchos, 14).

6.3 Aspectos teóricos

ANDERSON, J. *Sistemas de gênero, rede de atores e uma proposta de formação*. Tradução de Beatriz Cannabrava. Montevideu: REPEM, 1998.

ARENDT, H. *A condição humana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

ARRIGUCCI JR, D. *Enigma e comentário*. Ensaio sobre literatura e experiência. São Paulo: Schwarcz, 1987.

ASSIS, A. L. A. *Influências da psicanálise na educação – uma prática pedagógica*. 2. ed. Curitiba: IBPEX, 2007.

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BADINTER, E. *O que é uma mulher: um debate*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

BASSANEZI, C. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, M. (Org.) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001.

- BEAUVOIR, S. de. *O segundo sexo – Fatos e mitos*. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BENJAMIN, W. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus, 1984.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.
- BLAY, E. A. Políticas públicas para superar obstáculos à equidade de gênero. In: CARVALHO, J. S. e ROCHA, C. M. F. (Org.) *Produzindo gênero*. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- BUENO, A. Sinais da cidade: forma literária e vida cotidiana. In: LIMA, R. e FERNANDES, R. C. (Org.) *O imaginário da cidade*. Brasília: Universidade de Brasília, 2000.
- BUITONI, D. S. *Imprensa feminina*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade. Estudos de teoria e história literária*. 8. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.
- _____. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas cidades, 1995.
- CARVALHO, M. J. S.; ROCHA, C. M. F. *Produzindo gênero*. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- CHEVALIER, J. GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.
- CLEMENTE, E. *Quando a crônica floresce*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- COUTINHO, A. *Introdução à literatura no Brasil*. 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- _____. *Notas de teoria literária*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- COSTELLA, A. F. *Para apreciar a arte*. 3. ed. São Paulo: SENAC São Paulo, 2002.
- DAMASIO, C. P. A construção e a imagem cidade-progresso em Porto Alegre na virada do século. In: SOUZA, C. F. de; PESAVENTO, S. J. (Orgs.). *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: UFRGS, 1997.
- DAUSTER, T. Transformações nas relações de gênero. In: COSTA C. de L. e GROSSI, M. P. *Revista estudos feministas*. v. 9, n. 1. Santa Catarina: UFSC, 2001.
- DUARTE, C. L. *Feminismo e literatura no Brasil*. Estudos Avançados 17 (49), 2003.
- _____. C. L. Nísia Floresta Brasileira Augusta: uma ilustre escritora potiguar. *Revista da FARN*. Natal, v. 4, nº 1/2, 2006. p. 157-166.

- _____. O cânone literário e a autoria feminina. In: AGUIAR, Neuma. *Gênero e ciências humanas*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, s.d. Coleção Gênero.
- DUBAR, C. *Crise das identidades: a interpretação de uma mutação*. Porto: Afrontamento, 2006.
- EDGAR, Andrew; SEDGWICK, Peter. *Teoria cultural de A a Z – Conceitos-chave para entender o mundo contemporâneo*. São Paulo: Contexto, 2003.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GREGORI, M. F.; PISCITELLI, A. Corporificando gênero. *Cadernos Pagu*. São Paulo: UNICAMP, 2000.
- GIDDENS, A. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.
- _____. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar., 2002.
- HAHNER, J. E. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil – 1850/1940*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HOLANDA, H. B. de. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- JAMESON, F. O Pós-modernismo e a sociedade de consumo. In: KAPLAN, Ann (Org.). *O mal-estar no pós-modernismo: teorias e práticas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- JANOWITZ, M. *Os elementos sociais do urbanismo*. Rio de Janeiro. Fórum, 1971.
- JULLIEN, François. *O diálogo entre as culturas: do universal ao multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- LARAIA, R. de B. *Cultura: um conceito antropológico*. 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- LAURETIS, T. de. A tecnologia do gênero. In: HOLANDA, Heloísa Buarque de. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LIMA, R. Mapas textuais do imaginário fragmentado da cidade. In: LIMA, R. e FERNANDES, R. C. (Org.). *O imaginário da cidade*. Brasília: Universidade de Brasília, 2000.

- LITOVESTKY, G. *Terceira mulher*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- MICHAUD, Y. *A violência*. São Paulo: Ática, 1989.
- MATOS, M. I. S.; SOIHET, R. (Orgs.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: UNESP, 2003.
- MAUCH, C. O policial e a cidade, um olhar vigilante: Porto Alegre, final do século XIX. In: SOUZA, C. F. de e PESAVENTO, S. J. (Orgs.). *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: UFRGS, 1997.
- MORE, T. *Utopia*. São Paulo: Escala, s.d.
- MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 3. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.
- NAVARRO, M. H. (Org.). *Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina*. Porto Alegre: UFRGS, 1995.
- PAVIANI, J. *Cultura, humanismo & globalização*. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.
- _____. J. Região: o conceito pré-teórico de região. In: RIBEIRO, C. M. P. J.; POZENATO, J. C. (Orgs.). *Cultura, imigração e memória – 25 anos do ECIRS*. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.
- PERROT, M. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2005.
- _____. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.
- _____. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- PESAVENTO, S. J. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- _____. A cidade maldita. In: SOUZA, C. F. de e PESAVENTO, S. J. (Orgs.). *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: UFRGS, 1997.
- POZENATO, J. C. Algumas considerações sobre região e regionalidade. In: FELTES, H. P. de M. *Filosofia: diálogo de horizontes*. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.
- _____. J. C. *O regional e o universal na literatura gaúcha*. Porto Alegre: Movimento, 1974.
- _____. (Org.). *Processos culturais na região de colonização italiana do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: EDUCS, 1990.

- PRÁ, J. R. Gênero, cidadania e participação na esfera pública. In: CARVALHO, J. S. e ROCHA, C. M. F. (Orgs.). *Produzindo gênero*. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- PRIORE, M. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001.
- RIBEIRO, C. M. P. J. *Anotações da literatura e de cultura regional*. Caxias do Sul: EDUCS, 2005.
- ROUSSEAU, J. J. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Brasília: Universitária de Brasília; São Paulo: Ática, 1989.
- SÁ, J. de *A crônica*. São Paulo: Ática, 2001.
- SABAT, R. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. In: GROSSI M. P.; MIGUEL S. M. (Orgs.). *Revista Estudos Feministas*. Santa Catarina: UFSC, v. 9, n. 1. 2001.
- SARTRE, J. P. *O ser e o nada – ensaio de ontologia fenomenológica*. Tradução de Paulo Perdigão, 12. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- SCHMIDT, R. T. (Org.). *Mulheres e literatura: (trans)formando identidades*. Porto Alegre: Palloti, 1997.
- SCHMIDT, R. T. Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina. In: NAVARRO, M. H. (Org.). *Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina*. Porto Alegre: UFRGS, 1995. Col. Ensaaios.
- SCHNEIDER, L. A Representação do feminino como política de resistência. In: PETERSON, M.; NEIS, I. A. (Orgs.). *As armas do texto: a literatura e a resistência*. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzatto, 2000.
- SCOTT, J. In: COSTA C. de L.; GROSSI, M. P. *Revista Estudos Feministas*. Santa Catarina: UFSC, v. 9, n. 1. 2001.
- SENNET, R. *O declínio do homem público - As tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SHOWALTER, E. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- SODRÉ, M. *O social irradiado: violência urbana, neogrotesco e mídia*. São Paulo: Cortez, 1992.

SOIHET, R. História, mulheres, gênero: contribuições para um debate. In: AGUIAR, Neuma. *Gênero e ciências humanas*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, s.d. Coleção Gênero.

_____. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: PRIORE, M. (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001.

WEIMER, G. A imagem da cidade e o poder. In: SOUZA, C. F. de e PESAVENTO, S. J. (Orgs.). *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: UFRGS, 1997.

WHITAKER, D. *Mulher e homem: o mito da desigualdade*. São Paulo: Moderna, 1990.

WILLIAMS, R. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

WOLLSTONECRAFT, M. *Vindication of the rights of woman*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica. In: SILVA, T. T. da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ANEXOS

Depois da chuva

O sol entrava tênue pelos vidros. A mulher olhou-se no espelho, sem mágoa. O corpo era largo, maternal, animado de grande vitalidade. Os seios caíam um pouco, como se estivessem cansados de carregar o próprio peso durante tanto tempo.

Saiu para a manhã recém-lavada, redescobrimdo coisas esquecidas. Por dentro, havia um retorno à menina que ficara nos retratos.

O ar estava ligeiramente frio, úmido, puro – parecia oferecer-se ao pó e à sujeira daquele dia, como se pudesse dizer: - Não importa, amanhã estarei renovado.

Os pássaros brincavam de se reinventarem e surgiam aqui e ali, em voos leves e rápidos, fazendo as folhas tremerem e as gotas caírem em pequenas chuvas.

A mulher pensava em sua vida, estranhando ter-se tornado o que era. Distanciada, tranquila como o céu daquele instante, alto e sem nuvens. Aprendera a conviver, como se não convivesse. Amava, sem nenhuma troca, todos os seres vivos, olhando suas fraquezas, suas pequenas astúcias e até as grandes maldades, com muita indulgência.

A soma de suas experiências, aquelas que a gente adquire a sós, no próprio quarto e que nunca se conta a ninguém, porque doem muito, ela as tivera. Agora, sentia-se livre, desafogada como um ator que já houvesse recitado sofredamente toda sua parte.

Sentia-se jovem e, ao mesmo tempo, indescritivelmente velha. Adquirira o dom de passar pelas coisas e pelas gentes como uma lâmina, tocando no âmago de tudo. Talvez, por isso, as lágrimas ainda eram necessárias, mas não tinham nada do trágico-solene da adolescência. Apenas a vida, além de muito bela, era quase sempre triste.

Não chegara à idade fatal da filantropia, mas dava-se com largueza e sem lamúrias, pois tinha compreendido, também, que uma pessoa pode gastar-se inutilmente encerrada em si mesma.

Rememorou a adolescente que fora, tão de olhos fechados para o bom da vida, tão querendo morrer todos os dias. Olhava, agora, as ruas arborizadas, as calçadas limpas, as crianças brincando ao longo delas e as casas com suas janelas semi-abertas, deixando

vislumbrar o íntimo das camas e as pessoas que passavam aos pares, abraçadas, sentindo uma nova harmonia em todas as coisas.

Ela mesma sentia-se una, reencontrada como uma árvore, com suas raízes, seu tronco, suas folhas e seus frutos. E era bom ser aquela mulher-árvore, firmemente plantada na terra. Deu de cantar: “A felicidade é como uma gota de orvalho numa pétala de flor/ brilha tranquila/ depois de leve oscila/ e cai como uma lágrima de amor.”

Aproxima-se da carroça do verdureiro, para olhar o colorido dos legumes. O negrinho-ajudante disse, rindo para ela:

- Tá faceira hoje, não é?
- Tô mesmo.
- Vai levar alguma coisa?
- Não, estou só olhando.
- Só olhá não serve, dona. Tem de comprá!
- Então me dá uma maçã.

Mordeu a maçã e o seu perfume, sentindo o gosto da polpa nos dentes. E prosseguiu, sem rumo, para um novo encontro com o mundo.

O sorriso

A moça saía para compras. Apressada, sem tempo para olhar a paisagem humana e as vitrinas, que se enfeitavam de cores alegres, naquele princípio de estação. Voava pelas ruas, tendo em mente apenas a breve lista: botões – sapatos – toalha plástica – verniz.

Deviam ser mais ou menos seis horas da tarde, quando deu com ele. Tipo atlético. No queixo voluntarioso, uma covinha que o punha terno. Um olhar insistente e quase conhecido. Ah, o homem era a cara do Kirk Douglas. Sentiu-se leve, estranha. A lista de compras desapareceu do pensamento e nele entraram os dois namorados que caminhavam na sua frente, de mãos dadas e sorriso posto um no outro. Esbarrou numa criança, quase sem notar e seguiu em pensares jovens, para um lugar esquecido.

De repente, uma íntima certeza a perturbou. O homem-Kirk Douglas a seguia. Parou numa vitrina sem ver nada, a não ser a imagem refletida que passava.

Estava confusa. Atravessou a rua como uma vontade de reestruturar-se como mulher; ser curiosa, coquete, fácil. Viver um momento bom, como quem chupa uma bala, sem ligar que a doçura acabe logo. E, ao mesmo tempo, presa numa rede de preconceitos fabricados desde a infância, que aderiam a seu corpo como um vestido impossível de ser tirado.

Desejou sentir-se à beira de outro futuro que não fosse o seu; tão definido, com tios, tias, sobrinhos, missas e aniversários. Sentiu que o mundo se desvendava carregado de estranhos significados, que a vida poderia não ser aquele repetido apaziguamento, aquele perpétuo anular-se. “Não temas”, dizia enquanto as pernas hesitavam, sem saber que rumo tomar novamente.

O homem esperava na esquina. Bastaria apenas fixar os olhos em promessa, mas havia neles um medo, uma covardia, uma fuga. Fez que não viu. Endireitou-se e tentou concentrar-se no movimento da rua. As pessoas se moviam como presas por fios invisíveis, batiam-se, separavam-se cumprimentavam. O sol de fim de tarde descia suavemente sobre elas e os cabelos das mulheres pareciam refeitos em luz. De vez em quando, um som mais estridente abria espaços e os autos passavam devagar, em pura benevolência.

Embora aparentemente distraída, a moça não parava de se perguntar: “ele ainda te segue; o que vais fazer? Está quase na hora de voltar para casa e ainda não compraste nada.” A palavra “hora” lembrou-lhe o jantar e começou a sentir um vazio no estômago, uma fome nova de coisas que nunca comera.

Como o homem estivesse muito próximo, resolveu entrar num edifício cinza, que se abria na sua frente. Tomou o elevador e foi até o último andar. Lá ficou pelos corredores, num caminhar fingir, à procura de nada.

- “Bem, agora ele já deve ter ido embora.” E postou-se diante da porta do elevador, em aflita espera. No íntimo, desejava que ele ainda estivesse. Procurava manter a força anterior, mas se diluía em arrependimento. “Se ele ainda estiver esperando todas as coisas podem começar com um sorriso”, - pensou, refugiando-se na possibilidade de um milagre.

Quando o elevador abriu-se, lá estava ele aguardando na porta do edifício. Sorriu. O moço também sorriu. Um sorriso tímido de gente de fora, com enormes dentes de ouro, que brilhavam com um certo exagero, entre dois caninos amarelados.

Um pequeno horror percorreu o corpo da moça. Passou por ele rápida, fria, inalcançável. E prosseguiu apagada para um amanhã sem nenhuma esperança, sentindo o agudo desconforto de uma mulher solteira todos os dias.

Uma esposa

Ele era bom, honesto, generoso. Não esquecia nenhum detalhe, nenhuma novidade em aparelhos elétricos, nada que pudesse torná-la feliz. E ela, que sempre fôra um leve pousar sobre as coisas, um distraído partir para algures, que não podia dar-se senão por momentos, sentia-se escassa, pobre, insuficiente de amor.

Daí o contínuo dar-se para merecê-lo. E a necessária separação das roupas em armários diversos com inúmeras gavetas, cada qual provida de suaves aromas e das imprescindíveis bolinhas de naftalina. Daí os menus semanais organizados de acordo com as quantidades recomendáveis de vitaminas, proteínas e sais minerais. As intermináveis listas de compras e o suplício do caderno-conta-corrente.

Às vezes, em dias de céu muito azul ou muito cinza, uma vaga nostalgia, da mulher que poderia ter sido, a habitava. Então, baixava a cabeça e procurava distrair-se com o carreiro das formigas ou o brotar das plantas. Adia os pensamentos. Temia olhar para a amplitude e pressentir a existência de muitas coisas além do que lhe era permitido ser. Também o amar tentava. Mas o bom do marido, o honesto dele transformava o vago desejo em antecipados remorsos. Sabia que o casamento era a única possível decência e se envergonhava da própria fraqueza, sentindo-se frágil, frágil, vulnerável, incapaz de vencer qualquer urgência do corpo ou da alma. Até a esperança lhe parecia um pecado. Quando a comoção se alastrava depressa demais e umedecia os olhos de algum amor, ela se refugiava no canto mais escondido da casa e só aparecia depois de refeita no tranqüilo sorriso hábito.

E assim foi desbotando em renúncias e conseguiu ser uma esposa. Uma esposa para uso diário, sem nenhuma eficiência ou habilidade que merecesse especial referência. Limitou-se a gostar dos animais, que eram macios e tinha olhos de compreender as coisas e dos objetos de cristal, lisos, distantes e inofensivos. Havia também o filho, que certamente amava. Não como as outras, como se a criança fosse parte dela. Mas de um amor desligado do instinto, sofrendo adivinhamentos, sabendo-o delicado, fraco e só no mundo, como todos.

Foi quando apareceu Lourdinha, mulata-broto, jeitosa de mãos, pernas finas, cintura idem, que ficou de copeira na casa.

Embora tudo continuasse igual, e as refeições fossem servidas três vezes ao dia, no horário habitual, algo começou a existir. Os quartos continuavam cada vez mais limpos e arrumados, e o hall, brilhante de cera, aguardava visitas, perfilado. Não obstante, dentro de cada um havia um vago prenúncio. O que acontecia era tão simples e terrível, que eles mesmos não sabiam onde e como se proteger.

Lourdinha, a de cintura semovente, era cada vez mais amável e sua voz enriquecia de tons de novela de rádio quando falava ao patrão, num súbito mar de sorrisos.

Finalmente, tudo virou certeza e passou a suceder claro, visível, como um fruto que houvesse amadurecido prematuramente para se tornar compreensível. Meses depois, o marido e a copeira sumiram. Mas o homem continuou muito bom, honesto e generoso. Deixou tudo para a esposa. Até o telefone, coisa tão difícil e necessária hoje em dia.

Na praia

As duas iam de mãos dadas pela praia, avó e neta. Felizes. Cada uma vendo o mundo a seu jeito. Para a criança havia, principalmente, cores, bolas e outras crianças.

- Vó, olha o nenê com a minha bola.

- Não é a sua, minha filha, é igual mas não é a sua. Esta a mãe do menino deu pra ele.

- A mãe ou o Papai Noel? A minha foi o Pai Noel, não foi?

- Foi.

Depois de responder para a neta ficou olhando aquela gente toda. Um homem muito gordo, de pescoço vermelho e pernas finas, sentindo-se ainda o atleta da mocidade, dava demonstrações de agilidade. Um casal de meia idade, andar pesado, mas fielmente romântico, passeava de mãos dadas. Os brotos, roupa exígua, colorida, grandes olhos de lápis, sorrisos brancos, tentavam como frutos prematuros. As trintonas, bolsas, chapéus, toalhas e outros mil acessórios, encolhiam a barriga e, com ar displicente, comentavam o último jogo de cartas.

As imagens aglomeravam-se no pensamento e, no meio delas, ela própria surgia irreconhecível, de óculos, cabelos brancos e dentadura nova incomodando.

Não fosse aquela pequenina mão dentro da sua e ela se sentiria plenamente livre. Ninguém adivinhava, mas agora, aos cinquenta e seis anos, quase não se precisava mais dos outros. A vida valia por si mesma. Até o sol era suficiente. A soma de tudo o que vivera estava dentro de si, dando-lhe uma estranha inteireza. Não se precisava, nem mais, ser bonita. E fora a muito custo, para ceder ao pedido dos filhos, que se resolvera pôr aquela incomodação na boca. Aquilo atrapalhava tudo, até o pensamento. Cedera pelo hábito de concordar. Sempre tinha sido assim. Primeiro obedecera aos pais, depois o marido, depois os filhos. E, mesmo, quando todos tacitamente lhe haviam decretado liberdade, havia ainda os vidros que embaciavam, os móveis que se cobriam de pó e as plantas, que murchavam nos vasos à sua espera.

Sempre se submetera, mas sentia agora que se bastava, e era preciso pouca coisa para viver. Um quarto tranquilo, retratos, alguns livros, uma cadeira de encosto, sol, uns poucos quadros, teria sido o suficiente. Mas, a mão pequenina puxava adiante e ela obedecia mais uma vez.

- Vamos brincar de conchas, vovó?

- Então você junta e põe dentro de meu balde, tá?

Começou a brincar com a menina, como se a vida estivesse ainda no princípio, como se a infância tivesse voltado, misteriosa como a da neta. Não adiantou muito ter ficado velha, pensou.

Um cheiro de sal e ostras entrou-lhe pelas narinas. Olhou para longe, muito longe, onde o mar e o céu se confundem numa linha, e depois, para as próprias mãos de veias grossas, onde o sangue parecia denso e escuro. Um cansaço começou a subir de algum lugar de seu corpo. Talvez dos rins, talvez dos pés desabitados de caminhar, talvez do coração. E olhou o chão de areia morna como se não fosse apenas chão, mas um convite distante, possível, definitivo, à solidão e ao descanso.

A mulher e a rosa

Era de tardinha. O inverno cansara de ser inverno e se vestira de um calor ameno e tons claros de primavera.

A mulher caminhava leve com a rosa. Uma grande rosa vermelha, altiva e tão bela quanto soberba. Dessas que a gente vê nos jardins murados dos palácios ou na impossibilidade das vitrinas. Pétalas úmidas, macias, mal desabrochadas e, sobretudo, transitórias.

Não se poderia precisar nada naquele momento. Nem a estação, nem a hora, nem a densidade do ar, nem a idade da mulher, porque ela vinha envolta em memórias e, também, porque havia um equilíbrio novo em seu ser. Era como se ela tivesse se tornado compatível e recomposta para o mundo, reencontrada em um único centro, em uma única flor.

Todas as falas de tédio ou de ira deviam estar caladas dentro de si, todos os sofrimentos anteriores deslembados, todas as cicatrizes desaparecidas, e ela, surgida na Terra para anunciar auroras, ou para lembrar florações e frutos.

Havia também em seu corpo a tristeza das coisas esgotáveis, o terrível das rosas murchas, o melancólico das tardes, o escuro presságio de uma manhã sem nenhuma outra flor.

Um homem, jovem e muito velho, notou a beleza da rosa, apaixonou-se e começou a compor seu poema: “Que ela não me olhe, que não esboce nenhum gesto, não diga palavra. Que seu caule seja apenas tocado pelo vento, suas pétalas permaneçam impossíveis, e eu possa contemplá-la para sempre, deslumbrado e sozinho.”

Mas ela nada ouviu. Estava embebida na própria graça e leveza e deixava que os homens passassem, repetindo o apelo. Renuncio, parecia dizer, enquanto descorava um pouco mais e começava, vagamente, a murchar.

Quando chegasse o amanhã, talvez compreendesse o milagre daquele súbito verão. Mas o encanto da tarde teria passado, teria esquecido todas as ternuras e o motivo de tudo estaria longe, perdido na mais absoluta distância. Porque o amor dos homens é como um sopro ou uma nuvem, e o caminho das rosas – o da solidão.

Da vida do homem

O homem era seco, inflexível, duro. Tinha um jeito breve de homem extremamente ocupado. Nunca se detivera com flores ou pássaros e detestava a complacência com que certas pessoas tratavam essas coisas inúteis. Havia também em si um certo oculto rancor pelos intelectuais, esses que se preocupavam com a fome dos chineses, o problema racial dos Estados Unidos, as secas do Nordeste, todos os flagelos noticiados e, nunca com a aflição dos credores mais próximos.

Religião? Bem, respeitava a todas, mas que não molestassem com problemas metafísicos, coisas remotas como o céu, o inferno, pecados, etc...

Não há dúvida que era um homem do seu tempo, um cidadão de bem. Trabalhava mais do que as oito horas regulamentares e prosperava sem nunca ter roubado mais do que o estritamente permitido. Além do mais, inspirava uma bruta confiança nos seus semelhantes. Sua única fraqueza era talvez aquele secreto orgulho pelo seu carro, sempre muito atual. À noite gostava de rodar com ele pela cidade em vitoriosos passeios exibitivos. Recolhia-se, em geral, antes da meia-noite e recomeçava, tudo igualzinho, no outro dia.

A coisa veio, inesperadamente. O dia era de chuva, saiu do escritório à noitinha, subiu no carro e, ao dobrar a primeira esquina, sentiu aquele baque surdo no para-lama dianteiro. Havia apanhado alguém. Parou, desceu do carro e ouviu a voz alarmada:

- O senhor o matou, não respira mais. Leve, leve depressa para o Pronto-Socorro, pode ser que...

Não ouviu o resto. Arrastou o homem para o carro, ajeitou o corpo no banco de trás e rumou para o hospital. Suas mãos tremiam, suas pernas tremiam. Dentro de si, pensava em susto – matei um homem. Era só o que me faltava. De onde teria surgido esse infeliz que não pude ver? Também, estava tudo escuro e o carro que vinha na direção oposta, com os faróis altos, cegou-me. É terrível. Será que ele tem família? Vai ser tremendo enfrentar a família. E os jornais? Na certa farão escândalo. Meu Deus, meu nome na página policial. Deus... Seria castigo pelo meu indiferentismo com Ele? Será mesmo que existe Deus? E Cristo?

Sem querer, lembrou a história da crucificação. Pensou até em Judas. Na verdade, a morte de Cristo deveria ter sido muito menos triste do que a de Judas. Cristo morrera dando-se, fiel a si mesmo, ao passo que Judas se enforcara, estava contra si, punia-se pela morte de

um inocente. E ele? Por que lhe havia ocorrido “aquilo”? Nunca pensara em matar ninguém, e agora...

No portão do hospital, enquanto aguardava a padiola, olhava com estranheza para tudo, não conseguindo ser senão imensa culpa.

A voz veio surpresa do fundo do carro:

- Mas o que é que estou fazendo aqui?

Olhou. Era o “cadáver” calmamente sentado que lhe interrogava de novo: - O senhor pode me dizer por que me trouxe para cá?

Não respondeu. Sentiu que o suor porejava-lhe as faces. Viu o “outro” de uma maneira nova e feliz, com uma vontade de abraçar, de rir, de beijar, como se estivesse se descobrindo de repente.

Um vidro 0,20 x 0,20

Como foi que o vidro quebrou ninguém fica sabendo. Uma manhã apareceram cacos espalhados no chão e aquele olho aberto para a rua. Indiscreto. Os que passavam não podiam conter a curiosidade e espiavam para dentro. Viam a mesa, as cadeiras, e pessoas que se moviam de cá para lá.

A dona de casa odiava indiscrições. Começou a sentir-se uma visita na própria casa. Vestido desbotado, cabelos em desordem, a ligeira vesguice da vista direita, tudo revelado aos que passassem. Nada dos apurmos com que driblava a idade. Nem sequer os óculos escuros que disfarçavam o tempo e o defeito.

À noite ainda era pior. Não podia dormir com aquele vidro quebrado convidando roubos. Era só enfiar o braço, espichá-lo até a fechadura, tirar o molde e no dia seguinte... O pensamento trabalhava e o sono, quando vinha, era interrompido por pesadelos, sobressaltos, coração aflito.

Aguentou dois dias. No terceiro telefonou para uma vidraçaria pedindo socorro. Do outro lado uma voz perguntou:

- De que tamanho é o vidro?

- Vinte por vinte. É o vidro da vigia.

- Ah, minha senhora, estamos com serviço demais. Não podemos destacar um empregado para colocar um vidro de vinte por vinte. A senhora terá que esperar até o fim da semana.

A mulher conformou-se. No fundo o homem tinha razão, o preço do vidro não valia o tempo que perderiam para colocá-lo. O remédio era aguardar com paciência. Refugiava-se no quarto. Lá, olhos fechados, procurava em pensamentos calmos, retomar sua solidão sem cuidados. Era inútil. A consciência de que tinha um mistério a preservar e aqueles olhos espionando do outro lado da porta, a tornavam intranquila. Uma casa é lar enquanto abriga, serve de refúgio, nos esconde do indagar alheio. Assim, sem vidro na vigia, sem o segredo da porta, sem o gosto da intimidade, era como o estar numa praça. Horrível.

Passou a telefonar todos os dias para a vidraçaria.

- Olhe, aqui é a senhora do vidro vinte por vinte. Quando é que os senhores vão mandar colocá-lo?... Eu pago um pouco mais.

- Está bem, minha senhora, vou ver se mando hoje.

Mandaram só no sábado de manhã. A mulher suspirou apaziguada. Ótimo, a família iria para fora e a casa ficaria bem fechada. Graças a Deus!

As chaves foram deixadas no vizinho e o pessoal do 252 seguiu, liberto de preocupações, rumo ao mar.

Mas não acaba aqui a minha história. Agora é que vem o pior. Voltaram no outro dia, cansados de sol e pescarias. Foram buscar as chaves. A velhinha do 241 informou: O vizinho tinha viajado, a vizinha também e a empregada só voltaria segunda-feira de manhã.

Não houve outro jeito. Quebraram o vidro da vigia e arrombaram a porta.

No dia seguinte a mulher estava dependurada no telefone:

- Aqui é a senhora do vidro vinte por vinte.

Condição de pai

Semana de trabalho, igual, sem novidade. Barba, chuveiro, café, atropelo, escritório. De noite, amarfanhamento. Problemas com as crianças. Mulher reclamando um cinema. Cansaço.

No domingo, a coisa variava um pouco. Sono comprido, chinelos, jornal, rádio, futebol.

Às vezes, um pôr-de-sol mais bonito, mais triste, mais conivente, lhe enxertava por dentro uma sensação indefinível, quase melancólica.

O homem reaprisionava os perdidos caminhos da infância: o canto de um sabiá que a funda extinguiu, o bom dos pés num regato, ou aquele inédito espetáculo de circo. O surgimento da bailarina-primeira-paixão, quase nua sobre o dorso de um cavalo. Depois o mágico: nada aqui, nada acolá, e deste nada ele tirava flores, naipes, pássaros, coelhos, – num puro mistério. Por fim, o momento culminante do trapézio: nadadores do ar em perfeito equilíbrio, eles se moviam no tempo exato ao som de uma valsa antiga, enquanto o instante perigoso do desencontro habitava seu coração apertado de medo. Em todos os números os palhaços atrapalhavam. Tudo sobrando, o colarinho, as luvas, os sapatos. Olhos borrados, quase sempre murchos, bocas com enormes sorrisos pintados e as piadas, os tabefes, as quedas, os estouros.

- Mas para que pensar nisso?

Amadurecido na compreensão de si mesmo, já potencialidade, semeador de outros futuros, por que lhe vinha aquele sentimento de desamparo, de angústia, de solidão, como se estivesse colocado à margem de todas as coisas?

A lucidez fez com que ele sorrisse da própria tristeza. Apanhou sua angústia, limpou-a com um sopro e a recolocou em condições de uso, silenciosa e decente. Como poderia ele, um cidadão honrado e prático, ostentar um coração sensível? Sempre o fingira outro, pois bem sabia que tê-lo assim redundaria em perda, em fracasso certo.

Negara-se a todas as comoções. Trabalhara duro. Subira depressa. Nunca se permitira renovar a meninice pela mão dos filhos, misturar-se com eles em coisas simples, como fita de mocinho, corrida, balanço, bola.

Os dias se haviam somado uns aos outros e eles crescido sozinhos, diversos, cada um com seu consigo.

Agora ele estava ali, afundado numa confortável poltrona, pensando, em aparente vitória, que os caminhos do amor eram extremamente difíceis.

- Hoje é domingo – resolveu o homem reagindo – À noite, iremos ao cinema – disse para a mulher, chamando ansioso como uma criança que, subitamente, distende os braços para uma esperada proteção.

Vida difícil

Ser menino-quase-homem não é sopa. É gostar de futebol e ter que fazer ginástica sueca. É admirar histórias em quadrinhos e ter que ler, (porque a professora mandou) José de Alencar e Machado de Assis. É pensar em tardes, descalço, jogando bola num campinho e passá-las, calçado, fazendo “bolo” de temas. É ouvir, diariamente, “já estás um homem” e ser proibido de ver filmes impróprios até quatorze anos.

Ser menino-quase-homem é adorar com o mesmo fervor Elvis Presley, Sophia Loren, selos comemorativos e automóveis, embora essas coisas sejam, aparentemente, um pouco diferentes. É detestar “luxos”, como cortar as unhas e os cabelos, tomar banho e ir ao dentista. É morrer de pena de uma barata descascada (coitada como ela ficou branca!) guardá-la, com todo o carinho e muito algodão, numa caixa de sapatos e depois assistir, entusiasmado, vários assassinatos, nas matinées de domingo.

Ser menino-quase-homem é discutir os assuntos mais graves, como injustiça (o caso da Aida Curi), política (os erros do Presidente), futebol (tudo), com a mais absoluta segurança e ignorar por completo a existência da gramática e dos verbos irregulares.

É abominar as mulheres e suas delicadezas (principalmente as irmãs e as primas) e desejar, secretamente, possuir algumas coisas do dito gênero – lambreta, televisão e namorada, como condição essencial para a felicidade terrestre.

É escrever ao amigo num português bárbaro, mas imprescindível à boa compreensão do assunto: “Maneca, desculpe pelo último vareio de botão que te dei. Tem que vê que eu jogo, meu chapa. Tu estás melhorando e daqui uns dias você vai estar jogando o fino. O jogo de botão é a mesma coisa que um jogo de futebol de mesa. Por isso eu vou falar agora em

futebol. Você nem queiras saber que partida houve lá no colégio. A partida foi com a minha bola, costurada com linha doble zero. A partida foi muito parelha e eu suei até me encharcar e me dava também dores de barriga de tanto correr. No final tinha muita torcida. O último gol foi muito aplaudido e fui eu que marquei. Tchau.”

Ser menino-quase-homem é viver num dualismo de coragem (“eu juro que vou quebrar a cara dele amanhã) e medo do escuro. A dúvida entre ser um menino “bem comportado” para os pais e “paca” para os colegas, ou “mal comportado” para os pais e o “coirão” da turma.

É achar a missa de domingo e, principalmente, o sermão do padre uma “chatura” e virar católico fervoroso no período dos exames (vou levar esse santinho pro colégio pra me dar sorte no latim). É achar arco-íris “muito bacana” e olhando o rio resolver que se não fosse gente o bom mesmo era ser água que todo mundo gosta.

Mesmo assim, com toda essa barafunda a gente tem vontade de dizer aos menino-quase-homens que não cresçam. Que não sejam, tão depressa, o homem insatisfeito e precário, a caminho das competições, do jogo de interesses e do desamor. O homem bicho solitário e sem nenhum lirismo possível, neste mundo de cimento e corações vazios.

Menino em férias

Ah, que coisa bem difícil é ser um menino em férias! Essa mistura de curiosidade, apetite, agilidade, instinto, tudo sobrando incompreendidamente.

Os dois saíram muito sérios para uma aventura:

- Vamos caçar passarinho?

- Tu tem funda?

- Não tenho, mas a gente caça com pedra mesmo.

As árvores estavam cheias deles, mas as pedras “rabavam” e as aves voavam num “nem-te-ligo” pra lá de humilhante. Os dois já estavam desanimando. O mais velho disse convicto:

- Se eu tivesse uma funda boa, tu ia ver que barbada.

Assim não adianta, - disse o menorzinho - , o melhor é a gente ir para casa. Terminou de falar e ouviu um piu-piu fraquinho ali perto. Olhou e exclamou, num pulo de vitória:

- Peguei um! Peguei um!

- Isso é filhote caído do ninho, retrucou o outro com desprezo.

- É filhote, mas é passarinho.

O bicho era guenzo, desajeitado, feinho como ele só. O menino pegou com muito cuidado aquele tesouro de coração e tudo, e o levou, sentindo na mão o calorzinho bom das penas.

Em casa, a avó explicou: “Meu filho, o pobre vai morrer na certa, longe da mãe. Ele não sabe voar, nem comer sozinho. É muito novo ainda.”

O menino começou a sentir uma coisa esquisita. Aquele “longe da mãe” apertava por dentro. Ele bem sabia como era ruim. A mãe trabalhava, a mãe ia ao cinema, a mãe tinha visitas e, às vezes, mesmo quando ele segurava sua mãe com toda força, sentia que ela não estava ali.

Apanhou a avezinha e saiu correndo para o parque à procura de uma mãe-pássara. Nunca o jardim lhe pareceu tão grande. As árvores acumulavam. Os galhos eram altos, inalcançáveis, e as sombras se espalhavam no chão, em estranhos desenhos.

O menino não conseguiu vislumbrar nenhum ninho, nenhum pássaro com jeito de mãe, nenhum socorro. Era como se eles dois estivessem sós no mundo.

Mas a vontade de ajudar era grande e persistente. Colocou com muito cuidado o passarinho no bolso do casaco, e subiu, pés descalços, pelo tronco áspero. Lá em cima, afastou cautelosamente as folhas e, com enorme desafogo, descobriu o ninho.

Muito terno, como um pai recente, repôs o bichinho no berço e, de mãos vazias e coração leve, voltou aos pulos para casa.

Amor próprio

Uma esperava a mãe na saída da escola e a outra passava ali por acaso.

A que esperava a mãe era viçosa. Tinha cores nos olhos, nos cabelos, na pele e até na blusa do colégio que era de um azul lindo. A outra não. Franzina, mal enjambrada, de crescimento custoso e perninhas finas, terminadas por uns sapatos esquisitos de gente grande. Foi ela quem parou fascinada diante da menina em technicolor.

- Em que colégio tu estás?

- No Americano, e tu?

- Eu estou num grupo perto de casa. Mas no ano que vem, vou para o Americano ou Bom Conselho, minha mãe já disse. O que é que tu estás fazendo aqui?

- Esperando minha mãe.

- Ela vem te buscar de carro ou a pé?

- De carro.

- Meu pai também vai comprar um carro. Nós tínhamos um muito bonito, mas ele vendeu. Agora vai comprar um “último tipo”. O que é que a tua mãe faz?

A menina da blusa azul começou a perceber o falso da conversa e mentiu:

- Minha mãe trabalha, é professora.

- A minha é enfermeira. Este ano ela se forma doutora.

A do Americano começou a analisar a outra com desconfiança. Olhou para a saia amarrotada, de fazenda barata, reparou nas mãos morenas, crestadas de secura. Demorou sobretudo os olhos nos sapatos grandes, meio tortos. Num deles a fivela hesitava em cair, e no outro já não existia mais. Foram eles que desmentiram a história do carro, do colégio, de tudo.

Por baixo da blusa o coração deu de crescer desatado e uma súbita tristura, misturada de pena, substituiu a desconfiada indiferença. A carinha colorida se compôs séria, como quem estivesse acreditando.

- Tu não achas engraçado os meus sapatos?

- Não, não acho, por quê?

- Minha mãe teimou em comprar de saltos. Eu não gosto deles. Vou ganhar uns todos brancos, lindos.

Rápidos pensamentos desfilavam na cabeça da outra. “Coitada, vai ver que os sapatos são da mãe. Será mesmo que ela vai ganhar outros? Será que ela tem mãe?” Sorriu, disfarçando, e a magrinha continuou:

- Agora vou fazer compras. Mostrou um papel rabiscado:

20 cruzeiros de guisado

¼ de arroz

1 tomate

E notando espanto na cara da outra, foi explicando:

- Não é para nós. Vou comprar isso para um vizinha que é muito pobre e não tem empregada. Tchau!

Adeus, disse a de blusa azul. E ficou triste, sofrendo de compreender, com vergonha de seus sapatos novos.

- Até o ano que vem no Americano, gritou querendo consolar.

- Até o ano que vem, disse a dos sapatos grandes numa voz sonora e feliz, como se fosse verdade.

Um menino

O vidro de suco de laranja parecia uma enorme lua amarela. No balcão iluminado – empadas, pastéis, doces – eram coisas resplandcentes. Do lado de fora, gente gulosa escolhendo, apontando com o dedo:

- Aquele ali. Não, o outro. O de coco.

O menino chegou de manso, pousou os cotovelos sujos sobre o vidro e ficou olhando. Olhou tempo.

A mulher inclinou-se para o lado e procurou sorver sua laranjada, tranquila, como se não tivesse visto o menino. O homem gordo virou-se de costas para ele, temendo ser molestado. O dono do Bar tornou-se inquieto. Estava ali para vender. Vender e não dar.

O menino continuou olhando. Parecia hipnotizado. Os cotovelos imóveis eram pequenas rodas encardidas e a cabeça, fixa entre as mãos, uma gula insuportável. A cara triste, escura, ressequida, revelava uma fome que ficava sempre para depois.

A mulher, sentada num banquinho alto, não queria pensar nele. Havia perambulado por todas as mercadorias da cidade. Comprara flores, sapatos, blusa, louça, e agora descansava o corpo moído e bebia honestamente a sua laranja. Afinal, o que tinha ela a ver com “aquilo”?! Mesmo que lhe desse o dinheiro para saciar a fome de hoje, ficaria sempre a de amanhã. Depois, ninguém podia coisa nenhuma contra as determinações de Deus. A vida era assim mesmo.

O menino ignorava os desígnios de Deus. Sabia só da sua fome. Aproximou-se do homem gordo que estava de costas e bateu, de leve, no seu braço.

O homem virou-se brusco. Havia nele um ódio acumulado. Parecia dizer consigo: “é por causa dele que estamos ameaçados. É exatamente por causa desses pequenos parias, que ninguém mais nos desculpa”. Sua voz saiu gritada, ríspida como um soco:

- Por acaso eu sou teu pai? Ora, vai amolar outro. Isso devia ser proibido pelas autoridades. Esta cidade está virando um inferno. Não se pode mais comer em paz!

O menino permanecia pregado no chão. Não se mexia. Não protestava. Não levantava a cabeça. Quando o homem parou de berrar, deu meia volta e fugiu sem ruído, como um gato assustado.

O silêncio tornou-se então um mal-estar coletivo. No centro do homem gordo, da mulher sentada, do dono do Bar, havia uma incerteza, um temor, uma culpa nascendo. Que força continha aquele corpo franzino, aquelas mãos amareladas, aqueles olhos de bicho, para violentar assim a tranquilidade de todos?

A mulher não conseguia dar respostas às próprias perguntas. Sentia na garganta um desafio à sua doçura, um protesto subjugado, um claro nojo de si mesma. Os olhos disfarçavam, perdidos em objetos inúteis, enquanto o coração se apertava, sob o peso daquela revolta covarde. A laranja ficou amarga. Levantou-se e saiu, hesitando entre as mesinhas, como se estivesse tonta ou perdida. Alguém alcançou-lhe o pacote da blusa, que ela havia esquecido. Depois, tudo continuou como sempre.

De repente, num abraço

Esperei quase vinte anos. Até que veio o primeiro, numa madrugada de abril. Os lençóis do hospital eram brancos, muito brancos e havia também um berço. Nele, estava a criança.

Não, não era a pequenez que comovia, não era a graça – era o milagre. Essa coisa sobrenatural que se comunica; algo de cálido, de terno, quebrando a superfície dos sorrisos polidos com que os homens se cumprimentam. Era como uma súbita revelação, como uma lágrima escapada, à qual a gente se abandona, cresce e se multiplica, até chegar a um misterioso mundo, carregado de enorme significação. Alguma coisa assim como um jorro de esperança. Como um pequeno fósforo que, aceso no escuro, iluminasse, por um instante, toda a Terra.

Agora, sentada aqui, diante da máquina de escrever, tenho de súbito a certeza de que nada fiz. Muitas coisas desejaria ter ensinado aos meus filhos, não fosse eu mesma um poço de dúvidas.

Em religião, por exemplo, apesar de reconhecer as vantagens das lições de Confúcio, a sabedoria das palavras de Budha, a beleza dos Evangelhos, o acerto das teorias espiritualistas, nunca pude me decidir exatamente por nenhuma delas, pois, apesar da excelência de todas as religiões, o mundo continua igual. Triste e cômico, como nas fitas de Chaplin. Nele, há homens escrevendo sobre a imprescindível necessidade das vitaminas, enquanto outros morrem de fome. Livros importantes sobre “Amor e Casamento” e mocinhas grávidas que se suicidam. Comitês Mundiais de Paz e revoluções por todo o mundo. Sociedades Protetoras de Animais e crianças dormindo pelas ruas. Instituições Filantrópicas inúmeras e um crescente egoísmo entre os homens.

Nunca pude responder honestamente a nenhuma pergunta:

- Mãe, porque existem pobres? Por que a mulher morreu? Por que fazem guerras? Por quê?... Nem mesmo as coisas mais simples consegui explicar; por que se deve chorar nas despedidas, festejar aniversários, dar pêsames aos parentes dos mortos, assistir aos desfiles militares, desejar felicidades aos outros somente nos fins de ano, cumprimentar sempre com a mão direita, escrever e comer idem, aprender inglês com urgência e cultivar uma imprescindível hipocrisia social.

Sempre pensei que o mundo deveria acabar e começar de novo, como no dilúvio e que tudo poderia ser salvo, mas fiquei apenas escrevendo cartas que não remeti, rabiscando poemas dos quais me envergonho muito, certa de que não passava de uma pessoa inútil. E nada pude fazer quando percebi que eles cresciam tanto que, em breve, não seriam mais crianças e, que, em todo esse tempo, eu não pudera evitar nenhum tombo, nenhuma decepção, nenhum sofrimento, nenhuma gripe. E, de repente, é 14 de maio. Um dia a mais em minha vida confusa e malbaratada, e eles me abraçam agradecidamente, por tudo o que não pude fazer.

Para alegrar uma menina

“A pequenina Sandra Watson, de Salisbury, na Rodésia do Sul, que comemorou seu sétimo aniversário no dia 3 do corrente, está atacada de leucemia e, segundo os seus médicos, não viverá além de três meses.

Os povos de quase todo o mundo estão recebendo o apelo de enviar saudações à menina doente.”

Não. Não é o mundo em que vives o que te prometo. Nem um outro, além desse, cheio de anjos e santos e louvores. O que desejei para ti, é o que sonho para todos desde sempre. Um mundo limpo.

Onde possamos viver sem reforçar diariamente as fechaduras, acautelar cada vez mais a carteira, a mala, o coração; onde não precisamos ser tão cuidadosos a ponto de renunciar à beleza noturna das árvores, à alegria tristíssima dos ébrios, ao conversar amigo, altas horas, sob as estrelas.

O que te prometo é um futuro onde as crianças não herdarão o nosso medo, a nossa inútil piedade, nosso cotidiano testemunhar de injustiças; onde as palavras sejam iguais e válidas em toda a Terra e “igualdade” signifique igualdade para os nordestinos do Brasil, para os índios do Peru e para os homens negros de toda a África. Um mundo onde a verdade seja una, e Deus não se constitua num ser confuso e incoerente que, sendo o mesmo Pai de todos nós, possa aceitar-nos divididos em senhores e servos, em fartos e famintos.

O que te prometo é um mundo tranquilo, onde o camponês lavre seu campo em sossego, contemple o boi com alegria, e à noite, ao dormir, possa sonhar sonhos de esperança.

E o pescador aguente, rijo, as durezas do mar, o peixe seja farto e os seus filhos sadios; que ele aceite o perigo dos ventos e dos naufrágios, sem que o acovarde o susto da miséria. E que o operário ame a máquina que lhe dá o sustento sem aviltá-lo. E que os homens convivam sem ressentimentos, numa feliz submissão aos tributos da espécie e possam comer com a mesma alegria com que amam, cantam ou rezam.

Perdoa, se não foi este o mundo que te demos. No decorrer dos dias, há ciladas suficientes para transformar nosso protesto em silêncio, nossa coragem em covardia, nosso calendário em graves esquecimentos. Perdoa, se falhamos até aqui. Sabemos pouco. Talvez ainda seja noite e, no escuro, tateando, é mais difícil encontrar o caminho. Não obstante, eu te prometo um novo amanhã, onde as penas comuns estejam irmanadas na mesma vontade de vencê-las; onde as lágrimas, nascidas de um mistério, obedeçam à mesma lei de comover-nos, a despeito de todas as fronteiras. Onde seja escandalosa a postura contemplativa do homem e, seu pecado maior, a indiferença, onde a vida não seja um estado, mas um puro ultrapassar de si mesma em amor.

Perdoa, sobretudo, se em troca de tua prematura solidão, de tua infância traída, de tua despedida necessária, posso te dar apenas esse longínquo adeus e tudo o que me resta de esperança.

Cena de rua

O tumulto era grande. Tão grande, que a moça parou espantada na esquina, esquecida dos próprios pensamentos.

No meio da rua, a carrocinha de pipocas, com a gaveta do dinheiro escancarada e vazia, tinha a aparência confusa e aflita de uma pessoa recém roubada. A mulher repetia, com voz fanhosa de choro:

- “Eu não tenho dinheiro, meu filho. Que é que eu posso fazê? Não vendi nada hoje, você qué que eu roube?”

O menino esbravejava:

- “Para aí, seu guarda! O que é que há? Você não tem nada que vê comigo, nem com a minha mãe.”

O guarda, miúdo, descolorido, precário, socorria-se em dureza. Toda sua autoridade residia na farda cáqui e ele sabia que aquele menino-grande podia desmanchá-lo com um simples empurrão.

Falava grosso:

- “Você não pode espancar sua mãe assim, rapaz. Venha comigo para a Polícia.”

- “Isso é que não, meu velho. E tira a mão de cima de mim, tá?”

O garoto estava animado por uma secreta brutalidade. O suor escorria-lhe pelas faces vermelhas e ele parecia pronto para novos socos. Enquanto a boca falava duro, os olhos do guarda pediam auxílio urgente. Mas era de tarde e véspera de Páscoa. Os andaimes escalavam o céu, alheios aos problemas do homem, as pessoas passavam com pressa, inventando presentes. Outras, mais curiosas, paravam com um ar ausente, de quem não quer comprometer-se com brigas de rua.

A moça começou a sentir um mal-estar, pareceu-lhe que errava em si própria e a culpa se grudava em seu corpo e o erro era alto e inatingível. Uma tristeza aguda tentava dizer qualquer coisa. Avisar que seria pior se resistisse, que viriam outros guardas e ele seria maltratado. Mas não pôde. Aquela cara de nojo, aquele jeito de agredir a mãe, de resistir ao guarda e, sobretudo, aquela força que ninguém ousava enfrentar, bloqueavam as palavras.

A moça sentiu que, naquele momento, todos o odiavam. Viu o menino tão perdido de bondade, tão tremendamente só e cruel que, de súbito, afagou-se em ternura: talvez nenhum de nós possa avaliar a sua vida. A casa onde você cresceu, sem luz, nem ar, nem chão, nem nada. A escola que você não frequentou, as pancadas gratuitas que devem ter-lhe dado. O pai que você nem sequer conheceu, os indivíduos que lhe ensinaram o roubo, os vícios, o cinismo e a violência. E os outros, impolutos e indiferentes, murados nas suas pequenas virtudes, que preferiram ignorá-lo, para evitar qualquer espécie de coração. Talvez você tenha razão em ser essa revolta, esse ódio, essa pedra. Mas por favor, não faça mais isso com sua mãe. Ela é a única pessoa de quem você deve ter recebido um pouco de amor. Amor sob a forma de gritos, de xingamentos, de tapas, mas amor. Por favor, prometa que não...

Neste instante, chegaram mais dois guardas e cercaram o menino. Então, a moça não quis ver mais nada e foi embora.

O menino e a águia

Essa não é inventada. Essa eu vi, bico amarrado, garras inúteis, corpo encolhido na quentura dos braços de um menino. Era novinha e tinha caído (sabe Deus porque) de um rochedo naquele baixo, onde pescador pescava de tardinha. Ele e o filho.

Águia em calçada, numa cidade de gente indo e vindo, naquela barulheira de buzina, de motores, de falas, era coisa descabida, quase triste.

Assim, e de repente, ela estava ali. E o seu ninho, abandonado no alto bom das pedras, céu claro por cima e aquele mar grande, e verde, espumando e cantante, lá, bem longe e bem perto, para quem tinha asas.

Agora era aquilo – gente. Homens, mulheres, crianças, todos rodeavam o menino e queriam saber porquês. De onde viera a águia? Como pudera prendê-la? Onde? E as perguntas se repetiam tolas, sempre as mesmas que o menino respondia com ar feliz de guerreiro vitorioso.

Águia não pensa. Se pensasse teria visto o pouco que existe na criatura humana além da curiosidade, tanto aqueles homens se ansiavam, desperdiçados, perguntantes, na pressa de querer saber tudo por cima. Uns queriam ver o comprimento das asas, que o menino estendia para gozar do espanto de todos os olhos. Outros sugeriam que a criança vendesse a ave para a Prefeitura ou para o delegado de Polícia, a fim de que fosse para o zoológico de alguma cidade – lugar de bichos raros como aquele. Outros ainda contavam coisas terríveis de outras aves de rapina e seu perigo. Sob um certo disfarce todos exibiam sobressalto. O bico amarrado e a aparente quietude não eram garantias suficientes. Uma senhora alarmou:

- Cuidado, esse bicho é medonho. Daqui a pouco se solta e crava as garras em alguém. Deus nos livre!

Temiam. Temiam sem saber que, até para uma águia, amar é o único jeito de existir verdadeiro. E, se ela rapinava, quando em vez, coisas tenras e indefesas, ainda era de amor por si e os filhotes, no alto agreste, esperando alimento.

A águia suportava. Parecia conformada de terem feito de si o que não era - uma águia de calçada. Mas no corpo, nos olhos, no bater do coração, a altivez da rocha, o verde escuro, escuro, de um mar indomável, a rigidez da pedra, ainda eram coisas suas. E qualquer um notava o quase-martírio de ter que ficar assim tão quieta e esmorecida. Parecia ter saudade de

um silêncio que não era silêncio. Mais o grosso do mar batendo em repetido estrondo. E o grito de alguma ave solitária, habituada a andar pelos caminhos do escuro, e o ruído do vento e assobios agudos anunciando tempestade.

Qualquer um via que ela não tinha sido feita para o simples de uma gaiola e sem-gosto da água de todos e a comida facilitada pelas mãos dos outros.

A tarde escurecia. Nos olhos da águia, depois de espanto, começava o cansaço. Por instantes fechava os olhos e era suave entrar na pequena paz do sono.

O menino continuava feliz. Nada sabia. Mas uma águia presa, sem licença de voos, de alturas, de céu, só podia dormir assim, em desesperanças e tédio.

Cidade quase doida

Não é a primeira vez que nos encontramos. Dela tenho imagens de muitos anos, coisas que ainda ressoam infância dentro de mim. Mas o fato é que, desta vez, nos defrontamos com uma certa perplexidade. Talvez sejam os meus olhos que se habituaram a paisagens mais tranquilas ou restritas, ou – quem sabe – ela está mesmo endoidecendo.

Tudo agora é tão corrido que não se sabe se as ruas estão indo ou vindo, e se as pessoas, que correm sobre elas em hordas apressadas, têm destino pré-determinado, ou apenas se empurram por necessidade de provar a própria existência.

Nos cartazes, os anúncios se digladiam em terrível competição:

COMPRE AQUI

VEJA NOSSOS PREÇOS

LIQUIDAÇÃO

ARTIGO DO DIA

TORRA-SE

Só há descanso, mesmo, nas filas. Filas para cinema, para elevadores, para restaurantes, para condução, para carne, para tudo. Até os mortos fazem fila. Um deles,

plantado no asfalto por atropelamento, esperou várias horas, com infinita paciência, para ser removido e enterrado.

As repartições públicas continuam. Nelas falta exatamente o funcionário com quem deveríamos falar. E a coisa chega a tal ponto, que nos assalta a vontade de pregar aquele imenso aviso já conhecido: “PEDE-SE AOS SENHORES FUNCIONÁRIOS O FAVOR DE NÃO SE RETIRAREM ANTES DE TEREM CHEGADO”.

À noite, os anúncios luminosos repetem cansados sempre as mesmas mensagens, enquanto as mulheres se acendem e apagam em frequentes sorrisos. Nelas, as roupas são um eterno truque. As maduras vestem saias tão rodadas e curtas, que parecem estranhas colegiais envelhecidas, e as meninas, em *slacks* ajustados e grandes decotes, se desejam mulheres muito fatais.

As crianças é que dão pena. São pálidas e agitadas. Falam certo como gente grande, vivem como gente grande e quase não brincam. Na calçada é perigoso, nos edifícios, proibido, na praia não tem quem leve. Uma dizia para a mãe, debruçada numa janela escura: “Você acha que o sol hoje vai conseguir chegar até a nossa janela?”

No mais, o poeta Drummond continua ele mesmo. Amigo, simples – não humilde e muito menos vaidoso. Um caminho em profundidade.

O mar cada vez mais mar. O sol driblando o inverno e a paisagem nova e inigualável, mesmo para os olhos antigos.

Dos apressados

Observar um boi vivendo seu destino de mansidão e calma é uma lição de eternidade. Parado na manhã fresca e instável, ele ruminava contido, como se qualquer transbordamento de sua força fosse uma quebra daquela luminosidade harmoniosa. Só a cauda batia leve, de quando em quando, para espantar alguma mosca pousada em seu dorso.

Talvez que a tranquilidade dos irracionais provenha de uma ignorância da noção de tempo, de decomposição, de morte.

Depois que os homens descobriram essa máquina de medir tempo que carregam consigo como aviso, a vida tornou-se em desespero. Todos ficaram possuídos desse

sentimento de urgência, de minuto escoando e andam aflitos pelas ruas como se estivessem chegando atrasados para um encontro impossível.

As maneiras de ganhar tempo se multiplicaram, os transportes tornam-se cada vez mais rápidos e já existem aviões que cortam os céus com velocidades inacreditáveis.

Onde chegarão esses homens apressados? Será que conseguirão atingir algum maravilhoso país onde não haja ódios, violências, traições? Onde os patriotas de hoje não fuzilem os de ontem? Onde não exista inflação, miséria, fome? Onde não se classifiquem os homens pelas suas contas nos bancos?

Talvez a pressa seja apenas um vício do homem da cidade. Um vício tão feio como o de morar em escuros edifícios ou o de andarem em grupos mais ou menos desunidos e sem entusiasmo, ligados pelas mesmas coisas desimportantes.

Na verdade, todos os habitantes de uma cidade deviam, pelo menos uma vez por ano, observarem um boi vivendo. Não duvidamos, é pelo exemplo dos bois que essa gente de fora fala sem pressa, vive sem pressa, sofre sem pressa.

Algures, uma mulher trabalha, no campo, por 800 cruzeiros mensais, como se a vida não tivesse triplicado centenas de vezes. Ela faz tudo em silêncio, sem queixa. Toma conta dos animais, das plantas, das aves e das abelhas. Sabe que não adianta querer encurtar o tempo porque tudo virá a seu prazo. As árvores florescerão na primavera e depois darão seus frutos. Os animais se multiplicarão sem nenhuma interferência e as abelhas entregarão seu mel no dia aprazado. Sem nunca ter lido os Evangelhos ela compreende que há o tempo de semear e o tempo de colher e milagrosamente intui a importância disso. Parece que adivinha que de nós, algo melhor do que veículos de alta velocidade, bombas atômicas e foguetes interplanetários que procuram desvendar o céu e seus mistérios.

É tão amena e tão sábia na sua simplicidade que se nos perguntasse pelo que fazemos na cidade nos sentiríamos envergonhados e confusos por sermos apenas essa habitual sucessão de dias, horas e minutos, por pertencermos a esse tumultuoso e inexplicável mundo de vidas esbanjadas em correrias, onde não sabemos mais aproveitar as nuvens, os arco-íris e as estrelas.